

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

KÉRCIA ROSARIO FIUZA OLIVEIRA

**SUJEITO NULO OU SUJEITO PREENCHIDO? UMA ANÁLISE DA VARIEDADE
FALADA PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS RÃS - BAHIA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

KÉRCIA ROSARIO FIUZA OLIVEIRA

**SUJEITO NULO OU SUJEITO PREENCHIDO? UMA ANÁLISE DA VARIEDADE
FALADA PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS RÃS – BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Elisângela Gonçalves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

O48s Oliveira, Kércia Rosário Fiuza.
 Sujeito nulo ou sujeito preenchido? Uma análise da variedade falada pela Comunidade Quilombola Rio das Rãs - Bahia. / Kércia Rosário Fiuza Oliveira; orientadora Elisângela Gonçalves da Silva -- Vitória da Conquista, 2020.
 104f.

Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2020.

Inclui referência F. 100 – 104.

1. Sujeito de referências definida. 2. Parâmetro do sujeito nulo – Português Brasileiro. 3. Comunidade Quilombola Rio das Rãs. 4. Sociolinguística paramétrica. I. Silva, Elisângela Gonçalves da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III

CDD: 469.709

Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890**
 UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Null subject or full subject? An analysis of the variety spoken by the quilombola community Rio das Rãs - Bahia

Palavras-chave em inglês: Rio das Rãs Quilombola Community. Null Subject Parameters. Brazilian Portuguese. Parametric Sociolinguistics. Subjects with Definite Reference.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva (Presidente); Profa. Dra. Maria Eugênia Lammoglia Duarte (Titular); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Titular).

Data da defesa: 24 de agosto de 2020

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3167-4679>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1715703819638687>

KÉRCIA ROSARIO FIUZA OLIVEIRA

**SUJEITO NULO OU SUJEITO PREENCHIDO? UMA ANÁLISE DA VARIEDADE
FALADA PELA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA RIO DAS RÂS – BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 24 de agosto de 2020.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva
(Presidente-Orientadora)
Instituição: UESB

Ass.: Elisângela

Prof. Di. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB

Ass.: Jorge

Profa. Dra. Maria Eugenia Lammoglia
Duarte
Instituição: UFRJ

Ass.: Maria Eugenia Duarte

Às minhas mães, Antonieta e Iedeci; ao meu pai, Enivaldo; e aos amigos que, com muito carinho e apoio, me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

À minha orientadora, Elisângela Gonçalves, que me acolheu como orientanda desde a Iniciação Científica, na graduação, apresentando-me o mundo da pesquisa acadêmica. Sou grata por cada orientação, pelas discussões esclarecedoras, críticas construtivas, questionamentos e sugestões, que me ajudaram a crescer enquanto pesquisadora. Tenho imenso orgulho da oportunidade de trabalhar com uma profissional tão incrível que, com seu profissionalismo e dedicação, guiou-me ao melhor caminho para o sucesso desta etapa.

À banca examinadora, composta pela Professora Doutora Maria Eugênia Lammoglia Duarte e pelo Professor Doutor Jorge Augusto Alves, que tão gentilmente aceitaram participar das bancas de defesa e qualificação. Agradeço por toda avaliação e colaboração ao trabalho, principalmente pelas valiosas contribuições na banca de qualificação. Em especial, à professora Maria Eugênia Duarte, referência nos estudos sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo, pela concessão de seus textos inéditos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da UESB, por contribuírem significativamente para a conclusão deste mestrado.

Aos funcionários do PPGLin, pelo apoio, colaboração e serviços prestados.

Aos meus pais, Iedeci, Antonieta e Enivaldo, pelo amor incondicional, por estarem sempre preocupados comigo e com minha formação intelectual e moral, principalmente, pelo apoio e incentivo para superar todas as dificuldades durante essa jornada.

A todos os meus familiares, que estiveram sempre por perto, torcendo pelo meu sucesso.

Ao meu companheiro, Renato, por todo o seu amor, dedicação, apoio, incentivo, companheirismo e compreensão pelas ausências durante essa fase, escutando e ajudando-me nos momentos de dificuldades, sempre disposto a contribuir no que era necessário.

À minha irmã, Marina Pinchemel, pelo amor, apoio e incentivo na realização desta pesquisa, por acreditar no meu potencial de pesquisadora, pela parceria nesta caminhada e força para superar as dificuldades enfrentadas durante essa jornada.

À colega Juscimaura Cangirana, pelas contribuições a respeito da história da comunidade pesquisada e da coleta dos dados.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa de morfossintaxe, pelo aprendizado e amizade compartilhados, apoio e companhia na participação de eventos acadêmicos.

Aos professores e colegas do Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* (LAPELINC), pelos momentos de trocas de experiências e saberes.

Sobretudo, a Deus, pela presença constante em minha vida, que me guiou nessa jornada, abençoando-me com saúde, sabedoria, força, persistência e determinação para concluir este trabalho.

RESUMO

Nesta dissertação, analisamos o uso do sujeito pronominal de referência definida na fala da comunidade linguística quilombola Rio das Rãs, situada no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia, sob a perspectiva da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989-2007), que associa pressupostos teóricos de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008). O estudo desse *corpus* se justifica pelo fato de poder contribuir para a caracterização do português brasileiro no que se refere à discussão acerca do Parâmetro do Sujeito Nulo. Nesse *corpus*, que é composto por dados de 24 (vinte e quatro) entrevistas, com duração de aproximadamente 50 a 60 minutos cada, estudamos a variável dependente ‘sujeito pronominal nulo’ *versus* ‘sujeito pronominal preenchido’, levando em consideração os fatores linguísticos: *pessoa do discurso, morfologia verbal, forma verbal, tempo verbal, estrutura de CP, adjuntos antes do sujeito, categorias funcionais entre o IP e o núcleo de IP, padrão sentencial, sujeitos deslocados à esquerda, traço semântico do referente*; e sociais: *sexo, faixa etária, escolaridade, rede de relações sociais, exposição à mídia*. Dessas variáveis linguísticas consideradas, o Pacote de Programa Estatístico selecionou como significante os grupos (i) *pessoa do discurso*; (ii) *padrão sentencial*; (iii) *traço semântico do referente de 3ª pessoa*; (iv) *forma verbal*; (v) *morfologia verbal*; (vi) *tempo verbal*; (vii) *estrutura do CP*; entre as variáveis sociais não sobressaiu nenhum grupo de fatores. Os dados coletados foram submetidos ao Programa *Goldvarb X*. Ao término das rodadas, foram detectadas 1534 (um mil, quinhentos e trinta e quatro) ocorrências, das quais, obtivemos um percentual de 80,9% de sujeito pronominal exposto em oposição a 19,1% de sujeito pronominal nulo. Os resultados quantitativos evidenciam o alto preenchimento do sujeito pronominal na fala dos moradores de Rio das Rãs, o que representa um indício de que essa comunidade parece estar caminhando na mesma direção que vem percorrendo o português brasileiro rumo ao preenchimento do sujeito, como tem sido demonstrado em trabalhos acerca da variedade urbana, como os de Duarte (1995; 2019), Cavalcante (2001), Duarte e Rezende dos Reis (2018), entre outros. A hipótese inicial proposta por esta pesquisa de que os moradores mais jovens da comunidade Rio das Rãs utilizariam mais a estratégia de preenchimento do sujeito, podendo revelar uma mudança em curso, não foi comprovada, visto que não houve um emprego mais significativo dessa variável pelos falantes mais jovens com relação aos das demais faixas etárias, o que nos revela um resultado muito interessante, pois demonstra que essa variável está disseminada no sistema linguístico do

português brasileiro como um todo, seja na variável urbana seja na variedade quilombola, como a aqui estudada.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidade quilombola Rio das Rãs; Parâmetro do Sujeito Nulo; Português Brasileiro; Sociolinguística Paramétrica; Sujeitos de referências definida.

ABSTRACT

In this dissertation we analyze the use of the pronominal subject with definite reference in the speech of Rio das Rãs, a quilombola linguistic community located in Bom Jesus da Lapa - Bahia, in accordance with the Parametric Sociolinguistics (TARALLO; KATO, 1989-2007) that joins presuppositions about the Principles and Parameters Theory (CHOMSKY, 1981) and the Language Variation and Change Theory (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008). The study of this *corpus* contributes to the characterization of Brazilian Portuguese regarding the Null Subject Parameters. In this *corpus*, which is composed by 24 (twenty four) interviews that are about 50 to 60 minutes duration each, we study the dependent variation between the ‘null pronominal subject’ and the ‘full pronominal subject’, considering the linguistic factors: *person speech, verbal morphology, verbal form, verbal tense, structure of CP, adjuncts used before the subject, functional categories between IP and the IP core, sentence pattern, left dislocated subjects, semantic feature of the referent*; and social: *sex, age, education level, social network, media exposure*. From these linguistic variations, the statistical program package selected as relevant groups: (i) *person speech*; (ii) *sentence pattern*; (iii) *semantic feature of the referent*; (iv) *verbal form*; (v) *verbal morphology*; (vi) *verbal tense*; (vii) *structure of CP*; among the social variation, there was not any group of factors to highlight. The data collected were submitted to the *Goldvarb X* program. After that, the program detected 1534 (one thousand five hundred thirty four) occurrences which 80,9% matched to the full pronominal subject while 19,1% matched to the null pronominal subject. The results show a high use of the full pronominal subject in the speech of the inhabitants of Rio das Rãs. It means that this community seems to be in the same direction as the Brazilian Portuguese towards to the use of the full pronominal subject. This use has already been attested by studies about urban variety like the ones developed by Duarte (1995; 2019), Cavalcante (2001), Duarte and Rezende dos Reis (2018), and other researchers. The initial hypothesis proposed by this study was that the youngest inhabitants of Rio das Rãs would use more the full pronominal subject, what could reveal a possible change on going. This hypothesis was unconfirmed, since there was not a significant use of this variation by the youngest speakers compared to other ages, what reveals a very interesting result, because it shows that this variation is spread all around the Brazilian Portuguese linguistic system, not only in the urban variety, but also in the quilombola variety, as the one studied here.

KEYWORDS

Rio das Rãs Quilombola Community.; Null Subject Parameters; Brazilian Portuguese;
Parametric Sociolinguistics; Subjects with Definite Reference.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sujeito pronominal expesso segundo a pessoa gramatical e a faixa etária (%)...38	38
Gráfico 2 – Sujeito pronominal expesso, segundo o tipo sintático de oração (%)..... 40	40
Gráfico 3 – Sujeito pronominal expesso, segundo a transitividade verbal (%).....41	41
Gráfico 4 – Sujeito de referência [+ARB] na fala espontânea (%).....43	43
Gráfico 5 – Sujeito expesso versus nulo, segundo a pessoa gramatical e a faixa etária (%)..46	46
Gráfico 6 – Sujeito pronominal expesso, segundo a hierarquia referencial (%)..... 46	46
Gráfico 7 – Sujeito pronominal expesso, de acordo a pessoa do discurso e a faixa etária (%)..48	48
Gráfico 8 – Sujeito pronominal preenchido <i>versus</i> sujeito pronominal nulo (%)..... 77	77
Gráfico 9 - Sujeito pronominal preenchido, de acordo a pessoa do discurso (%)..... 80	80
Gráfico 10 – Sujeito pronominal preenchido, de acordo o padrão sentencial (%)..... 82	82
Gráfico 11 – Sujeito pronominal preenchido, segundo o traço semântico do referente de 3ª pessoa (%).....84	84
Gráfico 12 – Sujeito pronominal preenchido, de acordo a forma verbal (%)..... 85	85
Gráfico 13 – Sujeito pronominal preenchido, segundo a morfologia verbal (%)..... 87	87
Gráfico 14 – Sujeito pronominal preenchido, segundo o tempo verbal (%).....90	90
Gráfico 15 – Sujeitos pronominal preenchido, segundo a estrutura do CP (%)..... 92	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação dos informantes, de acordo o perfil social.....	58
Quadro 2 – Variáveis linguísticas e variáveis sociais.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fatores selecionados como significantes para a ocorrência do sujeito preenchido	37
Tabela 2 – Sujeito pronominal pleno, segundo o tempo verbal.....	39
Tabela 3 - Sujeito pronominal expresso, segundo o traço semântico do referente.....	42
Tabela 4 – Sujeito pronominal pleno, de acordo o padrão sentencial.....	49
Tabela 5 – Sujeito pronominal pleno, de acordo os feixes de traços semânticos.....	49
Tabela 6 – Sujeito pronominal pleno, de acordo a estrutura do CP.....	50
Tabela 7 – Grupos de fatores selecionados como significantes para a ocorrência do sujeito preenchido, de acordo a ordem de seleção do programa.....	75
Tabela 8 – Variável dependente: sujeito pronominal preenchido versus sujeito pronominal nulo (% e p.r.).....	76
Tabela 9 – Sujeito preenchido, segundo a pessoa do discurso (% e p.r.).....	79
Tabela 10 – Sujeito preenchido, segundo o padrão sentencial (% e p.r.).....	81
Tabela 11 – Sujeito preenchido, de acordo o traço semântico do referente de 3ª pessoa (% e p.r.).....	83
Tabela 12 – Sujeito preenchido, segundo a forma verbal (% e p.r.).....	85
Tabela 13 – Sujeito preenchido, de acordo com a morfologia verbal (% e p.r.).....	86
Tabela 14 – Frequência de sujeito pronominal preenchido, segundo a morfologia verbal e a pessoa do discurso (%)......	88
Tabela 15 – Sujeito preenchido, de acordo o tempo verbal (% e p.r.).....	89
Tabela 16 – Sujeito preenchido, segundo a estrutura de CP (% e p.r.).....	91
Tabela 17 – Sujeito preenchido, segundo a faixa etária (% e p.r.).....	93

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

Agr	Agreement
Anim	Animado
Arb	Arbitrário
CP	Sintagma complementizador
DE	Deslocamento à Esquerda
DP	Sintagma Determinante
EMITec	Ensino Médio com Intermediação Tecnológica
Esp	Específico
Hum	Humano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IP	Sintagma flexional
LSN	Língua de Sujeito Nulo
NURC	Norma Urbana Culta
OVS	Objeto, verbo, sujeito
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PP	Pessoa do plural
p.r.	Peso relativo
PPRR	Português Popular Rio das Rãs
PS	Pessoa do singular
S	Sujeito
SN	Sintagma nominal
SPEC	Especificador
SP	Sintagma preposicional
SVO	Sujeito, verbo e objeto
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TP&P	Teoria de Princípios e Parâmetros
TVM	Teoria da Variação e Mudança Linguística
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
UNISA	Universidade de Santo Amaro
V	Verbo
VS	Verbo, sujeito

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 A Sociolinguística Paramétrica.....	20
3 REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA.....	33
3.1 Duarte (1995): A Perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro.....	34
3.2 Duarte e Rezende dos Reis (2018): Revisitando o sujeito pronominal.....	44
3.3 Duarte (2019a): Análise contrastiva do sujeito pronominal preenchido no PE e no PB	51
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
4.1 A comunidade linguística analisada.....	54
4.2 O corpus da pesquisa.....	57
4.3 Seleção dos informantes.....	57
4.4 Instrumentos de pesquisa.....	59
4.5 Coleta e transcrição dos dados.....	59
4.6 Levantamento dos dados.....	59
4.7 As variáveis da pesquisa.....	61
4.8 Variável dependente.....	61
4.8.1 Variáveis linguísticas independentes.....	62
4.8.1.1 Pessoa do discurso.....	63
4.8.1.2 Morfologia verbal.....	64
4.8.1.3 Forma verbal.....	64
4.8.1.4 Tempo Verbal.....	65
4.8.1.5 Estrutura do CP.....	65
4.8.1.6 Adjuntos antes do sujeito.....	66
4.8.1.7 Categorias funcionais entre o especificador de IP e o núcleo de IP.....	66
4.8.1.8 Padrão sentencial.....	67
4.8.1.9 Sujeitos deslocados à esquerda.....	68
4.8.1.10 Traço semântico do referente de 3ª pessoa.....	68
4.8.2 Variáveis sociais independentes.....	69
4.8.2.1 Sexo.....	69
4.8.2.2 Escolaridade.....	70
4.8.2.3 Faixa etária.....	70

4.8.2.4 Rede de relação social.....	71
4.8.2.5 Exposição à mídia.....	72
5 A REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS EXPRESSOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DA RÃS.....	74
5.1 Análise dos resultados.....	76
5.1.1 Variáveis linguísticas independentes.....	78
5.1.1.1 Pessoa do discurso.....	78
5.1.1.2 Padrão sentencial.....	80
5.1.1.3 Traço semântico do referente de 3 ^a pessoa.....	83
5.1.1.4 Forma verbal.....	84
5.1.1.5 Morfologia verbal.....	86
5.1.1.6 Cruzamento do grupo de fatores morfologia verbal com a pessoa do discurso.....	88
5.1.1.7 Tempo verbal.....	89
5.1.1.8 Estrutura do CP.....	91
5.1.2 Variáveis sociais independentes.....	92
5.2 Uma pequena amostra de evidência da mudança: construções de Deslocamento à Esquerda.....	94
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100

1 INTRODUÇÃO

O Parâmetro do Sujeito é o tema de trabalho deste estudo, cujo objeto de análise é o vernáculo da comunidade quilombola Rio das Rãs, situada na zona rural de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

O interesse em trabalhar com esse Parâmetro nos foi despertado no grupo de Iniciação Científica, coordenado pela professora Elisângela Gonçalves, ao acompanhar o estudo do preenchimento da posição de sujeito em construções impessoais pelo pronome de 3ª pessoa “ele” (BRITO; OLIVEIRA; CHAVES; GONÇALVES, 2015; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2015). Assim sendo, quando a professora falou sobre a pesquisa realizada por sua orientanda de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), Juscimaura Cangirana, que estava estudando a marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, aguçamos nossa curiosidade para saber como esse parâmetro estava se comportando nessa comunidade quilombola, já que o fenômeno do sujeito nulo é pouco pesquisado em variedades rurais, se comparado aos estudos em variedades urbanas.

A pesquisa sobre o Parâmetro do Sujeito, um dos fenômenos mais estudados nas línguas naturais, ao ser realizada nessa comunidade linguística, poderá contribuir para a caracterização do Português Brasileiro (PB), sobretudo, considerando-se que se trata de uma variedade linguística que se constituiu por meio do contato entre diferentes povos aloglotas. Dessa forma, o estudo do vernáculo de uma comunidade quilombola, que preserva traços herdados do português antigo, se justifica por poder nos revelar características do PB contemporâneo ainda não verificadas em trabalhos que abordam a variedade urbana.

Esta pesquisa analisa o português falado na comunidade Rural de Rio das Rãs, mais especificamente, o Parâmetro do Sujeito, com base na amostra constituída por 24 entrevistas, ordenadas da seguinte forma: (i) Sexo: 12 do sexo masculino e 12 sexo feminino; (ii) Faixa etária: 08 jovens – 25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos; (iii) Escolaridade: 12 sem escolaridade (com 0 a 02 anos de estudos) e 12 semialfabetizados (com 03 a 05 anos de estudos).

À luz da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989-2007), a análise do fenômeno do sujeito nulo, no *corpus* apresentado, é direcionada com base nos seguintes problemas / questões: (i) Uma variedade falada por uma comunidade quilombola, como Rio das Rãs, Bahia, cujos moradores preservam marcas linguísticas do português resultante do contato entre povos aloglotas nos primeiros anos da colonização, mantém-se em variação estável ou em

mudança em curso, com os mais jovens implementando o preenchimento do sujeito? (ii) Quais são os condicionamentos linguísticos e sociais que favorecem o emprego do sujeito preenchido e quais os que não o favorecem?

A hipótese deste trabalho é que os moradores mais jovens da comunidade Rio das Rãs utilizarão mais a estratégia de preenchimento do sujeito, o que poderá revelar uma mudança em curso, pois consideramos que os moradores mais jovens, pelo fato de terem acesso ao estudo formal e ao recursos de mídia, são mais suscetíveis às influências externas e do mercado de trabalho e, por manterem um contato maior com falantes da zona urbana, tendem a apresentar um comportamento linguístico cada vez mais próximo da variedade urbana, que vem apresentando uma tendência progressiva para a realização do sujeito.

Para responder às questões postas e verificar a hipótese apresentada, temos por objetivo geral analisar a ausência/presença do sujeito pronominal de referência definida na fala da comunidade linguística quilombola Rio das Rãs, com o intuito de verificar se estamos diante de variação estável ou mudança em progresso. Em consonância com este objetivo, elegemos três objetivos específicos:

- (a) averiguar quais os fatores linguísticos e sociais que mais favorecem o emprego do sujeito realizado foneticamente;
- (b) contribuir para o estudo da constituição do português brasileiro, por meio da análise do vernáculo da comunidade Rio das Rãs, mais especificamente, quanto ao Parâmetro do Sujeito;
- (c) colaborar, com dados selecionados, organizados e quantificados, para o desenvolvimento de outros estudos que virão a ser realizados a respeito do sujeito nulo no português brasileiro.

Esta dissertação é composta por 6 (seis) seções. Nesta primeira, buscamos informar ao leitor o que nos motivou à constituição dessa pesquisa, bem como apresentar o que será analisado nesta dissertação.

Na segunda seção, *Fundamentação teórica*, tratamos dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Paramétrica, a qual nos auxiliou no levantamento de hipóteses do fenômeno variável, no estudo da possível mudança, na observação dos fatores que favorecem ou inibem o fenômeno, bem como nos efeitos do “encaixamento” da possível mudança no sistema linguístico. Abordamos ainda a variedade linguística do português, *o português afro-brasileiro*, com base em Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009).

Na seção 3, intitulada *Revisão da Bibliografia*, apresentamos os estudos de Duarte (1995) e de Duarte e Rezende dos Reis (2018) que tratam do Parâmetro do Sujeito no PB, assim como a análise contrastiva de Duarte (2019a) do sujeito referencial nulo no PE e no PB.

Na quarta seção, *Procedimentos Metodológicos*, discutimos a metodologia da pesquisa, baseada na Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989-2007), que associa pressupostos teóricos de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008).

Na seção 5, *A representação dos sujeitos expressos na comunidade quilombola Rio da Rãs*, encontra-se a análise e discussão dos dados sobre o Parâmetro do Sujeito, evidenciando as variáveis de maior significância selecionadas pelo Programa *Goldvarb X*, entre elas: pessoa do discurso, morfologia verbal, forma verbal, tempo verbal, estrutura do sintagma complementizador (CP), padrão sentencial, traço semântico do referente de 3ª pessoa.

Finalmente, na última seção, apresentamos as considerações finais sobre a interpretação dos resultados acerca da variação do uso do sujeito pronominal.

Esperamos que este estudo da fala vernácula registrada no *corpus* de amostra de fala da comunidade quilombola Rio das Rãs possa contribuir para a discussão acerca do fenômeno do sujeito nulo *versus* sujeito preenchido no PB, colaborando, assim, para sua caracterização.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que orientam esta pesquisa, a saber, a Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989-2007), que associa pressupostos teóricos de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008). Em seguida, abordamos o português afro-brasileiro falado nas comunidades afro-brasileiras com base em Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009).

2.1 A Sociolinguística Paramétrica

Em 1987, Fernando Tarallo publicou um ensaio no qual propunha demonstrar que pesquisas baseadas na união entre as análises propostas por Labov e o quadro teórico chomskiano eram possíveis, fundamentado da leitura “parametrizada” dos resultados de estudos de vertentes variacionistas do francês canadense, do espanhol das Américas e do português do Brasil.

Embora a concepção do modelo sintático-teórico fosse nova, alguns autores, ainda que de forma introdutória, deram início ao trabalho de parametrização: Kean (1975), Kayne (1981), Rizzi (1982) e Safir (1982), entre outros. Segundo Borer (1983), esses estudos deram grandes contribuições para a compreensão da variação linguística intersistêmica; além disso, o autor esperava que trabalhos futuros incorporassem os resultados ao modelo da sintaxe paramétrica.

Para Tarallo (1987, p. 52), o título do livro de Borer, *Parametric Syntax: Case Studies in Semitic and Romance Languages*, já traz uma grande responsabilidade: “a de estabelecer, sistematizar e viabilizar” um modelo que fosse generalizante e, ao mesmo tempo, restritivo e que explicasse a variação linguística intersistêmica. Dois objetivos centrais norteavam a concepção do livro: (i) apresentar, por meio da sintaxe paramétrica, uma teoria restritiva de variação intersistêmica; (ii) mostrar a força descritiva e explicativa do modelo. O autor considera essencial a interação entre a variação linguística intersistêmica e o modelo paramétrico. Os parâmetros estimulam o entendimento e o conhecimento do pesquisador sobre a variação linguística intersistêmica.

De acordo com Tarallo (1987), o aprofundamento da teorização dos parâmetros, que diz respeito à busca, à estabilização, à refinação e à fixação de parâmetros, recai na procura de respostas a duas questões abordadas por Borer (1983, p. 2): “[...] which component of the grammar will assume the burden of delimiting the universal principles so as to generate the wide variety of existing grammars?” e “What will determine the parametric range?”, as quais

mantêm uma relação com três dos cinco princípios apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (1968) nos *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*: (i) o princípio das restrições, que determina, por meio da análise, os fatores de possíveis mudanças e os fatores de possíveis condições de mudanças que possam acontecer em determinado fenômeno; (ii) o princípio do encaixamento, que, por meio da análise, identifica, de um lado, qual o fenômeno que desencadeou a entrada de uma nova variante no sistema, e, de outro, quais outras mudanças foram resultantes da entrada desse novo traço no sistema, de forma não casuística, visto que “as mudanças acontecem em teias e ecoam umas nas outras” (TARALLO, 1993, p. 74) – por meio desse princípio, busca-se identificar como um fenômeno linguístico em variação encontra-se “encaixado” na estrutura interna da língua e no sistema de relações sociais; (iii) o princípio da implementação, o qual, a partir da análise, determina quais são os fatores envolvidos na implementação da mudança e da variação e por que certas mudanças ocorrem em determinados contextos linguísticos e não em outros, ou em determinados lugares e não em outros.

Nas questões abordadas por Borer (1983), notamos que este estava em busca de uma variação intersistêmica, enquanto Weinreich, Labov e Herzog (1968) estavam preocupados com a variação intrassistêmica. É exatamente neste momento que Tarallo assinala a complementaridade entre os dois modelos, mesmo havendo oposição entre essas perspectivas teóricas. O que importa é que os conhecimentos dos estudos gerativistas (variação intersistêmica) podem ser valiosos para os conhecimentos dos estudos sociolinguísticos (variação intrassistêmica), ou seja, a descrição dos fenômenos de variação e mudança no interior de uma língua certamente colaboram para a delimitação de seus parâmetros, quer numa perspectiva sincrônica (comparação entre as diferenças paramétricas entre as línguas existentes, em um mesmo momento histórico), quer numa perspectiva diacrônica (comparação das diferenças paramétricas descritas nos trabalhos sincrônicos do passado ao tempo atual, no decorrer de momentos históricos diferentes). Nas palavras do autor:

Salientamos, acima, através do texto de Borer [1983, p. 254], a inovação do modelo sintático paramétrico através da incorporação de uma nova dimensão de análise: a variação linguística inter-sistêmica. Ressaltaremos e argumentaremos no presente ensaio que, apesar de a teoria da variação (e da mudança) linguística se ater quase que exclusivamente à variação intralinguística, uma leitura e análise criteriosa de dados translinguísticos e/ou diacrônicos, cujos resultados tenham sido obtidos a partir do exame de vários sistemas linguísticos via teoria da variação e da mudança (do grupo românico ocidental, por exemplo), podem produzir generalizações, menos “indutivas” e mais “dedutivas” e mais “ao sabor” dos princípios previstos em um modelo paramétrico de sintaxe. (TARALLO, 1987, p. 55).

Para demonstrar a possibilidade dessa complementaridade, Tarallo (1987) realizou uma leitura parametrizada dos resultados das análises de vertentes variacionistas do francês canadense, do espanhol das Américas e do português do Brasil. A título de exemplo, apresentamos a reflexão de três estudos seus, um para cada uma das três línguas citadas anteriormente, sobre o funcionamento da segunda propriedade associada ao Parâmetro do Sujeito (bastante discutida atualmente): a Inversão Livre do Sujeito.

De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros, em seus primórdios (início dos anos 1980), considerando-se o Parâmetro do Sujeito, as línguas estariam divididas em dois grandes grupos: as línguas *pro-drop*, que permitem uma categoria vazia na posição de sujeito, e as línguas não *pro-drop*, que consentem um sujeito expreso. Esse parâmetro foi definido com base em um conjunto de propriedades, entre as quais está a Inversão Livre do Sujeito. O espanhol e o português são caracterizados como línguas *pro-drop*, o que pressupõe a inversão do sujeito, enquanto o francês é uma língua não *pro-drop*, o que presume a não inversão do sujeito. A parametrização dispõe as línguas em grupos distintos; no entanto, desde os trabalhos de Dubuisson (1981), Corvalán (1982) e Lira (1986), pôde-se verificar que a inversão de sujeito pode ocorrer nos dois grupos – tanto em línguas *pro-drop* como em línguas não *pro-drop* – e de forma bem semelhante. Os autores demonstram, ainda, que a inversão não é livre, mas condicionada a determinados fatores, como: (i) desfavorecimento da posposição do sujeito, por causa da presença dos verbos transitivos (em francês, espanhol e português); (ii) favorecimento da posposição do sujeito quando há a presença de um “gatilho” desencadeador (na forma de uma palavra interrogativa ou um advérbio) em posição pré-verbal (em francês e espanhol); (iii) limitação da inversão pelo peso do sintagma nominal sujeito - quanto maior o peso do sintagma nominal sujeito, maior a probabilidade da inversão (em português e francês). Os estudos desses autores apontam para o fato de que, no francês, a ocorrência da ordem verbo/sujeito é muito restrita.

Diante desses dados, Tarallo (1987, p. 74) questiona: “Será o francês um sistema tão *pro-drop* quanto o espanhol e o português? Serão o espanhol e o português menos *pro-drop* do que se pensa?”. O autor chega à conclusão de que nenhuma das alternativas está correta, pois, se, de fato, houvesse interação entre as propriedades do Parâmetro do Sujeito, teria que se manter a diferença entre o francês, de um lado, por ser uma língua que comporta o sujeito preenchido; e o espanhol e o português, de outro, exatamente por serem línguas que permitem o sujeito nulo. Diante disso, o modelo paramétrico de sintaxe, proposto pelo linguista, supõe que exista interação de princípios e de subteorias. Desse modo, Tarallo realizou análises capazes de

resgatar a variação linguística intersistêmica, como, por exemplo, a que envolve sujeito nulo *vs.* sujeito preenchido. Nessa perspectiva, o autor considera que as línguas são encaixadas dentro de determinados parâmetros, de forma que, de acordo com o Parâmetro do Sujeito, uma língua de sujeito nulo exibirá algumas propriedades. Portanto, em suas palavras, “ao ‘parametrizarmos’ as línguas do ponto-de-vista da teoria da variação e da mudança, estamos na realidade colocando os fatores condicionadores à aplicação de determinadas regras locais dentro de uma perspectiva ‘paramétrica’”. (TARALLO, 1987, p. 74-75).

É importante destacar que a associação entre a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1986) e a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) formalizou-se com Tarallo e Kato (1989-2007), quando esses propuseram e discutiram um modelo teórico nomeado de Sociolinguística Paramétrica, que desenvolve uma harmonia trans-sistêmica, ou seja, a fusão entre a variação intralinguística da Teoria da Variação e a variação interlinguística da Teoria Gerativa.

Um exemplo dessa compatibilização dos resultados da Teoria da Variação com a Teoria de Princípios e Parâmetros pode ser visto no estudo de Hochberg (1986), que atestou uma alta frequência do uso do pronome de segunda pessoa do singular na fala portorriquenha, associando essa frequência à erosão das consoantes finais nas formas verbais. Dessa forma, verifica-se “o realinhamento de uma propriedade de um componente da gramática, do parâmetro sintático, por exemplo, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da mesma gramática” (TARALLO; KATO, 1989-2007, p.19). Também encontramos resultados semelhantes ao estudo de Hochberg (1986) em um artigo de Naro (1981), a respeito da relação estabelecida entre a redução do paradigma flexional e o aumento do uso do sujeito pronominal exposto. Nessa perspectiva, os resultados a respeito da variação e mudança fonológica anteciparam um possível realinhamento das propriedades que fazem parte do Parâmetro do Sujeito.

Tarallo e Kato (1989-2007) ainda mencionam o encontro entre variação intra- e interlinguística, com a finalidade de possibilitar a antecipação e previsão dos resultados. Versando sobre a marcação positiva [+sujeito nulo] do Parâmetro *pro-drop*, os autores explicam que uma linguística típica de propriedades pode antecipar que haveria interferência sintática em um caso de contato entre o português do Brasil e o espanhol americano, já que as duas línguas permitem sujeito nulo e inversão do sujeito. Todavia, em um estudo feito por especialistas em língua em contato, Chaves (1987) revelou que o português da costa não é tão solto quanto o português da fronteira, o qual mantém a organização sistêmica do espanhol americano, propiciando, inclusive, a ordem OVS (objeto, verbo, sujeito). Desse modo, o estudo baseado em pesos relativos pode prever

como um dialeto de uma língua, numa situação de contato, pode iniciar um realinhamento das propriedades de seus parâmetros sintáticos.

Ao propor a harmonia trans-sistêmica como uma compatibilidade entre a Teoria de Princípios e Parâmetros e a Teoria da Variação, os autores estão considerando a ideia de ambas as teorias possuírem o mesmo grau de importância, e o crescimento delas ocorrer com o apoio que uma dá a outra:

Ambas as teorias são grandes e igualmente importantes. Cada uma cresce à medida que da outra se alimenta. A variação interlingüística, no realinhamento dos parâmetros sintáticos que pressupõe e prevê, conseguiria informações cruciais em sua busca de refinamento de análise. A variação intra-lingüística, por outro lado, deixaria de se perder em meandros de possíveis fatores condicionadores, evitando, via projeções da variação inter-lingüística, levar a estatística às últimas conseqüências quando a organização do dado, em si só, já anteciparia a irrelevância dos fatores considerados. (TARALLO; KATO, 1989-2007, p. 38).

Em 1993, Tarallo esboçou algumas bases linguísticas sobre a discussão de uma gramática brasileira que evidenciava diferenças estruturais em relação à gramática portuguesa. Para demonstrar que esses dois sistemas estavam, de fato, distanciando-se um do outro, apresentou quatro mudanças sintáticas, realizadas com base no quadro teórico desenvolvido por Weireich, Labov e Herzog (1968). O autor se restringiu à análise dos fatores linguísticos, (i) por um lado, pelo fato de o modelo gerativo ser uma teoria linguística, que fundamenta o estudo das variáveis; (ii) por outro lado, pelo fato de focar na origem da mudança, a qual só pode ser analisada sob a perspectiva linguística, não sob a social. Portanto, o sistema do PB é retratado de maneira a responder o problema da restrição e do encaixamento linguístico, assim, a hipótese central da análise dos dados que Tarallo apresenta foi baseada no princípio do encaixamento proposto por WLH (1968), o qual consiste na ideia de que “as mudanças acontecem em teias e ecoam umas nas outras” (TARALLO, 1993, p. 74).

Tarallo (1983; 1985), em um estudo diacrônico do PB, analisa o esvaziamento do objeto e a realização lexical do sujeito como mudanças sintáticas verificadas no último. Nos dois primeiros períodos, a regra de retenção pronominal foi praticamente categórica nos sintagmas preposicionais, mas o que mais chamou a atenção foi que a retenção pronominal nos sujeitos aumentou à medida que o percentual de objetos diretos e sintagmas preposicionais diminuiu, demonstrando, assim, que o rearranjo do sistema pronominal foi ocasionado pela perda da referência pronominal. Portanto, o sistema pronominal foi reorganizado e, como resultado, obtivemos a implementação de objetos nulos e a crescente presença de sujeitos lexicais. Tomando como base essa mudança no sistema pronominal, percebemos que tanto o português

européu quanto o português brasileiro se comportavam de maneiras diferentes: o primeiro era marcado por regras de movimento, e o segundo era marcado por regras derivadas de apagamento de constituintes *in situ*.

Como efeito direto dessa mudança no sistema pronominal, ocorreu a mudança sintática nas orações relativas. Tarallo (1983; 1985) identificou três estratégias nas orações relativas no PB: (i) estratégia padrão: apresenta uma lacuna na relativa na posição original do sintagma-QU, conforme (1); (ii) estratégia de pronome lembrete: apresenta na posição da lacuna uma forma pronominal correferente com o sintagma nominal cabeça da relativa, conforme (2); (iii) estratégia cortadora: apresenta uma lacuna na posição da preposição governante e do sintagma relativizado, isto é, o sintagma nominal relativizado é objeto de preposição, conforme (3):

- (1) Tem as que (*e*) não estão nem aí, não é? (SP81-1-J-292)
- (2) Você acredita que um dia teve uma mulher *que ela* queria que a gente entrevistasse ela pelo telefone? (SP81-J-293)
- (3) E uma pessoa *que* essas besteiras que a gente fica se preocupando (com) (*e*), ela não fica esquentando a cabeça. (SP81-2-6-129) (TARALLO, 1993, p. 85-86, grifos do autor).

Para o autor, os dois casos que apresentaram lacuna na oração relativa são derivados por apagamento do sintagma-QU *in situ*. Com base nos resultados dos dados, fica evidente que a relativa cortadora começou a ocorrer no sistema depois do rearranjo pronominal.

Com base nos resultados revelados por Tarallo (1983; 1985) sobre o crescente uso de sujeitos lexicais e decréscimo no uso do objeto direto anafórico, é possível refletir que o português brasileiro apresenta um sistema em fase de transição de língua *pro-drop* para *não pro-drop*. Além da propriedade de sujeito nulo, as línguas *pro-drop* são caracterizadas pela inversão de sujeito, conforme mencionado nesta seção, e podem apresentar as seguintes ordens: (S)V e VS, ao lado da canônica SVO. No entanto, diante da hipótese de encaixamento do presente estudo, era possível esperar uma mudança na inversão do sujeito, “um enrijecimento no padrão canônico de ordem de palavras em direção a SV” (TARALLO, 1993, p. 90). Apesar disso, Berlinck (1988), em seu estudo diacrônico sobre a ordem do sujeito em relação ao verbo na modalidade brasileira, demonstrou justamente uma queda no uso da ordem VS, o que permite atestar que, com a reorganização do paradigma de pronominalização e o favorecimento de ocorrência de objetos nulos, a ordem VS era travada com verbos transitivos, para não causar uma colisão com o papel temático que seria atribuído ao sintagma nominal em volta do verbo. Diretamente ligado à ordem rígida dos constituintes, estava o enrijecimento do princípio de adjacência na marcação do acusativo. A esse respeito, Ramos (1989; 1992) verificou: (i) um

crescente uso da preposição *a*, quando os objetos não estavam adjacentes ao verbo; (ii) um decrescente uso da preposição *a*, quando os objetos diretos estavam adjacentes ao verbo.

Intimamente ligada às três mudanças anteriores, está a quarta mudança estudada por Duarte (1992) – o padrão da ordem de palavras em perguntas diretas: (i) a forma categórica da ordem das perguntas era VS em 1734; (ii) mas, por volta da década de 1930, a ordem SV superou a VS; (iii) nos dados de 1989, a mudança foi completada. A ordem VS ficou restrita a perguntas com verbos monoargumentais. No curso da mudança de VS para SV nas perguntas diretas, Duarte (1992) verificou a emergência da partícula *é que*, mas, com a estabilidade no sistema da ordem SV, o uso da partícula foi reduzido.

A apresentação dos quatro casos mostra claramente como cada mudança está relacionada com a outra e como cada mudança produz situações linguísticas necessárias para que as outras se fixem. O que não quer dizer que todos os processos de mudanças são previsíveis. Eles servem também como evidências quantitativas de que significativas mudanças ocorreram na virada do século XIX para o XX, isto é, um novo sistema gramatical (gramática ou dialeto brasileiro) aflorou, ao final do século XIX, uma nova gramática diferente da gramática da modalidade lusitana. Possivelmente, essas mudanças são resultantes de circunstâncias sociais especiais e suficientemente satisfatórias que aconteceram no momento da história externa.

Até o presente momento, nesta seção, conhecemos a proposta teórica de Tarallo, a Sociolinguística Paramétrica. Todavia, conforme Duarte (2019a), houve um equívoco quanto a essa proposta por parte dos pesquisadores que se dedicaram a desenvolvê-la em seus estudos, isto é, estes consideraram que a Sociolinguística Paramétrica seria utilizada somente para realizar uma “leitura paramétrica” de resultados empíricos. Esse seria apenas o ponto inicial da pesquisa “socioparamétrica”. Diante dessa circunstância, Duarte (2019a), em seu artigo *A sociolinguística ‘Paramétrica’: desfazendo alguns equívocos*, publicado em 2019 na revista *Guavira Letras*, procura esclarecer essa falha que vem sendo repetida desde 1980, a fim de mostrar que os paradigmas da Teoria de Variação e Mudança Linguística (TVM) e da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) podem coocorrer no estudo da mudança linguística. Para isso, a linguista analisa o artigo-manifesto de Fernando Tarallo (1987), *Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. Ensaios de Linguística*, apresentando resultados de pesquisas a respeito do sujeito em línguas românicas, cujas ideias, segundo a estudiosa se concretizaram em outro artigo de Tarallo e Kato (1989-2007): *Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguístico* no qual, esses pesquisadores buscaram relacionar a linguística de “propriedades paramétricas” à linguística “de probabilidades”, correspondente à

atual linguística “de pesos relativos”. Tarallo e Kato (1989-2007), baseados em “resultados intralinguísticos inspirados em propriedades interlinguísticas ou paramétricas, com base em evidências advindas de diferentes línguas românicas” (DUARTE, 2019a, p. 128) apontam o enfraquecimento da flexão verbal e maiores restrições à ordem VS como fatores que contribuem para que o PB esteja em processo de mudança, passando a apresentar propriedades de [-sujeito nulo].

Baseado em análises em que se consideravam essas duas teorias linguísticas, conforme Duarte, Tarallo (1987) buscava mostrar que a leitura “paramétrica” de resultados de análises sociofuncionalistas ajudaria a prever o rumo de uma mudança e a realinhar propriedades paramétricas. Porém, algumas pesquisas que se seguiram *se limitaram a fazer somente uma “leitura paramétrica” de dados empíricos, ou seja, eram levantadas hipóteses a respeito dos fatores que restringiriam a mudança somente com base na teoria de P&P, considerando a TVM como uma simples metodologia de trabalho com dados empíricos*. Em uma posição posta a esta, a autora destaca que a TVM parte de princípios bem fundamentados para a observação empírica da Língua-E, a qual é a única maneira de se estudar a mudança linguística e chegar às propriedades da Língua-I. Para ela, já naquela época, Tarallo considerava “que as línguas mudam com o tempo e que as mesmas forças que atuaram no passado deveriam atuar no presente” (DUARTE, 2019a, p. 128), contudo, inicialmente, esse fator não era levado em conta pela Teoria Gerativa, uma vez que esta se voltava para a identificação de P&P, mas a partir de seu interesse pela mudança, a TVM passou a ser vista como importante modelo, pois era necessária uma teoria linguística que lhe permitisse explicar as mudanças em curso na sintaxe do PB, em comparação a outras línguas românicas, o que é proporcionado pela TVM. Dessa forma, na atualidade, a pesquisa Sociolinguística Paramétrica:

Se **inicia** a partir das propriedades associadas a uma determinada marcação paramétrica, desde o estabelecimento de hipóteses e o estabelecimento dos grupos de fatores linguísticos até a interpretação dos resultados, o que permite responder as grandes questões empíricas da Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM) propostas em Weinreich, Labov e Herzog (1968). (DUARTE, 2019a, p. 125, grifo da autora).

Duarte (2019a) discute ainda a necessidade de se adotar uma teoria gramatical nos estudos variacionistas, uma vez que a análise, na maioria das vezes, era iniciada sem explicitar no corpo dos pressupostos teóricos qual teoria gramatical foi usada na aplicação do modelo de mudança. A linguista apresenta um trecho de Alison Henry para demonstrar essa constatação:

No âmbito dos estudos variacionistas tem havido pouca discussão sobre **que tipo de fatores** pode afetar a escolha de variantes ou sobre **como determinados fatores são escolhidos** para a análise num caso específico. Tipicamente os fatores selecionados para alimentar uma análise de estatística aparecem sem uma discussão extensiva e não fica claro como, **excetuando as intuições do pesquisador**, se chegou a eles ou se há quaisquer restrições sobre o que pode ser um fator numa determinada análise. (HENRY, 2006, p. 277 apud DUARTE, 2019a, p. 129, grifos da autora).

A TVM sozinha não era capaz de fornecer subsídios para a descrição do fenômeno investigado, de direcionar a elaboração de hipóteses de trabalho e de escolher os grupos de fatores relevantes para o fenômeno em foco; logo, a interpretação dos resultados dos estudos de fenômenos fonético-fonológico e de natureza morfossintática ficava, muitas vezes, limitada aos resultados estatísticos, sem falar, por exemplo, no problema do “encaixamento” linguístico. Nessa perspectiva, pensando nesse problema, a autora destaca uma posição, também considerada por Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006), de que um “novo traço no sistema, ou efeito colateral de uma mudança, pode passar despercebido se o quadro que guia o estudo não é o adequado à análise do fenômeno que se propõe investigar” (DUARTE, 2019a, p. 129). Dessa forma, ressalta a importância de adotar a Teoria de P&P, em conjunto com a TVM, nessas investigações.

Isso posto, a autora apresenta o seguinte questionamento “Como se faz uma análise da mudança paramétrica associando a linguística de propriedades paramétricas e a linguística de pesos relativos?” Para resolver essa questão, a pesquisadora apresenta uma comparação entre duas línguas românicas, sendo uma língua de sujeito nulo (o italiano), outra de sujeito preenchido (o francês), destacando as propriedades opostas dessas duas línguas. A linguista ressalta que o Parâmetro do Sujeito parte do princípio que explica que há línguas que licenciam um sujeito nulo referencial – como o italiano e o espanhol – e outras que não o licenciam – como o inglês e o francês.

2.2 O português afro-brasileiro

Nesta subseção, tratamos do português afro-brasileiro com base em Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), assim poderemos compreender a formação dessa variedade do português popular falado no Brasil em comunidades rurais remanescentes de quilombo. A discussão desse tema se faz necessária para este estudo, uma vez que tomamos como objeto de análise o vernáculo da comunidade quilombola Rio das Rãs.

De acordo com Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), a maioria das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas são originárias de antigos quilombos ou de populações de escravos que receberam doações de terra, para empreendimentos e agroexportações escravistas. Sendo assim,

essas comunidades são definidas pelos seguintes parâmetros: (i) são constituídas unicamente por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades de difícil acesso no interior do país; (ii) mantiveram-se isoladas até a segunda metade do século XX; (iii) a principal atividade econômica é a agricultura de subsistência.

Esses escravos vindos da África para o Brasil tiveram que aprender a língua falada pelos seus colonizadores; dessa forma, o processo de *nativização* que sucedeu entre os descendentes dos escravos africanos e os portugueses foi determinante na história sociolinguística dessas comunidades afro-brasileiras. Esses escravos aprenderam o português como segunda língua, em seu ambiente de trabalho forçado na lavoura ou nas minas. Diferentemente, os que nasceram no Brasil, em sua maioria, filhos de pais que falavam diferentes línguas africanas, aprenderam, como língua materna, o português falado como segunda língua pelos adultos. Segundo Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), esse processo de *nativização* de um modelo deficiente de segunda língua, denominado por ele de transmissão linguística irregular, foi responsável pela variedade linguística do português, diferente do português falado pelos colonos portugueses e seus descendentes “brasileiros”, isto é, a variedade do português afro-brasileiro.

No entanto, o comportamento linguístico apresentado pelas comunidades rurais afro-brasileiras não foi uniforme, algumas comunidades passaram por um processo de transmissão linguística mais intenso do que outras, assim como, mantiveram-se conservadas em um nível maior ou menor de isolamento. Sendo assim, é natural encontrar algumas comunidades com efeitos de contato entre línguas mais notáveis do que outras, mas, no geral, o que se espera é que nas comunidades rurais afro-brasileiras os efeitos sejam mais notáveis do que nas demais comunidades rurais (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

Nesse sentido, Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) distinguem o português afro-brasileiro do português rural brasileiro (ou português popular do interior do país). O primeiro é empregado por comunidades rurais brasileiras, cuja formação histórica e constituição étnica são marcadas pelo grande contingente de descendentes dos antigos escravos, ao passo que o segundo é o que se constitui como uma variedade do português brasileiro, mas que não foi formado pela forte presença de escravos. Essa diferença é uma realidade heterogênea que faz parte de um esquema de um *continuum*, no qual em um extremo, encontram-se as comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e mais afetadas pelo contato entre línguas, isto é, o português afro-brasileiro, seguidas das comunidades rurais, notadamente mistas, com uma grande quantidade de mestiços e brancos, até chegar às comunidades com um percentual mínimo de afrodescendentes ou *índio-descendentes*, as quais, conseqüentemente, seriam as menos afetadas pelo contato entre línguas em sua formação.

Com base nesse esquema de *continuum* apontado pelos autores, destacamos que a comunidade aqui estudada situa-se num dos polos desse *continuum*, exatamente no extremo em que se encontram as comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e mais afetadas pelo contato entre línguas, uma vez que a comunidade quilombola Rio das Rãs foi constituída por escravos foragidos das fazendas de gados no período escravocrata e se manteve em relativo isolamento até o final do século XX, conforme veremos na seção 4.1.

Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) designam o português afro-brasileiro como:

[...] uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país [...] Muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos quilombos de escravos foragidos e ainda se conservam em um grau relativamente alto de isolamento. Dessa forma, o português afro-brasileiro guardaria uma especificidade no universo mais amplo do português popular rural brasileiro (ou, mais precisamente, norma popular rural do português brasileiro), não apenas pelas características sócio-históricas próprias às comunidades em que ele é falado, mas, sobretudo, pelas características linguísticas que o distinguiriam das demais variedades do português popular do Brasil (ou melhor, da norma popular brasileira). (LUCCHESI, BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 32).

Assim, o português afro-brasileiro diz respeito às variedades do português falado no Brasil em comunidades quilombolas que conservam traços linguísticos resultantes de um contato entre línguas, nesse caso, a língua portuguesa, a africana e a indígena.

O português afro-brasileiro foi transmitido de geração em geração sem muitas alterações até sofrer a influência do português urbano (culto ou semiculto) desde as últimas décadas do século XX, pois as comunidades afro-brasileiras eram isoladas no interior do Brasil até pelo menos a primeira metade do século XX. Diante dessas circunstâncias, na fala dos moradores mais velhos dessas comunidades ainda é possível observar alguns traços linguísticos que apontam para as mudanças decorrentes do processo de transmissão linguística irregular, ao passo que na fala dos mais jovens, é quase impossível observar esses traços, pois, diferentemente de seus antepassados, têm acesso ao ensino de instrução pública, aos recursos tecnológicos de telecomunicação e comunicação. De acordo com Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), essas mudanças na fala dos mais jovens, denominadas pelos autores de processo de mudanças descrioulizantes, provavelmente, ocorreram de forma mais acelerada no decorrer do século XX, em consequência da entrada de grandes empresas capitalistas no campo.

Diante desse cenário, acreditamos que as comunidades afro-brasileiras apresentem uma tendência cada vez maior ao uso de formas empregadas por falantes de comunidades urbanas, visto que seus membros mantêm um contato maior com esses falantes, os quais vêm

apresentado em sua fala variantes discordantes da norma lusitana em diferentes fenômenos da língua portuguesa (vejam-se os estudos de Silva (2003) sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural, em três comunidades afro-brasileiras rurais no interior da Bahia e de Assis (2019) sobre a aplicação de regra da concordância nominal de número na fala da comunidade quilombola Rio das Rãs, por exemplo).

Na próxima seção, abordaremos os estudos de Duarte (1995) e de Duarte e Rezende dos Reis (2018) que tratam do Parâmetro do Sujeito, bem como a análise contrastiva de Duarte (2019a) do sujeito referencial nulo no PE e no PB.

3 REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

Nesta seção, apresentamos três estudos que tratam do Parâmetro do Sujeito no PB: (i) um estudo pioneiro e basilar de Duarte (1995) sobre esse fenômeno descrito no PB em variedade urbana; (ii) o trabalho de Duarte e Rezende dos Reis (2018) em que revisitam a expressão do sujeito pronominal no PB, baseado nos resultados obtidos em Duarte (1995) e em amostra gravada entre os anos de 2009 e 2010, com o olhar direcionado, principalmente, para os sujeitos de 3ª pessoa, devido a seu trajeto mais lento na mudança em direção ao preenchimento do sujeito em relação às outras pessoas; (iii) a análise contrastiva de Duarte (2019a) do sujeito referencial nulo no PE e no PB à luz da sociolinguística paramétrica. Esses trabalhos nos permitem avaliar como o fenômeno em estudo tem se apresentado ao longo dos anos.

3.1 Duarte (1995): A Perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro

A proposta de trabalho de Duarte (1995) é apresentar como o processo de perda gradativa do Princípio “Evite Pronome” é representado numa amostra sincrônica de língua oral, observando os caminhos que a mudança percorre, quais fatores contribuem para a mudança e quais fatores resistem a ela. Com os dados empíricos, a autora empreende uma pesquisa variacionista, nos moldes desenvolvidos por Labov (1972-2008), recorrendo também à pesquisa sociolinguística, bem como parte do saber teórico acumulado sobre o Parâmetro do Sujeito, para elaborar as hipóteses e os condicionamentos linguísticos que possam dificultar ou beneficiar o uso do sujeito nulo no português brasileiro. O *corpus* desse trabalho é composto de gravações feitas em 1992 com 13 informantes cariocas com formação superior, organizados em três faixas etárias: de 25 a 32 anos, de 45 a 53 anos e de 59 a 74 anos.

Foram computados 1.756 dados. Desses, 1.424 são de referência definida e 332, de referência arbitrária/genérica. Dos 1.424 de referência definida, 415 apresentam sujeito nulo e 1.009 sujeito pronominal pleno. Inicialmente, diante desses números, chega-se à conclusão de um percentual significativo da perda gradual do sujeito nulo.

O foco principal da análise de Duarte (1995) são os sujeitos de referência definida, no entanto os de referência arbitrária/genérica também são analisados com o propósito de verificar se também são propensos à representação do sujeito por uma forma pronominal realizada, como os de referência definida, pois a autora acredita que as mudanças referentes à representação desse tipo de sujeito deixaram marcas na representação do sujeito de referência arbitrária/genérica.

Os grupos de fatores condicionadores selecionados pela linguista para observar a variável dependente ‘sujeito nulo’ vs. ‘sujeito pronominal pleno’ foram os seguintes:

- *Pessoa gramatical e desinência verbal:*

O cruzamento desses dois fatores revela que o elemento flexão licencia, cada vez menos, o sujeito nulo em decorrência da perda da riqueza flexional:

(4) **O senhor** podia descrever o lugar onde **o senhor** mora? (M3m, 1743/1744) (DUARTE, 1995, p. 51, grifos da autora)

De acordo com a autora, o PB sofre um processo de mudança na representação do sujeito pronominal que pode estar relacionada à redução do paradigma flexional. Essa gramática, que apresentava um paradigma com seis formas distintivas, que correspondem à expressão da combinação entre os traços de número e pessoa, passa a exibir um paradigma com três formas

distintas, encontradas na fala dos mais jovens, ou quatro formas distintas, limitadas à fala de grupos de faixa etária mais alta. A segunda pessoa “direta” (tu e vós) não é mais usada, exceto na região sul e em uma parte do nordeste; é substituída pela segunda pessoa “indireta” (você(s), o(s) senhor(es), a(s) senhora(s)), que usa as formas verbais de terceira pessoa, principal motivo para a perda do sujeito nulo. O crescente desaparecimento do pronome *nós*, substituído pela expressão nominal hoje plenamente gramaticalizada *a gente*, usando a mesma forma verbal de terceira pessoa do singular, colabora também para a aceleração da mudança.

- A estrutura da oração e seu estatuto sintático dentro do período:

material em Spec CP

(5) Eu não me lembro mais [CP **o que que** [IP **nós** plantamos]]. (DUARTE, 1995, p. 42, grifos da autora)

material em C°

(6) Ele sentiu [CP [c' **que** [IP **cv** era o único ali novo]]] (DUARTE, 1995, p. 42, grifos da autora)

material em adjunção a IP

(7) [IP No Colégio S. [IP **cv** aprendi só a servir chá e arrumar jarra]]. (DUARTE, 1995, p. 42, grifo do autor)

material entre IP e I°

(8) [IP **cv** [**Nao** [r agüentou o tranco)]]. (H2f,741) (DUARTE, 1995, p. 43, grifo do autor)

c) A posição do referente do sujeito:

em encaixadas

(9) Mas **eu** acho muito engraçado quando **eu** lembro o modo que **eu** fui criada. (DUARTE, 1995, p. 43, grifos da autora)

em contextos iniciais

(10) Nós "flitávamos" assim, botávamos aquele "flit", antes de anoitecer. E **ele_i** foi botar, mas com uma mão só **cv_i** quis pegar a janela, que era de guilhotina. **cv_i** Enterrou a mão pela janela. cortou tudo. Aí, **cv_i** teve que ser operado. (DUARTE, 1995, p. 44, grifos da autora)

- O traço do referente de terceira pessoa

Acredita que o fator traço [-animado] aparecera como um contexto de resistência do sujeito nulo, assim como se mostrou um contexto de favorecimento da ocorrência do objeto nulo (OMENA, 1978, DUARTE 1986; CYRINO 1993, 1994):

(11) (referente: o filme) E **cv** foi passado em cinemas nos circuitos porque **cv** ganhou o certificado de qualidade do então Instituto Nacional de Cinema quando **cv** ficou pronto. (M2g, 898,900) (DUARTE, 1995, p. 75, grifos da autora)

- *O duplo sujeito:*

É a recuperação de um sintagma nominal pelo pronome pessoal, também conhecido como deslocamento à esquerda ou à direita. Segundo Duarte (1995), estruturas com duplo sujeito não são comuns em línguas *pro-drop* e sua ocorrência não se encaixa no conceito sociolinguístico de regra variável, mas, de acordo com a autora, sua análise é relevante para confirmar a hipótese de que o português brasileiro está se afastando do grupo das línguas *pro-drop*, uma vez que essas construções são evidências do encaixamento da mudança, o surgimento de estruturas que não podem ser atribuídas ao acaso. Dessa forma, a autora trata das sentenças em que ocorreram duplo sujeito em uma seção separada:

(12) Eu acho que os **militares_i** na época **eles_i** foram muito hábeis em esconder as coisas... (H3b, ...) (DUARTE, 1995, p. 75, grifos da autora)

- *Os fatores sociais*

Entre os fatores sociais que foram considerados fundamentais para a análise do fenômeno estudado encontram-se a faixa etária, o sexo dos entrevistados e o papel do indivíduo dentro do grupo.

Depois de codificar os dados coletados, Duarte (1995) submeteu-os ao programa da série VARBRUL, que atribuiu valores percentuais e pesos relativos a cada um dos fatores dentro de seu grupo e de cada grupo em relação aos demais.

A seguir apresentamos na Tabela 1 os fatores mais significativos selecionados pelo programa, essa tabela parte dos resultados mostrados por Duarte (1995):

Tabela 1 – Fatores selecionados como significantes para a ocorrência do sujeito preenchido

Fator	p.r	n.	t.	%
Pessoas do discurso				
3a. pessoa do singular	0,43	254	419	61
3a. pessoa do plural	0,43	83	127	65
1a. pessoa do singular	0,48	456	631	72
1a. pessoa do plural	0,68	102	120	85
2a. pessoa do singular	0,69	106	119	89
Correferência (estr. subordinadas)				
sim	0,38	148	218	68
não	0,64	166	188	88

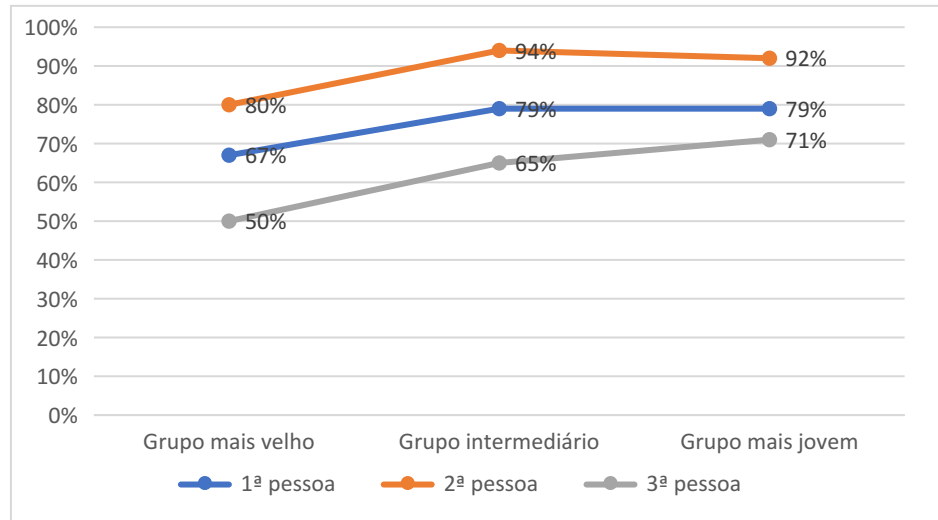
Faixa etária				
< 46 anos	0,38	301	491	61
36 a 45 anos	0,54	349	475	73
25 a 35 anos	0,59	359	458	78
Tipo sintático da oração				
Independente	0,42	407	650	63
Completiva	0,45	68	89	76
Adjunta posposta	0,50	108	155	70
Raiz anteposta	0,52	219	286	77
Raiz posposta	0,56	48	65	74
Adjunta anteposta	0,70	71	84	85
Relativa	0,78	88	95	93
Tempo verbal				
Pretérito perfeito (ind.)	0,64	149	385	61
Pretérito imperfeito (ind.)	0,51	64	234	73
Subjuntivo	0,49	12	60	80
Presente (ind.)	0,43	186	715	74
Traço do referente (3a. pessoa)				
[+a / +gen.]	0,29	28	64	44
[-animado]	0,39	91	162	56
[+animado]	0,59	218	320	68
Sexo do informante				
Masculino	0,45	421	641	66
Feminino	0,54	588	783	75
Material entre Spec IP e i⁰				
Negação e clíticos	0,40	131	206	64
Advérbios leves	0,48	65	102	63
Nenhum elemento	0,52	794	1097	72

FONTE: Adaptado de Duarte (1995, p. 80)

O estudo recente de Duarte e Rezende dos Reis (2018) revela que a mudança em direção ao preenchimento do sujeito já se encontra bem avançada. Acerca das pessoas gramaticais, observamos que a segunda pessoa apresenta um processo de mudança quase concluído, a primeira pessoa segue na mesma direção e a terceira pessoa segue mais lentamente, mas com um avanço significativo em relação aos resultados de Duarte (1995) que apresentaremos a seguir.

Neste estudo de Duarte (1995), no que diz respeito às pessoas gramaticais, observamos que a segunda e a primeira, respectivamente, são as que mais favorecem o uso do pronome pleno, como podemos verificar no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 – Sujeito pronominal expresso segundo a pessoa gramatical e a faixa etária (%)



FONTE: Adaptado de Duarte (1995, p. 48)

Observamos, no gráfico, que a segunda pessoa apresenta 80% de ocorrência de plenos para o grupo mais velho; 94% para o grupo intermediário; 92% para o grupo mais jovem. Na primeira pessoa, ocorre 67% de sujeitos expressos para o grupo mais velho e 79% para os grupos intermediário e mais jovem. A terceira pessoa é o contexto de resistência com os índices mais baixos de sujeitos realizados: o grupo mais velho com 50% de sujeito pleno, seguido pelos grupos intermediário e mais jovem com 65% e 71%, respectivamente. Dessa forma, fica evidente uma diferença entre o desempenho da terceira pessoa, que exhibe as taxas mais baixas de sujeito exposto, em relação às outras pessoas. É exatamente isso que vai possibilitando estabelecer o elo entre a perda do sujeito nulo e o empobrecimento da concordância, constatando que, entre as três pessoas, o sujeito nulo de terceira pessoa é o mais resistente à mudança, pois o referente externo usado para essa pessoa reforça os traços enfraquecidos de Agr. A segunda pessoa encabeça a mudança, devido a sua substituição pelos pronomes (você(s), o(s) senhor(es)) que se combinam com formas verbais de terceira pessoa. Ao se fazer uma relação da quantidade de ocorrências de sujeitos realizados com a faixa etária, o grupo mais velho mantém a diferença mais acentuada em relação aos grupos intermediário e grupo mais jovem.

No que diz respeito ao tempo verbal, vejamos a tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Sujeito pronominal pleno, segundo o tempo verbal

Tempo verbal	Preenchido	Total	%	p.r.
--------------	------------	-------	---	------

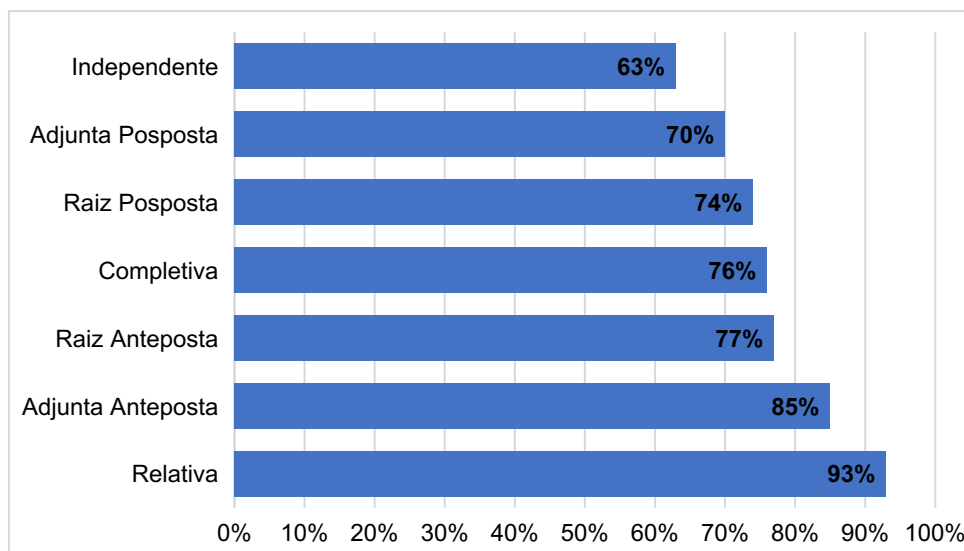
Subjuntivo	48	60	80	0,51
Presente	529	715	74	0,57
Pretérito imperfeito	170	234	73	0,49
Pretérito perfeito	236	385	61	0,36

FONTE: Adaptada de Duarte (1995)

Com base na tabela 2, podemos notar que o tempo verbal que mais propicia o sujeito preenchido são os tempos subjuntivos (20%), seguidos do presente (74%) e do pretérito imperfeito (73%). Houve apenas três ocorrências do futuro simples e nenhuma ocorrência com o tempo verbal mais-que-perfeito simples.

Quanto à forma verbal, os resultados das locuções com tempos compostos e o futuro perifrástico não chamam muito a atenção sobre a expressão do sujeito pronominal.

No que se refere aos condicionamentos sintáticos, a autora apresenta as orações coordenadas independentes, iniciais, sem sujeitos correferentes, completivas, relativas e adjuntas, os resultados desses fatores podem ser observados no gráfico 2 a seguir:

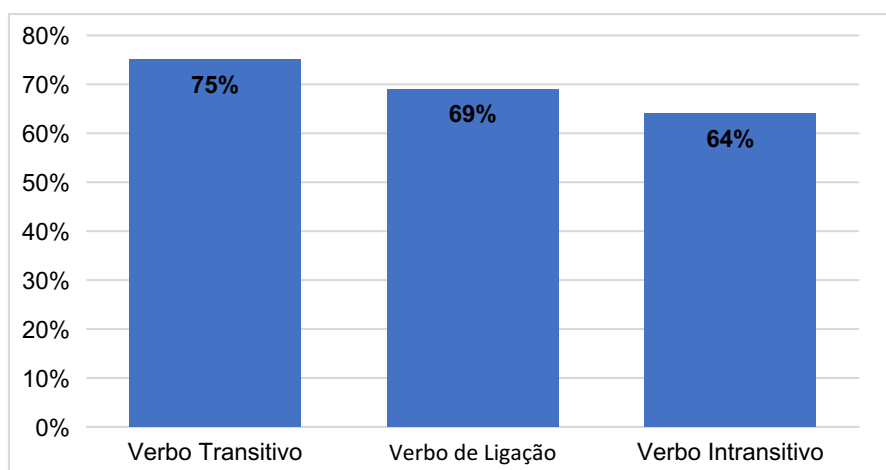
Gráfico 2 – Sujeito pronominal exposto, segundo o tipo sintático de oração (%)

FONTE: Adaptado de Duarte (1995, p. 59)

Observando os resultados, o que mais chama atenção é a divergência entre as orações relativas, que apresentam 93% de ocorrência de sujeitos expressos e as orações independentes, com 63% de ocorrência de sujeitos realizados. Dessa forma, verifica-se que a mudança está mais avançada no contexto das orações relativas, com 93% de ocorrência de sujeitos plenos, ao contrário, das orações independentes e das completivas, que apresentam, respectivamente, 63% e 76% de ocorrência de sujeitos expressos.

Analisando as outras estruturas oracionais, observa-se que as orações adjuntas antepostas à principal apresentam 85% de sujeitos expressos, ao passo que as principais e as adjuntas pospostas exibem 74% e 70% de ocorrências de sujeitos expressos, respectivamente. Os sujeitos das estruturas das principais, das adjuntas pospostas e das completivas podem manter uma relação de correferência com o sujeito da oração anterior, o que indica ser essa a causa que ainda sustenta a baixa ocorrência do sujeito exposto nelas. No entanto, mesmo com um percentual baixo de expressos, ainda é notável uma mudança em progresso nessas estruturas com sujeitos correferentes, já que de um total de 217 orações em configuração semelhante 147 (68%) têm o sujeito pleno, podendo-se levar em conta que se trata de um contexto de sujeito nulo obrigatório em línguas como o português europeu, o italiano e o espanhol.

Quanto aos resultados da análise da transitividade verbal, nota-se que os percentuais de sujeitos preenchidos nas sentenças são de 75% com verbos transitivos, 69% com verbos de ligação e 64% com verbos intransitivos, como podemos observar no gráfico 3:

Gráfico 3 – Sujeito pronominal expreso, segundo a transitividade verbal (%)

FONTE: Adaptada de Duarte (1995)

Acerca dos transitivos, esse percentual pode aumentar, se o seu objeto for realizado por um sintagma nominal (SN) ou por um clítico, índices de 70% de sujeitos realizados. E aumenta mais ainda quando seus complementos se encontram em Spec CP (92%), na oração seguinte (81%) ou são nulos (78%). A respeito dos verbos de ligação, 69% das orações apresentam o sujeito pleno, mesmo associado ao traço [-animado]. No entanto, quando se trata dos verbos *ser* e *estar*, a autora nota que contribuem para a não realização do sujeito, especialmente quando o referente do sujeito vem associado ao traço [-animado]. As orações com verbos intransitivos são as que apresentam os percentuais mais baixos de sujeitos preenchidos, dos quais 25% são sujeitos marcados pelo traço de "agentividade".

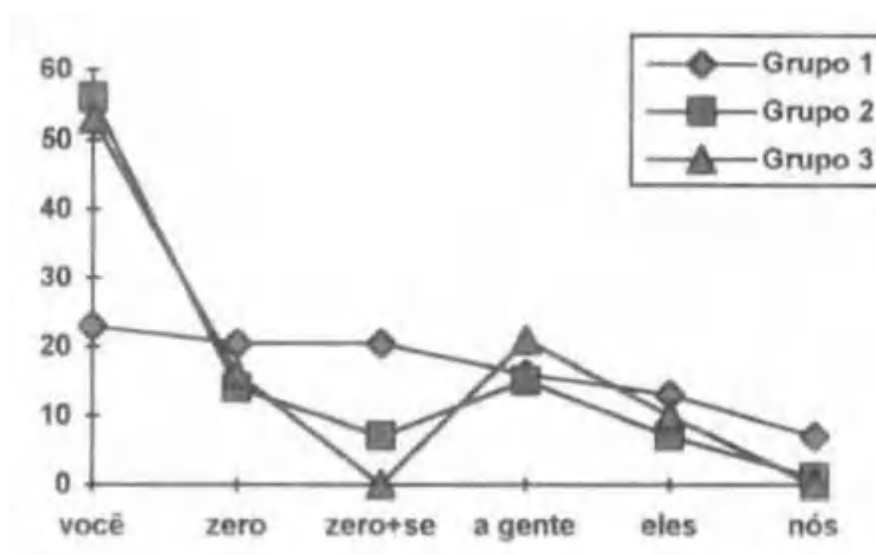
Com relação aos fatores semânticos, o sujeito de traço [+animado] beneficia o sujeito pleno. No entanto, quando o traço [+animado] se junta ao traço [+genérico], o sujeito nulo é o favorecido, assim como acontece com o sujeito de traço [-animado]. A mudança está mais avançada com o traço [+animado], crescente na fala do grupo mais velho ao grupo mais novo. Com a união do traço [+animado] com o traço [+genérico], a quantidade de sujeitos preenchidos é baixa nos grupos mais velhos e no grupo intermediário, mas aumenta no grupo mais novo. O traço [-animado] mostra-se mais resistente à mudança, mas, aos poucos, começa a ceder a ela. Os resultados são apresentados na tabela 3:

Tabela 3 - Sujeito pronominal expresso, segundo o traço semântico do referente

Traço	Grupo mais velho		Grupo intermediário		Grupo mais novo		Total	
	N / T	(%)	N / T	(%)	N / T	(%)	N / T	(%)
[+animado]	68/116	59	83/126	67	67/78	86	218/320	68
[+a] e [+gen]	5/18	28	2/9	22	21/37	57	28/64	44
[-animado]	15/43	35	52/76	68	24/43	56	91/162	56
Total	88/177	50	137/211	65	112/158	71	337/546	62

FONTE: Adaptado de Duarte (1995, p. 76)

No que diz respeito ao sujeito de referência arbitrária/genérica, dos 1.756 dados analisados, 332 (19%) são de referência arbitrária/genérica, os quais podem ser representados tanto por pronome pleno (65%) como por nulo (35%). A respeito das formas pronominais, em que se pode perceber a referência arbitrária/genérica, verifica-se que a forma pronominal *eu* só foi utilizada uma vez; o pronome *você* é utilizado por todos os grupos, seguido pela expressão *a gente* e pelo pronome *eles*; o pronome *nós* com referência [+arb] é limitado ao grupo mais velho e ocorreu uma vez na fala do grupo intermediário. Portanto, há um aumento no uso da forma *você*, o pronome *nós* está em desuso e os sujeitos de referência arbitrária/genérica são preferidos pelo grupo mais jovem. Com relação à indeterminação com *pro* arbitrário, nota-se que o grupo mais velho usa tanto construções com o *clítico se* como construções sem ele, sem sobressair nenhuma forma; na fala do grupo intermediário, por sua vez, prevalecem construções sem o clítico, e na fala do grupo mais jovem não há nenhuma construção com o clítico. O gráfico 4, a seguir, apresenta, em percentuais, o resumo das formas utilizadas, pelas três faixas etárias, para expressar a referência arbitrária/genérica, na amostra da fala espontânea.

Gráfico 4 – Sujeito de referência [+ARB] na fala espontânea (%)

FONTE: Duarte (1995, p. 88)

Duarte (1995) também verifica que alguns exemplos demonstram casos em que não é nada fácil discernir entre um sujeito zero [+arb] e um sujeito nulo de igual referência anexado a um antecedente numa estrutura subordinada, como exemplificado a seguir:

(13) Tudo bem **eles** ensinarem como **cv** calcula [uma laje]. (H1 b,239) (DUARTE, 1995, p. 93, grifo do autor)

Nota-se que, nesse exemplo, está faltando um referente claro (GALVES 1991; 1993), pois não haveria correferência se fosse utilizado no lugar de *você* um sujeito também [+arb] com a forma verbal de terceira pessoa do plural. Posto isso, a autora conclui que o que houve na fala dos jovens não foi um aumento percentual no uso do *clítico se*, mas um significativo aumento no uso de *você* para expressar a referência [+arb], e, com isso, tende-se a realizar fonologicamente o sujeito referencial, seja essa referência definida, seja arbitrária/genérica.

A análise dos condicionamentos à realização do sujeito pronominal no português brasileiro revela que, apesar de ter um índice um pouco baixo de ocorrências de sujeito preenchido de terceira pessoa, o sistema perdeu as principais características de língua de sujeito nulo do tipo do italiano. No português brasileiro, há a possibilidade de optar por sujeito nulo ou por sujeito obrigatório, sendo evidente a preferência pelo pleno. Houve também o desaparecimento de sujeitos nulos obrigatórios com referentes com o traço [-animado].

Embora a perda do Princípio “Evite Pronome” contribua para dar interpretação [+arbitrária] a um sujeito nulo de terceira pessoa que não tem um referente explícito no contexto precedente, foi possível verificar que essa variante não se encontra em progresso, ao passo que progride o uso de sujeitos pronominais plenos para expressar a indeterminação do sujeito.

3.2 Duarte e Rezende dos Reis (2018): Revisitando o sujeito pronominal

Duarte e Rezende dos Reis (2018), vinte anos após a pesquisa de Duarte (1995), revisitam o sujeito pronominal de referência definida no PB, objetivando investigar o processo de mudança envolvendo esse fenômeno. Para isso, realizam uma comparação dos resultados entre a análise feita por Duarte (1995), com base na amostra NURC (Norma Urbana Culta – 1992), e uma nova análise realizada pela autora juntamente com Reis, com dados gravados em 2009 e 2010. O *corpus* desta nova análise pertence ao Projeto Concordância, composto por trinta e seis informantes cariocas (18 de Copabana e 18 de Nova Iguaçu), organizados em: (i) dois gêneros: homem e mulher; (ii) três faixas etárias: de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos, de 56 a 75 anos; (iii) três níveis de escolaridade: Ensino Fundamental, 2º segmento e Ensino Superior. A análise dos dados é realizada nos moldes da associação feita entre a Teoria de Variação e Mudança (TVM) e da Teoria de Princípios e Parâmetros (TP&P), a TVM oferece um suporte para a observação do fenômeno de variação linguística, ao passo que a TP&P descreve as propriedades inerentes ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), conforme vem sendo discutido. Esses pressupostos tornam possível:

[...] a aplicação do modelo de mudanças, desde o levantamento de hipóteses, o estabelecimento dos grupos de fatores, a interpretação dos resultados, além de, sobretudo, nos permitir prever ou identificar outros efeitos colaterais desencadeados pela mudança de uma forma não acidental. (DUARTE; REIS, 2018, p. 174-175).

Na análise do sujeito pronominal de referência definida, Duarte e Rezende dos Reis (2018) consideraram os seguintes grupos de fatores:

De ordem linguística:

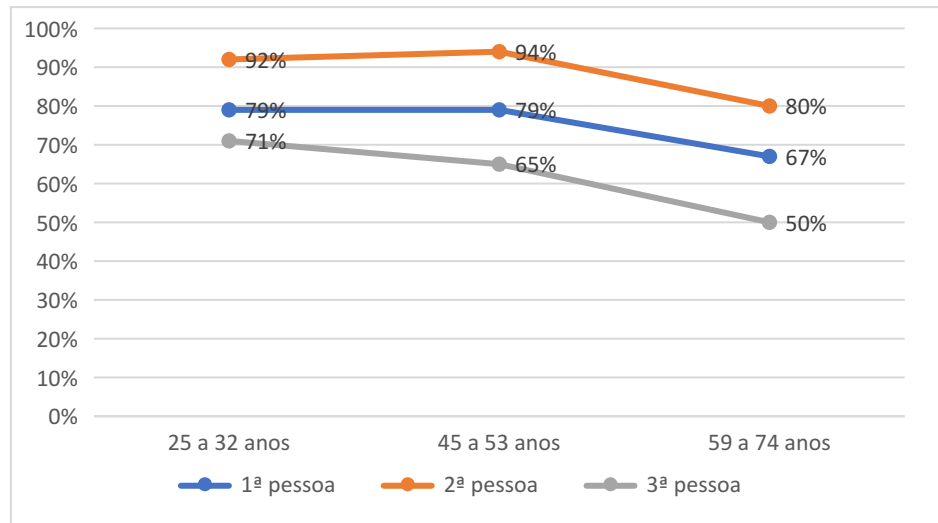
- a) A realização do sujeito nulo *vs.* expresso;
- b) A pessoa do discurso e número: 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e do plural;
- c) Morfologia verbal: desinências distintivas e desinência zero;
- d) Tempo e modo verbal;
- e) Estrutura do Sintagma Complementizador (CP): encabeçado por pronomes relativos e interrogativos; por conjunções; ou sem qualquer elementos;
- f) Elementos entre o Especificador do Sintagma Flexional (IP) e seu núcleo: negação, clíticos, advérbios aspectuais;
- g) O padrão sentencial;
- h) O feixe de traços semânticos do sujeito de terceira pessoa;
- i) O gênero semântico;

De ordem social:

- j) O gênero do entrevistado;
- k) A faixa etária: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 a 75 anos;
- l) Nível de escolaridade: Ensino Fundamental, 2º segmento, Ensino Médio, Superior.

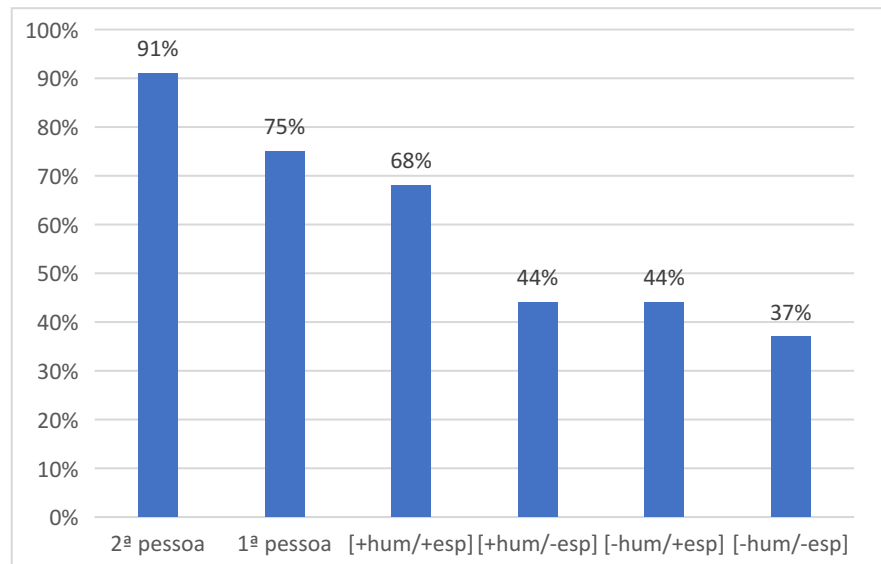
Os dados coletados foram submetidos ao Programa GoldVarbX que possibilitou a análise quantitativa e qualitativa dos resultados relacionados ao comportamento da Língua-E no processo de mudança.

O ponto de partida da pesquisa de Duarte e Rezende dos Reis (2018) é a análise de Duarte (1995), vista na subseção 3.1, que considerou peças de teatros produzidas por autores do Rio de Janeiro entre 1845 e 1992. Como visto em 3.1, essa análise demonstrou uma grande queda no uso do sujeito nulo, revelando uma mudança em curso, especialmente na 2ª e 1ª pessoas em relação à 3ª. Observando os resultados percentuais segundo a pessoa e a faixa etária, os autores verificaram que, nos dois grupos mais jovens (entre 25 a 32 anos e 45 a 53 anos), as três pessoas do discurso comportam-se de maneira semelhante, ao passo que o grupo mais velho (59 a 74 anos) apresenta índices mais baixos de sujeito expesso, apesar de a 1ª e 2ª pessoas demonstrarem um avanço em relação à 3ª pessoa, com essa indicando um equilíbrio entre sujeitos nulos e sujeitos plenos, conforme verificado anteriormente no gráfico 1. Além disso, foi possível observar que o processo de mudança na 2ª pessoa está quase completo, enquanto, na 1ª pessoa, os sujeitos nulos ainda são favorecidos em contextos iniciais, principalmente quando aparecem em primeira posição elementos como a negação, os advérbios aspectuais, os clíticos ou o verbo auxiliar, porém em quantidade muito menor que os sujeitos expressos. Em relação à 3ª pessoa, conforme abordamos anteriormente, notamos que os índices de sujeito pleno são mais baixos, especialmente no grupo mais velho. Os resultados percentuais segundo a pessoa e a faixa etária são apresentados no gráfico 5:

Gráfico 5 – Sujeito expreso versus nulo, segundo a pessoa gramatical e a faixa etária (%)

FONTE: Adaptado de Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 176)

O grupo de fatores que contempla o conjunto de traços *[+/-humano]*, *[+/-animado]* e *[+/-específico]* é o responsável pelo processo vagaroso da implementação do pronome expreso de 3ª pessoa. Para comprovar esse fato já apontado por Duarte (1995), Duarte e Rezende dos Reis (2018) apresentaram um gráfico com os percentuais de sujeitos expressos, de acordo com os traços semânticos do referente:

Gráfico 6 – Sujeito pronominal expreso, segundo a hierarquia referencial (%)

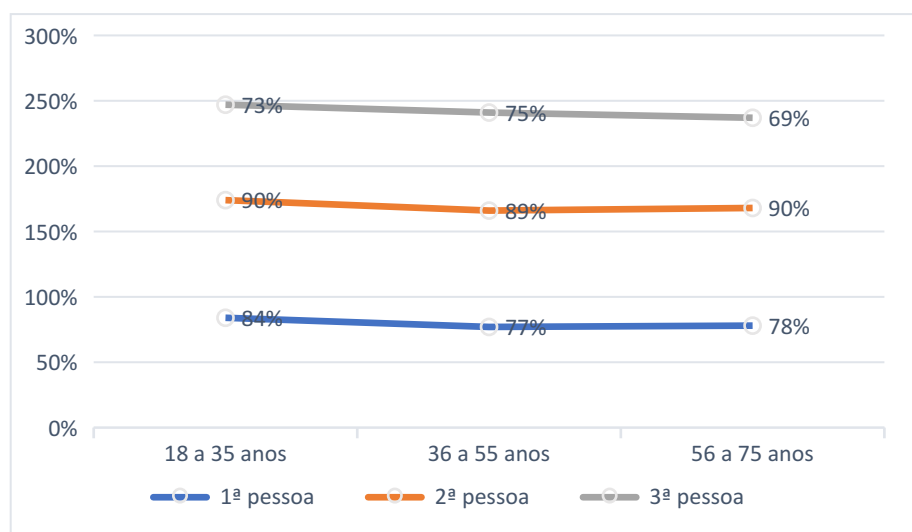
FONTE: Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 180)

Os resultados atestam a 2ª pessoa no comando do processo de mudança, com 91%, seguida pela 1ª e 3ª pessoa (a 3ª pessoa representada pelo traço *+hum/+esp*), respectivamente, 75% e 68%. Por outro lado, os resultados das três últimas colunas confirmam que o traço *[-hum/*

-anim] e o traço [*-esp*] são mais resistentes ao preenchimento do sujeito, 44% com os traços [*+hum/-esp*] e [*-hum/+esp*] e 37% com o traço [*-hum/-esp*].

Esses resultados não surpreenderam os pesquisadores, visto que esses levam em conta que, nas línguas românicas, de sujeito nulo não se utilizam pronomes pessoais para representar referentes com traço [*-hum/-anim*]. Além disso, os índices de 44% e 37% com os traços [*-hum/-anim*], combinados com o traço [*+/-esp*] no PB, revelam para os pesquisadores uma clara evidência de mudança, o que, segundo eles, para a TVM, já seria um primeiro indício do encaixamento da mudança, isto é, o surgimento de um efeito “colateral”, como dizem os autores, que não ocorreu por acaso. Outra indicação do afastamento do PB das línguas românicas de sujeito nulo, de acordo com Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 180), é “a implementação de estruturas de deslocamento à esquerda, com um tópico marcado retomado por um pronome fraco, que resulta da perda do caráter pronominal da flexão verbal no PB”. Esses tipos de estrutura no PB não apresentam restrições, podendo (i) ocorrer em contextos iniciais ou encaixados; (ii) exibir tanto pronome forte ou um DP [*+hum/+esp*] deslocados, como DP com feixe de traço [*+hum/-esp*] ou ainda [*-anim/+/-esp*], com ou sem elemento interveniente. Assim, segundo os autores, há três evidências de encaixamento da mudança: (i) perda do sujeito nulo em construções com ausência de c-comando; (ii) crescente uso de pronomes pessoais com o traço [*-animado*]; (iii) surgimento das construções com Deslocamento à Esquerda.

Duarte e Rezende dos Reis (2017) computaram 2215 dados de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. Os percentuais de sujeitos preenchidos segundo a pessoa do discurso e a faixa etária são apresentados no gráfico 7:

Gráfico 7 – Sujeito pronominal expreso, de acordo a pessoa do discurso e a faixa etária (%)

FONTE: Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 186)

Esse gráfico exibe um quadro de mudança quase concluído na 2ª pessoa, uma vez que todas as faixas etárias apresentam 90% de sujeitos preenchidos. Em seguida, observamos a 2ª pessoa seguindo na mesma direção, com os mais jovens (18 a 35 anos) apresentando percentual de 84%, os intermediários (36 a 55 anos) com 77% e os mais velhos (56 a 75 anos) com 78%. Já a terceira pessoa continua com valores percentuais baixos em relação às outras pessoas, porém com um significativo avanço em comparação com a análise de Duarte (1995), apresentando 73% (mais jovens - 25 a 32 anos), 75% (intermediários - 45 a 53 anos) e 69% (mais velhos - 59 a 74 anos), mostrando, assim, um processo de mudança em curso, mesmo que de forma mais lenta, devido ao fato de essa pessoa ter referentes [+/-animados], [+/-específicos], diferentemente da 1ª e 2ª pessoa que possuem referentes inerentemente [+humanos] [+específicos].

Conforme Duarte e Rezende dos Reis (2018), esses resultados atestam um quadro de mudança praticamente concluído na implementação dos pronomes de 1ª e 2ª pessoa, conforme discutimos anteriormente. Diante disso, os autores decidiram direcionar o olhar aos pronomes de 3ª pessoa, objetivando constatar quais fatores ainda atuam no contexto de resistência da mudança.

Os pesquisadores analisaram 1180 dados de 3ª pessoa, correspondentes a 28% de sujeitos nulos e 72% de sujeitos pronominais lexicalmente realizados. Os dados foram codificados de acordo com a metodologia variacionista e submetidos ao Programa GoldVarb X, que selecionou, na respectiva ordem, os seguintes grupos de fatores: *padrão sentencial*, *feixes de traços semânticos* e *estrutura do CP*.

Os resultados para o grupo de fatores *padrão sentencial* são apresentados na tabela 4:

Tabela 4 – Sujeito pronominal pleno, de acordo o padrão sentencial

Padrão Sentencial	N/T	%	p.r.
Antecedente é sujeito da subordinada anteposta à oração principal (sem c-comando)	136/149	91	0,845
Antecedente distante	240/284	84	0,644
Antecedente exerce outra função sintática	131/165	79	0,557
O antecedente é sujeito do período adjacente	315/530	59	0,321
Antecedente é sujeito da principal anteposta à subordinada (com c-comando)	32/55	58	0,254
range			0,591

FONTE: Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 189)

Os resultados mostram que o padrão sentencial que mais favorece o sujeito expresso é aquele com *antecedente numa subordinada anteposta à oração principal*, com 91% e 0,845 p.r., seguido pelo que apresenta um *antecedente distante*, 84% e 0,644 p.r., e pelo padrão com *antecedente em outra função no mesmo período ou em período adjacente*, 79% e 0,557 p.r. Os padrões, com *antecedente em um período adjacente* e com *antecedente na oração principal anteposta à subordinada*, por sua vez, apresentam maior resistência ao sujeito pronominal lexicalmente realizado, apresentando, respectivamente, 59% e 0,321; 58% e 0,254. Diante desses resultados, Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 190) atestam que “a falta de c-comando [...] é o fator mais significativo na perda do licenciamento e identificação de um sujeito nulo”. O acesso do sujeito na oração principal anteposta à subordinada é perdido pela falta de c-comando.

Os resultados do grupo de fatores *feixes de traços semânticos* são apresentados na tabela 5:

Tabela 5 – Sujeito pronominal pleno, de acordo os feixes de traços semânticos

Traço semântico	N/T	%	p.r.
[+hum/+esp]	614/800	76	0,572
[+hum/-esp]	132/193	69	0,441
[-hum/+esp]	101/174	58	0,282
[-hum/-esp]	5/12	42	0,114
range			0,458

FONTE: Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 191)

Os resultados revelam que os referentes com o traço [+hum/+esp] e [+hum/-esp] favorecem o preenchimento do sujeito, respectivamente, com 76% e 0,572 p.r.; 69% e 0,441 p.r., enquanto os referentes com traço [-hum/+esp] e [-hum/-esp] desfavorecem o sujeito pleno com, respectivamente, 58% e 0,282 p.r.; 42% e 0,114 p.r. Com base nesses resultados, os pesquisadores destacam que o traço [+/-hum] se sobrepõe ao traço [+/-esp].

Na tabela 6, podemos observar os resultados referentes ao grupo de fatores *estrutura do CP*:

Tabela 6 – Sujeito pronominal pleno, de acordo a estrutura do CP

Estrutura do CP	N/T	%	p.r.
SPEC de CP preenchido	56/60	93%	0,900
Sem elemento no CP	651/906	71%	0,474
Núcleo do CP preenchido	146/219	66%	0,459
range			0,441

FONTE: Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 193)

Conforme os resultados da tabela 6, todos os índices favorecem o sujeito pronominal lexicalmente realizado, mas, entre esses, o fator *SPEC de CP preenchido*, que apresenta a presença de um pronome interrogativo ou relativo encabeçando a sentença, é o contexto que mais favorece o seu uso, com 93% e 0,900 p.r., seguido pelas estruturas sem elementos na posição de CP e com conjunções no núcleo de CP (núcleo de CP preenchido), respectivamente, com 71% e 0,474 p.r.; 66% e 0,459 p.r.

Ao realizarem uma investigação sobre as estruturas com pronomes relativos e interrogativos, os pesquisadores verificaram que esses contextos não favorecem estruturas em que o antecedente do relativo encontra-se na função de sujeito, o que pode estar relacionado ao fato de as orações relativas serem o contexto mais favorável à realização do sujeito pronominal em línguas de sujeitos nulos, justificando, assim, a não resistência das estruturas relativas no processo de mudança.

Além disso, Duarte e Rezende dos Reis (2018) verificaram no *corpus* uma grande ocorrência de sujeitos deslocados à esquerda. Entre os pronominais expressos, os autores computaram 124 dados de sujeitos deslocados à esquerda, o que permitiu atestar que, de fato, a ocorrência desse tipo de sujeito é uma importante evidência do encaixamento da mudança, como vimos no início desta subseção.

Com base na análise dos dados, Duarte e Rezende dos Reis (2018, p. 195) concluíram que “a mudança em direção ao preenchimento do sujeito referencial definido avança na fala carioca”.

3.3 Duarte (2019a): Análise contrastiva do sujeito pronominal preenchido no PE e no PB

Duarte (2019a), com o propósito de mostrar como se trabalha atualmente com o quadro de Princípios de Parâmetros (P&P) e da Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM), apresenta o percurso de uma análise contrastiva do sujeito nulo referencial no PE e no PB à luz da sociolinguística paramétrica.

No entanto, antes de exibir os caminhos dessa análise, faz-se importante destacar alguns pontos discutidos pela autora, como, por exemplo seu questionamento: “Como se faz uma análise da mudança paramétrica associando a linguística de propriedades paramétricas e a linguística de pesos relativos?”.

Para resolver essa questão, a pesquisadora apresenta uma comparação entre duas línguas românicas, sendo uma de sujeito nulo (o italiano), outra de sujeito preenchido (o francês), destacando as propriedades opostas dessas duas línguas. A linguista explica que, nas línguas com a propriedade [+sujeito nulo] do grupo românico, o paradigma flexional é essencial, uma vez que as pessoas gramaticais são identificáveis somente com base na desinência verbal. Em línguas como o italiano, há uma desinência verbal diferente para cada pessoa gramatical, o que significa que esse paradigma é mais “rico” em oposições e, portanto, permite o sujeito nulo. Isso não acontece em línguas como o francês, em que todos os sujeitos pronominais precisam ser obrigatoriamente expressos, já que algumas desinências verbais, apesar de serem diferentes na escrita, têm a mesma realização fonética. O francês apresenta um sistema com duas ou três oposições no paradigma verbal flexional, o que não é suficiente para permitir o sujeito nulo na língua.

Após essa discussão, a autora explicita que a associação entre a linguística de “propriedades paramétricas” e a linguística de “pesos relativos” pode ser mostrada na comparação entre o português europeu (PE), que apresenta um sistema de oposições, semelhantemente ao italiano e ao espanhol peninsular, e o português brasileiro (PB), que requer a realização de sujeitos pronominais, ocasionado por mudanças no sistema pronominal – como a adição de “você(s)” e “a gente”, além da extinção do “vós” – e, conseqüentemente, no paradigma flexional. Dessa forma, conforme a linguista, o paradigma flexional do PB apresenta menos oposições, assemelhando-se ao francês, ao passo que o italiano, o espanhol e o PE mantêm sua riqueza flexional.

Diante disso, Duarte (2019a) apresenta uma análise contrastiva do sujeito referencial nulo no PE e no PB, realizando uma análise sociolinguística paramétrica, que associa a teoria de P&P à TVM. A autora ressalta que o PB apresenta três distinções em seu quadro flexional (<-

o>, <-Ø>, <-m>), enquanto o PE apresenta cinco (<-o>, <-s>, <-Ø>, <-mos>, <-m>); tendo, assim, mais propriedades de uma língua [+sujeito nulo] do que aquela. Com base nisso, menciona um conjunto de fatores que diferenciam um sistema [+sujeito nulo] de um sistema [-sujeito nulo], como, por exemplo, a pessoa do discurso, a desinência verbal e a impossibilidade de fazer um contraste ou ênfase em línguas de sujeito nulo. Outro fator destacado pela linguista é o traço semântico do referente.

Duarte (2019, p. 133) afirma que chegou a esses traços distintivos por meio de uma “descrição extensiva de sua relevância para o fenômeno em análise”, a qual não se limitou a fatores estruturais, buscando também uma explicação social – como a faixa etária, por exemplo – para a mudança em “tempo aparente” que vem ocorrendo no PB. Para isso, tanto a teoria de P&P quanto a TVM foram essenciais para chegar a tais conclusões. Para comprovar isso, Duarte apresenta resultados de uma análise contrastiva do sujeito referencial definido de 3ª pessoa, feita com base em uma amostra de dados gravada em 2009/2010 em duas localidades de Lisboa e do Rio de Janeiro, foram feitas 18 entrevistas em cada local, com 9 homens e 9 mulheres, distribuídos em três níveis de escolaridade e três faixas etárias, resultando em um total de 36 informantes para Rio de Janeiro e para Lisboa. O programa *Goldvarb X*, tanto para a amostra do PB quanto para o PE, selecionou os seguintes fatores para a realização do sujeito pronominal: padrão sentencial, feixe de traços semânticos e estrutura do Sintagma Complementizador.

Os resultados da análise foram apresentados em porcentagem e em peso relativo; quanto a este, a autora foi mostrando em cada fator analisado qual o peso mais alto em relação ao peso mais baixo, visto que, para ela, não há relevância em se apresentar isoladamente o valor de um peso, importando mostrar a relação entre os pesos mais altos e os pesos mais baixos. Essa postura a levou a pesquisadora a diferentes conclusões para cada língua. No PE, tanto com a *ausência* quanto com a *presença de c-comando*, o sujeito preenchido é fortemente desfavorecido (7%/6%, 0,146 p.r. e 0,070 p.r., respectivamente); o *antecedente em oração adjacente* também desfavorece o sujeito preenchido (22% e 0,442 p.r.); um antecedente menos acessível sintaticamente – *em outra função ou distante* – é, segundo análise dos pesos relativos, favorável ao sujeito preenchido (0,726 p.r. e 0,817 p.r.), apesar de ainda apresentarem percentuais importantes para o sujeito nulo (50% e 64%). No PB, por sua vez, todos os valores percentuais já estão acima de 50%, apesar de o padrão *com c-comando* (59% e 0,235 p.r.) e *com antecedente adjacente* (62% e 0,347 p.r.) ainda resistirem ao sujeito preenchido, o que significa que o antecedente, além de ter a mesma função que o sujeito analisado, precisa c-comandar esse sujeito. O padrão *sem c-comando*, no entanto, apresenta o índice mais alto de preenchimento

(88,5% e 0,803 p.r.), o que mostra que o PB não apresenta uma propriedade essencial para um sistema [+sujeito nulo]. Os índices também são altos (79% e 85,5%), quando se trata de padrões que apresentam *o antecedente do sujeito em outra função sintática ou distante*. Duarte (2019a, p. 135) acrescenta, ainda, que “a distância entre o peso mais alto e o mais baixo (*range*) é de 0,435, sugerindo a perda da força dos fatores prototípicos de uma LSN”.

A linguista analisa, também, os traços semânticos do antecedente, constatando que, no PE, o traço [-animado] do referente desfavorece o sujeito preenchido, quando combinado com um referente [-específico] (100%); porém, com o traço [+específico], é rara a ocorrência de um pronome [-animado] (3,5%). Com o traço [+animado], o pronome é expresso quando é favorecido pelos padrões sentenciais: *com c-comando, sem c-comando, com antecedente adjacente, com antecedente em outra função, com antecedente distante*. Observa que “os pesos ‘relativos’ exibem a distância entre o traço [-animado] e [+animado] na realização do sujeito nulo no PE, com uma distância de 0,635”. No PB, por sua vez, os pronomes com traço [-animado] representam 42% e 0,308 p.r. de sujeitos preenchidos, quando combinados com o traço [+específico]; 58% e 0,137 p.r. de sujeitos plenos, quando combinados com o traço [-específico], enquanto os pronomes com traço [+animados] apresentam índices bem altos de realização do sujeito, 67,5% e 0,445 p.r., quando atrelados ao traço [-específico]; 76,5% e 0,563 p.r., quando atrelados ao traço [+específico] (p. 135). Segundo Duarte (2019a, p. 136), “os pesos relativos, opondo [-animados] de um lado e [+animados] de outro revelam a importância deste grupo na mudança em curso”.

A análise, portanto, apresentada é, nas palavras da autora, “uma verdadeira análise socioparamétrica, feita a partir da propriedade mais característica de um sistema [+sujeito nulo] e nos revela que o PB já não pertence a esse grupo” (DUARTE, 2019a, p.134). A linguista apresenta a pesquisa para demonstrar que, de fato, o trabalho da Sociolinguística Paramétrica não se limita à mera “leitura paramétrica” de análises já realizadas e, com base nelas, o levantamento de hipóteses; a Teoria de P&P fornece subsídios ao variacionista para que esse inicie seu estudo. Assim, a análise paramétrica, unida à análise dos pesos relativos, permitiu que Duarte chegasse à conclusão de que há uma perda de propriedades de [+sujeito nulo] no PB, o que caracteriza uma mudança já em fase avançada.

Na próxima seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, bem como apresentamos uma pequena reflexão sobre os grupos de fatores linguísticos e sociais, como possíveis condicionadores de presença do sujeito pronominal expresso.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos a comunidade linguística, bem como o caminho percorrido para analisar os dados empíricos e para fazer a discussão dos resultados. Em seguida, apresentaremos com detalhes os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho: o *corpus* da pesquisa, os critérios utilizados para selecionar os informantes e a metodologia para a coleta dos dados. Além disso, destacamos a variável dependente e as variáveis independentes desta pesquisa. Tomamos como base a metodologia da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008) para desenvolver esta seção.

4.1 A comunidade linguística analisada

Rio das Rãs é uma comunidade negra quilombola, pertencente ao município de Bom Jesus da Lapa, Bahia, do qual se encontra a 70 km de distância. A comunidade está localizada na região do Médio São Francisco, à margem direita do Rio São Francisco. De acordo com Carvalho (1996), esse foi um dos primeiros quilombos da Bahia. Atualmente, Rio das Rãs conta com aproximadamente 691 (seiscentas e noventa e uma) famílias, em uma área de aproximadamente 30.190,71 mil hectares e é formada por cinco núcleos territoriais: Brasileira, Rio das Rãs, Capão de Cedro, Retiro e Exu, segundo dados do Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária (SIPRA).

Conforme relatos de moradores, o quilombo Rio das Rãs passou a ser ocupado por escravos foragidos das fazendas de gados no período escravocrata, por volta do início do século XIX. Os índios também tiveram presença registrada no quilombo – “os indígenas foram os primeiros habitantes do vale. Com a chegada do branco colonizador, os moradores primitivos foram desaparecendo, dizimados ou expulsos” (CARVALHO, 1996, p. 87-88).

Em Rio das Rãs, durante vinte anos, ocorreram conflitos por posse de terra entre os moradores e diversos fazendeiros da região, que tomaram posse indevidamente de parte da terra e mantiveram a comunidade sob seu controle. Nas entrevistas, os quilombolas reportam-se a esses conflitos. Os fazendeiros se interessaram pelo quilombo pelo fato de ele estar localizado entre o Rio das Rãs e o Rio São Francisco, sendo, portanto, uma área de qualidade para plantação e criação de gado. Esse cenário mudou, todavia, com a intervenção do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que, por meio do Projeto Especial Quilombola Rio das Rãs, desapropriou a área, reintegrando os moradores que tiveram suas casas destruídas.

Segundo Souza e Almeida (1994), a região do Rio das Rãs era isolada e deserta até o início da década de 1990, as redes de relações externas eram limitadas e precárias devido aos transportes e às comunicações quase inexistentes, como demonstrado na narrativa de um morador do quilombo:

Outra hora quando não era lancha, muitas pessoas mais velha ia de barco, de barco no remo, entendeu, meu pai mesmo cansou de ir na época em vida dele ele cansou de ir na Lapa de remo, entendeu. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs).
Moço, você no barco, remava três dias, chegava em comparação, no Curral das Vargens, dormia, aí no outro dia tornava pegar, quando chegava bem na Pitombeira, dormia, aí até, tornava pegar no outro dia cedo, e chegava em Lapa. Era muito difícil. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs).

No início da década de 1990, contudo, ocorreram alterações na malha rodoviária do município de Bom Jesus da Lapa, o acesso à microrregião do São Francisco foi ampliado com a extensão da BA-160 e a construção da ponte sobre o Rio São Francisco, que fica a 80 km da comunidade Rio das Rãs. Devido a essas melhorias, a comunidade teve o acesso facilitado e as distâncias encurtadas, embora, na atualidade, o acesso à localidade esteja dificultado por causa da precariedade (à falta de manutenção) da BA-160.

Os quilombolas têm acesso à *internet*, assim como assistem à televisão. Nas fichas dos informantes, 22 (vinte e dois) declararam não utilizar a *internet* e 2 (dois) afirmaram que a usam pouco. Uma pesquisadora que teve contato com a comunidade nos falou que os informantes não-alfabetizados não usam a *internet*; os alfabetizados usam o *WhatsApp* para se comunicarem com seus parentes que vivem em outras cidades, nos fins de semana. Diariamente, os entrevistados assistem a televisão e escutam rádio.

A comunidade é formada, em maior número, por trabalhadores e trabalhadoras rurais, que desenvolvem algumas atividades comerciais para sua sobrevivência: cultivam milho, mandioca e feijão nas terras próximas ao Rio São Francisco e ao Rio das Rãs, bem como criam gado (bovino e suínos) e aves, além de praticarem a pesca. A parcela menor da população trabalha em seus pequenos negócios ou são funcionários públicos (professores, agentes de saúde, vigilantes, merendeiras, motoristas).

As pessoas entrevistadas afirmaram que o processo de escolarização foi empreendido, por volta de 1944, com professoras leigas. Segundo relatos de um morador da comunidade:

Quando no meu tempo já era no tempo de Maria das Dor, aí depois, aí elas dava aula na casa delas, sabe? Depois da casa delas, elas, as vez, dava aula debaixo dos pé de pau quando era assim, não tava chovendo. (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

Após o conflito pela posse de terras, no entanto, algumas mudanças ocorreram no quilombo, como a construção da escola e a implementação do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec). A escola da comunidade oferta da Educação Infantil até o Ensino Médio por meio do EMITec, uma parceria entre a Prefeitura Municipal e a Secretaria Estadual da Educação.

A comunidade possui um índice de escolaridade baixo, uma pequena parcela dos moradores possui nível superior, poucos terminaram o ensino médio e outros possuem o ensino fundamental incompleto. Os idosos, por exemplo, têm de dois a cinco anos de escolaridade. Quanto aos jovens, alguns concluíram o ensino fundamental e o ensino médio e outros cursaram ou estão cursando o ensino superior no município de Bom Jesus da Lapa, que possui instituições públicas como o Instituto Federal de Ciências e Tecnologias (IFBaiano), Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Universidade do Estado da Bahia, bem como polos de ensino superior a distância: Faculdade Pitágoras, Universidade de Santo Amaro (UNISA), Universidade Paulista (UNIP).

Manifestações culturais e religiosas, tais como danças de rodas, capoeira, festas juninas, comemorações do dia da Consciência Negra, rezas, a Banda Quilombo, o “culto da jurema”, estão presentes na comunidade. No campo religioso, a comunidade realiza desde os cultos afrodescendentes aos católicos e evangélicos.

As mulheres mais velhas da comunidade são donas de casa, trabalham na roça, estudam no programa Todos pela Alfabetização (TOPA), participam de reuniões no Posto de Saúde da comunidade com profissionais dessa área; assim como de sindicatos, de Movimentos das Mulheres Quilombolas, de cultos evangélicos, de missas. As mais jovens estudam na comunidade, depois saem da comunidade, algumas para cursar nível superior, outras para trabalhar em Bom Jesus da Lapa ou em outras cidades como babás, copeiras e cozinheiras. Quanto aos homens mais velhos, alguns trabalham na roça ou em fazendas com agricultura, participam do Programa TOPA, outros vão trabalhar em São Paulo na colheita de cana-de-açúcar ou como pedreiros; os homens mais jovens, por sua vez, após concluírem o ensino fundamental, deixam os estudos para trabalhar em São Paulo, Brasília ou em Bom Jesus da Lapa no corte de cana ou em outras atividades.

4.2 O corpus da pesquisa

O *corpus* Português Popular Rio das Rãs (PPRR) da comunidade remanescente do quilombo Rio das Rãs – BA foi constituído seguindo os aportes teórico-metodológicos dos estudos variacionistas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008) e é formado por 24 entrevistas, com duração de aproximadamente 50 a 60 minutos cada.

4.3 Seleção dos informantes

Para a organização do *corpus*, os informantes foram selecionados considerando-se os seguintes critérios:

- (i) Ter nascido no quilombo Rio das Rãs;
- (ii) Residir no quilombo;
- (iii) Ter pais nascidos na comunidade.

Com base nesses critérios, a amostra foi estratificada da seguinte maneira:

1. *Sexo*:

- (a) 12 informantes do sexo feminino
- (b) 12 informantes do sexo masculino

2. *Faixa etária*

- (a) 8 informantes de 25 a 35 anos
- (b) 8 informantes de 45 a 55 anos
- (c) 8 informantes com mais de 65 anos

3. *Escolaridade*

- (a) sem escolaridade
- (b) semialfabetizado

4. *Rede de relações sociais*:

- (a) local
- (b) dispersa

5. *Exposição à mídia*

- (a) Baixa
- (b) Alta

Para uma melhor visualização dos critérios considerados, elaboramos o seguinte quadro de informantes:

Quadro 1 – Classificação dos informantes, de acordo o perfil social

Informantes	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Redes de relações sociais	Exposição à mídia
-------------	------	--------------	--------------	---------------------------	-------------------

MAX	Feminino	30 anos	Semialfabetizado	1 ano	Baixa
ICSS	Feminino	28 anos	Semialfabetizado	1 mês	Baixa
AFS	Feminino	37 anos	Semialfabetizado	10 anos	Baixa
IRS	Feminino	26 anos	Semialfabetizado	1 mês	Baixa
IAN	Masculino	32 anos	Sem escolaridade	3 meses	Baixa
MMSF	Masculino	29 anos	Semialfabetizado	1 mês	Baixa
GFS	Masculino	29 anos	Semialfabetizado	1 ano e 6 meses	Alta
MRB	Masculino	39 anos	Semialfabetizado	10 anos	Baixa
DAO	Feminino	51 anos	Semialfabetizado	8 meses	Baixa
ANSB	Feminino	45 anos	Semialfabetizado	1 mês	Baixa
JAS	Feminino	45 anos	Semialfabetizado	6 meses	Alta
IRS	Feminino	53 anos	Semialfabetizado	1 ano	Alta
TFS	Masculino	49 anos	Sem escolaridade	6 meses	Baixa
JBS	Masculino	54 anos	Semialfabetizado	2 anos	Alta
PSN	Masculino	53 anos	Sem escolaridade	1 ano e 6 meses	Alta
EJS	Masculino	43 anos	Semialfabetizado	5 anos	Alta
ALS	Feminino	65 anos	Sem escolaridade	8 meses	Baixa
VAS	Feminino	70 anos	Sem escolaridade	6 meses	Baixa
FFS	Feminino	65 anos	Sem escolaridade	1 mês	Baixa
LFSS	Feminino	70 anos	Sem escolaridade	1 mês	Baixa
ADS	Masculino	66 anos	Sem escolaridade	2 meses	Baixa
APS	Masculino	86 anos	Sem escolaridade	5 anos	Baixa
EBS	Masculino	65 anos	Sem escolaridade	Nenhuma vez	Baixa
JFC	Masculino	65 anos	Semialfabetizado	12 anos	Baixa

FONTE: Elaboração própria

4.4 Instrumentos de pesquisa

Para obter os dados que compõem o *corpus* da pesquisa, os entrevistadores, antecipadamente, aproximaram-se dos moradores da comunidade, para, assim, realizarem as entrevistas. Os entrevistadores preencheram uma ficha, de modo a se obter algumas informações para as características sociais dos informantes, como: nome completo, local de residência, profissão, grau de escolaridade, viagens, idade, filhos, religião, naturalidade, sexo, estado civil, tempo fora da comunidade, exposição à mídia e uso de *internet*. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para poderem participar das entrevistas.

A etapa seguinte foi a das gravações, quando se realizou a entrevista com cada informante (do tipo entrevistador/informante) com auxílio de um gravador de voz modelo Sony PX-240.

4.5 Coleta e transcrição dos dados

A coleta de dados do tipo transversal foi realizada por estudantes bolsistas PIBIC da Universidade Federal do Oeste da Bahia campus Bom Jesus da Lapa, alunos do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin)/(UESB) e pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo da UESB, *campus* de Vitória da Conquista.

As entrevistas foram realizadas no ambiente da comunidade (casas dos moradores e seus locais de trabalho), versando sobre “narrativas de vida”: família, sonho, associações comunitárias, trabalho, religião, infância, estudo, festas locais, doenças, costumes, conflitos de terra, morte, uso das mídias, entre outros. Após essa etapa, sucedeu a audição, seguida da transcrição em que se utilizou o Programa *Transcriber 2.0* e o sistema de Chave de Transcrição do Projeto Vertentes do Português (LUCCHESI, 2001).

4.6 Levantamento dos dados

No procedimento de levantamento dos dados, selecionamos as ocorrências de sujeito pronominal preenchido e nulo de referência definida em sentenças finitas encontrados na fala dos informantes. Entre esses sujeitos de referência definida, alguns casos foram excluídos:

a) As expressões fixas do tipo “sei lá”, “sei lá o que” que apresentam sujeito nulo categórico, como mostra o exemplo:

(14) Ah, mas você foi criada **não sei lá não sei na onde**. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

b) Os casos de sujeitos plenos em construções clivadas, em usos contrastivos ou modificados por numeral, quantificador, entre outros, respectivamente exemplificados:

(15) Eu fui fiz o serviço mais ele, o que foi que **ele** fez, nois midiu tudo, deu certo, que era dele passar o dinheiro para mim, ele pagou pra outro. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

E depois de nós casado também, **eu** fui, **ela** ficou, depois ela, **eu** cheguei e **ela** foi. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

(16) Ai eu lembro quando pai ia pras agrovila, trabaiava e saia mais os menino, que era eu, o outro irmão que tinha maior e Valdecino, era só com ele, e ia trabaia **nós dois** nas agrovila. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

c) orações subordinadas principais com verbos epistêmicos no presente do indicativo, como no exemplo:

(17) **Acho que** a criação dela foi muito boa, mas hoje em dia, depois que eles criou ficou *reIbel* (ICS, 28 anos, Rio das Rãs)

d) coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes, como mostra o exemplo:

(18) **Eu_i** tinha um engenho, **cv_i** cortava a cana e **cv_i** colocava no engenho, aí tinha o mel de cana. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

e) verbos imperativos, respectivamente exemplificado:

(19) Pai, mãe **tira** a culpa de [...], que ele não tem culpa nenhuma. Ele me chamou e eu arrumei um namorado lá e falei que não vinha e vinha com Bebeto e aconteceu isso aí. **Coloque** a culpa tudo ni mim. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

f) Sentenças em que o pronome relativo é um sujeito:

(20) Graças a Deus, agora não, agora gente já escreve um pouquinho, já entende mais, aquela professora que veio ai, cê não viu uma [**professora**]_i [**que**_i veio ai assim de Salvador]? (APS, 86 anos, Rio das Rãs)

Após a seleção das ocorrências, submetemos esses dados ao Programa Estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2007), com a finalidade de analisar em que medida os fatores linguísticos e sociais influenciam o emprego do sujeito pronominal preenchido. Essa ferramenta de análise estatística forneceu o total de ocorrências, a frequência e o peso relativo que possibilitam observar os fatores que favorecem e os que desfavorecem o sujeito pronominal preenchido, fenômeno em estudo.

A seguir, serão descritas as variáveis dependentes e independentes para análise deste estudo.

4.7 As variáveis da pesquisa

De acordo com Tarallo (1985, p. 8), constantemente, existirão nas comunidades de fala formas linguísticas em variação, as quais são chamadas “variantes linguísticas”, [...] “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Segundo esse autor, a um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’. Essas variáveis classificam-se em variáveis linguísticas dependentes e variáveis linguísticas independentes. A variável dependente é o próprio fenômeno a ser estudado, ao passo que, as variáveis independentes dizem respeito aos fatores internos e externos que auxiliam no

reconhecimento das causas de determinada mudança e a sua implementação na comunidade linguística.

Para obter as variáveis desta pesquisa, acessamos os dados que constituem o *corpus* da pesquisa, o *corpus* do Português Popular Rio das Rãs (PPRR). Assim, constituímos o envelope de variação deste trabalho, composto da variável dependente e das variáveis independentes.

4.8 Variável dependente

Neste estudo, a variável dependente a ser pesquisada é constituída por duas variantes: o sujeito pronominal nulo *versus* o sujeito pronominal preenchido. Essa variável será observada com base em diferentes fatores condicionadores. A seguir, exemplificamos essa variável binária com dados retirados do nosso *corpus*:

(21) **Eu** estudei bastante na escola de Dona Maria professora. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

(22) **cv** Morei dezessete ano mas meu marido. (DAO, 51 anos, Rio das Rãs)

4.8.1 Variáveis linguísticas independentes

Compõem as variáveis independentes, neste estudo, os grupos de fatores apontados como possíveis de influenciar a ausência ou a presença do sujeito pronominal na fala da comunidade quilombola Rio das Rãs, os quais são fornecidos pela Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e que Duarte e Rezende dos Reis (2018) têm utilizado mais recentemente em seus estudos. Segundo esta pesquisadora, a Teoria de Princípios e Parâmetros é que fornece à Teoria da Variação e Mudança os grupos de fatores relevantes e as propriedades associadas a um parâmetro que possibilitam o início da análise, bem como conduzem a uma interpretação correta dos resultados, mostrando os caminhos que a mudança está percorrendo. Nessa perspectiva, tendo em vista a descrição oferecida pelos estudos sobre as línguas [+/- sujeito nulo], utilizamos nesta pesquisa os grupos de fatores estruturais fornecidos pela Teoria de Princípios e Parâmetros, em colaboração com uma teoria que visa ao estudo da mudança, mas que não é capaz de iniciar sua pesquisa empírica sem um componente gramatical. As pesquisas que se fundamentam na Teoria de Princípios e Parâmetros, como visto anteriormente na seção 2, analisam somente os grupos de fatores linguísticos da variável estudada, por um lado, (i) pelo fato de o modelo gerativo ser uma teoria linguística, que fundamenta o estudo das variáveis; (ii) por outro lado, pelo fato de focar na origem da mudança, a qual só pode ser analisada sob a perspectiva linguística, não sob a social. Nossa pesquisa, todavia, que é fundamentada na associação entre a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006) e a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), contemplará não só a origem da mudança, como a propagação, bem como, analisará as variáveis linguísticas e as variáveis sociais.

Na análise da variável dependente desta pesquisa, monitoramos onze variáveis linguísticas e cinco variáveis sociais, como exposto no quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – Variáveis linguísticas e variáveis sociais

Variáveis linguísticas	Variáveis sociais
Pessoa do discurso	Sexo
Morfologia verbal	Faixa etária
Forma verbal	Escolaridade
Tempo verbal	Rede de relação social
Estrutura de CP	Exposição a mídia
Adjuntos antes do sujeito	

Categorias funcionais entre o IP e o núcleo de IP	
Padrão sentencial	
Sujeitos deslocados à esquerda	
Traço semântico do referente de 3ª pessoa	

FONTE: Elaboração própria

Nas subseções seguintes, apresentamos a função desempenhada por essas variáveis no processo de variação, para que, na análise dos resultados exposta na próxima seção, tenhamos uma comparação entre elas e tracemos o vernáculo falado por essa comunidade em análise.

4.8.1.1 Pessoa do discurso

Esta variável diz respeito às pessoas do discurso e visa a verificar se há diferença na representação do sujeito nas diferentes pessoas e quais pessoas favorecem ou não o sujeito pronominal preenchido. Essa variável foi organizada segundo os fatores abaixo e seus respectivos exemplos:

a. 1ª pessoa do singular - *Eu*

(23) **Eu** sofri um pequeno probleminha ali no ... no Exú, ai [...]. (IAX, 32 anos, Rio das Rãs)

b. 2ª pessoa do singular - *Tu (você)*

(24) **Você** é *procupada* que nem pai, eu nan vou larga oceis pra ir pontá ela não. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

c. 3ª pessoa do singular - *Ele / Ela*

(25) **Ele** ficou lá uns três dias internado. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

d. 1ª pessoa do plural - *Nós*

(26) Eh, **nós** morava no Rio das Rãs, chegou a oportunidade de nós vim aqui pro assentamento do Rio das Rãs, aí nós mudemos pra cá e tudo. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

e. 1ª pessoa do plural – *A gente*

(27) **A gente** brincava de esconde-esconde hoje em dia não tem mais isso, entendeu. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

e. 2ª pessoa do plural - *Vós (vocês)*

(28) A muié, a muié ficou pra fazer o *servicin* leve, que muié ficou pra fazer o serviço de casa, né a nan se que ela fosse uma professora, e **vocês** sofre. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

f. 3ª pessoa do plural - *Eles / Elas*

(29) Se não tivesse associação **eles** cabava com todo mundo. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.2 Morfologia verbal

A variável *morfologia verbal* refere-se às desinências morfológicas do verbo em que verificaremos qual(is) desinência(s) favorece(m) o uso do sujeito pronominal preenchido e qual(is) não favorece(m), e, assim, poderemos verificar se a identificação da categoria vazia é feita pela morfologia verbal ou se o paradigma flexional, usado por essa comunidade, também sofreu redução e, conseqüentemente, os sujeitos não estarão licenciados pelas desinências. Para esse fim, essa variável foi controlada observando quatro combinações possíveis apresentadas por Galves (1990, 1991) que é a associação do traço sintático ao traço de número:

a. *+pessoa -plural (o, ei)* (aplica-se à primeira pessoa do singular)

(30) **Eu** tenho dez irmãos. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

b. *+pessoa +plural (mos)* (exclusiva de primeira pessoa do plural)

(31) Graças a Deus hoje nós pode dizer que **nós** estamos vivendo agora, né. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

c. *-pessoa +plural (m)* (aplica-se à segunda pessoa do plural (vocês) e à terceira pessoa do plural)

(32) **Eles** contavam muitas histórias do passado deles. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

d. *-pessoa -plural (zero)* (aplica-se a duas, três ou até quatro pessoas: à primeira pessoa do singular no pretérito imperfeito do indicativo, a *você*, a *ele* e a *gente*)

(33) Eu mesmo trabalhei fora, saí pra cuidar de meu filho também, que **ele precisava** de tratamento. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

(34) **A gente** não **tinha** energia, a gente lumiava aqui era lamparina. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.3 Forma verbal

A intenção de incluir esta variável na pesquisa é de verificar quais formas verbais se mostram mais favoráveis ao emprego do sujeito pronominal preenchido, se simples ou se complexa. Consideramos como forma verbal complexa as sequências compostas de um verbo auxiliar na forma finita + verbo principal na forma não-finita.

As formas verbais são distribuídas da seguinte forma:

a. *Simplex*

(35) **Eu estudei** bastante na escola de Dona Maria professora. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs).

b. *Composta*

(36) Ai se corta esses cartão pelo menos o meu, **eu vou mudar** pro rio de novo, porque não dá pra mim ficar aqui, não dá porque sobrevive daí. (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.4 *Tempo Verbal*

O propósito em controlar essa variável advém da necessidade de observar qual(is) tempo(s) favorecem o uso do sujeito pronominal preenchido e qual(is) não o favorece(m). Os tempos verbais são distribuídos da seguinte forma:

a. *Presente do Indicativo*

(37) Graças a Deus, meus fñ tudo vai pra igreja, eu **fico** muito alegre por isso. (DAO, 51 anos, Rio das Rãs)

b. *Pretérito imperfeito do Indicativo*

(38) Nós **estudava** debaixo do pau. (TFS, 49 anos, anos, Rio das Rãs)

c. *Pretérito perfeito do Indicativo*

(39) Agora já na outra chea, os outro animal que ficou lá, nós **trouxe** no ajojo do fazendeiro aqui Carlo Bonfim. (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)

d. *Subjuntivo*

(40) Se eu **falasse** a letra eu batia no último que não falou. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.5 *Estrutura do CP*

O grupo de fatores *estrutura do CP* diz respeito ao sintagma complementizador (CP) que, de acordo com a Teoria Gerativa, é uma categoria funcional responsável pelo ato ilocutório das sentenças. Esse sintagma pode abrigar traços em seu especificador (SPEC) ou em seu núcleo, isto é, o SPEC pode ser preenchido por pronomes interrogativos e relativos e o núcleo pode ser ocupado por conjunções subordinativas. Nesta variável, observamos a influência da ausência ou da presença de elementos em CP no favorecimento ao uso do sujeito pronominal expresso. A seguir, ilustramos as estruturas possíveis do CP: em (41), temos uma sentença raiz, sem nenhum elemento em CP; em (42 e 43), há sentenças interrogativas e relativas, em que os pronomes relativos e interrogativos ocupam a posição de SPEC de CP; por fim, em (44), temos uma oração subordinada adverbial, com a conjunção subordinativa ocupando a posição de núcleo do CP:

a. *CP vazio*

(41) Eu fiquei muito enjoada de Ravena da minha primeira filha. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

b. *SPEC de CP preenchido* (presença de pronomes relativos e interrogativos no SPEC de CP)

(42) Ei **[Israel]**_i, **[o que que cv_i precisa]**? (IAX, 32 anos, Rio das Rãs)

(43) Eu queria sempre ter uma vida digna, ter **[um homem]**_i **[que ele_i não me *dasse* muito valor]** eu me sinto uma pessoa assim, mais sozinha dentro de casa. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

c. *Núcleo de CP preenchido* (presença de conjunção no núcleo do CP)

(44) [**CP Quando** [_{IP eu operei a vesícula}]] nós já tava morano aqui ai na beira do rio. (IAX, 32 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.6 *Adjuntos antes do sujeito*

A nossa intenção, ao controlar esse grupo de fatores, é identificar a influência dos adjuntos, ausente ou presente, na ocorrência do sujeito pronominal preenchido. Essa variável foi organizada segundo os fatores abaixo e seus respectivos exemplos:

a. *Ocorrência dos adjuntos*

(45) **Lá sempre** eles tomava banho no rio porque lá não tinha, não tem banheiro, o banheiro deles era no rio, né? (ref. “as pessoas da comunidade”) (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

b. *Nenhuma ocorrência dos adjuntos*

(46) Eu passei por muita dificuldade aqui, entendeu, hoje a gente *veve* uma vida mais, mais razoável, mais sossegada, sabe? (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.7 *Categorias funcionais entre o especificador de IP e o núcleo de IP*

O nosso propósito, ao considerar esta variável, é de verificar se a presença de elementos entre as posições do especificador de IP e seu núcleo influencia a opção pelo sujeito pronominal expreso. Consideramos as seguintes possibilidades:

a. *Negação*

(47) Eu **não** tive infância nenhuma. Nem eu, nem nós nenhum aqui, que criemos aqui nesse lugar. LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

b. *Clítico*

(48) Ele **me** tirava da escola para ajudar ele aqui na roça. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs).

c. *Negação e clítico*

(49) Tá acontecendo alguma coisa, aí eu fiquei naquele sentido dele me chamar, ele **não me** chamou, eu levantei, levantei e acendi a luz. (ref. “o filho da informante”) (JAS, 45 anos, Rio das Rãs)

d. *Advérbios aspectuais e operadores de foco*

(50) Que Deus já me deu aquele dom, de, de sabe? De servir alguma comida pras pessoa, um suco, qualquer coisa, cv **já** tenho diálogo com pessoal da comunidade, tendeu? (IAX, 32 anos, Rio das Rãs)

e. *Advérbios pesados ou de expressões*

(51) Aí fulana teve ruim disse que quase morre, parteira de fulano foi assim, parteira de fulano foi assim. Mas eu **graças a Deus** tô com setenta ano, peguei sessenta e quatro mas graças a Deus nunca nenhuma morreu ni meus braço e nem também as criança teve pobrema. (VAS, 70 anos Rio das Rãs)

f. *Nenhum elemento*

(52) Eu queria que eles terminasse, os estudo, pra poder sair. (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.8 Padrão sentencial

A variável *padrão sentencial* considera nove fatores de prováveis contextos em que o sujeito pronominal pleno pode se realizar, tendo em vista essa acessibilidade sintática do antecedente do sujeito pronominal:

a. *O antecedente é sujeito da principal anteposta (c-comando) (Padrão A)*

(53) **Eu_i** só fui mesmo na outra festa depois que **eu_i** cresci. (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)

b. *O antecedente é sujeito da subordinada anteposta (Padrão B)*

(54) Quando **ela_i** tá cheia de água aí mesmo, aí **cv_i** fica o ano todin. (ref. “a caixa de água”) (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

c. *O antecedente é sujeito e se encontra em um período adjacente (Padrão C)*

(55) **Eu_i** conheço todos eles até hoje. Quando **eu_i** chego lá eles considera como que fosse um parente deles. (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)

d. *O antecedente exerce outra função sintática e se encontra no mesmo período ou no período adjacente (Padrão D)*

(56) cv falei com **minha irmã_i**, **ela_i** tava até fazendo um mingau lá pro filho dela. (JAS, 45 anos, Rio das Rãs)

e. *O antecedente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, há uma ou mais orações intervenientes (Padrão E)*

(57) É, a época aqui, que **Bonfim_i** ia derrubar as casa, ali no Rio das Rãs, foi com as máquina pra lá, nós tava *fazeno* uma reunião lá, **ele_i** ficou *sabeno* da reunião. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

f. Um gatilho se faz presente na pergunta do entrevistador (Padrão F)

(58) Entrevistador: Hum, **você** faz o quê na Associação?

Informante: **Eu** sou *deretor* da Associação. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

h. *Retomada de mais um antecedente exercendo funções sintáticas distintas na oração precedente* (Padrão G)

(59) De primeiro quando eu era mais nova, *inté* pescar no rio **eu**_i ia *ponhar* canoa **mais meu marido**_i, na beira do rio, eu deixava os menino pequeno deitado, e aí **nós**_i ia pescar. (DAO, 51 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.9 *Sujeitos deslocados à esquerda*

Esta variável diz respeito aos sujeitos pronominais que retomam elementos deslocados à esquerda. De acordo com Duarte (1995), ela é relevante para comprovar a tese de que o PB está realmente se afastando do grupo de línguas *pro-drop*. Observaremos a influência dos fatores dessa variável elencados abaixo na realização do sujeito pronominal, em qual(is) contextos haverá mais ocorrência de sujeito expresso:

a. *DP deslocado e pronome fraco*

(60) **Meu pai, ele** quase endoidou, só ... só vivia no mato caçando. (ABP, 86 anos, Rio das Rãs)

b. *Pronome forte deslocado e pronome fraco*

(61) **Eu, eu** acho que ela chega de São Paulo amanhã.

c. *DP modificado por oração relativa + pronome fraco*

(62) Os dois que era home, **eles** teve em São Paulo trabaiano também um tempo. (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

4.8.1.10 *Traço semântico do referente de 3ª pessoa*

Esta variável diz respeito somente ao traço semântico do referente de 3ª pessoa, devido a seu caráter anafórico. Verificamos, nos trabalhos de Duarte (1995) e de Duarte e Rezende dos Reis (2018) que a 3ª pessoa do discurso é o contexto de resistência à mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno, pois, de acordo com Cyrino, Duarte e Kato (2000), além dos traços inerentemente [+humanos] e [+específicos], exclusivos da 1ª e 2ª pessoa, a 3ª pessoa possui referentes [+/- animados] e [+/-específicos]. Levando em conta essas observações, consideramos os seguintes traços:

a. [+humano / +específico]

(63) Uma época, eu vi [**uma nora minha**]_i morrer por falta de, de, de condução. **Ela**_i perdeu o nenê, e aí ficaram aqui, na Brasileira aqui, enrolano, caçano condução, caçano condução, como leva, como não leva. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

b. [+humano / -específico]

(64) Pego fico oiano [**o cara**]_i fazendo, quando **ele**_i sai eu faço do mesmo jeito. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

c. [+animado / +específico]

(65) Ele saiu tarde da noite, né, aí, ele foi disse que buscar um homem, não sei, mais ou menos na casa da mãe dele, aí tinha [**uma onça**]_i, eh, **cv**_i atacou ele. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

d. [+animado / -específico]

(66) Inclusive lá em casa é minha mãe, quando criava bastante mermo, [**carneiro**]_i, a gente tinha ...tinha muito, **cv**_i vêi acabar depois dessa chêa, nós trouxe praqui, ai **cv**_i foi pra beira no rio (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)

e. [-animado / +específico]

(67) Lá em casa pega [**a água**]_i da cisterna, que choveu, peguei do ano passado que esse ano **ela**_i caiu pouquin. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

f. [-animado / -específico]

(68) Eu compro hoje em dia, [**um brinquedo**]_i que vale, de vinte reais, de trinta reais, compra hoje amanhã **cv**_i já tá só o bagaço que ele quebra. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

4.8.2 Variáveis sociais independentes

Passemos agora ao detalhamento das variáveis sociais independentes.

4.8.2.1 Sexo

Os processos de mudança linguística em uma comunidade linguística podem ocorrer em direção a uma forma padrão ou a uma forma não padrão, o comportamento linguístico da comunidade observada é que a determina. Neste contexto, a forma padrão é aquela que pertence às variedades cultas da língua. Nas pesquisas sociolinguísticas da variedade urbana, constata-se que, geralmente, os homens são os responsáveis pelos processos de mudança linguística em direção à forma não padrão, ao passo que, as mulheres são as responsáveis pela liderança dos processos de mudança em direção à forma padrão. Sendo assim, as mulheres se mostram inovadoras quando as formas linguísticas são prestigiadas socialmente e se mostram conservadoras quando as formas linguísticas são avaliadas negativamente pela comunidade. Diferentemente, nas comunidades remanescentes de quilombos são os homens que lideram o processo de mudança, isto é, eles são os primeiros a empregar o uso das variantes do padrão

urbano, sendo a hipótese para isso o fato de que eles têm mais contato fora comunidade, pois eles têm mais necessidade de sair da comunidade, em busca de empregos, por exemplo, em cidades vizinhas ou capitais.

Paiva (2003) enfatiza que a diferença apresentada entre homens e mulheres, ao empregarem um determinado fenômeno linguístico, muda de acordo com as características na organização social de cada comunidade linguística. Dessa forma, objetivamos analisar, nesta pesquisa, qual dos dois (ou ambos os) sexos favorecem o emprego do sujeito pronominal preenchido no português falado pela comunidade quilombola Rio das Rãs.

4.8.2.2 *Escolaridade*

Para compor esta pesquisa, selecionamos dois níveis de escolaridade, sem *escolaridade* e *semialfabetizados*. O primeiro inclui os falantes que nunca frequentaram a escola ou cursaram por dois anos, e o segundo grupo inclui os falantes que frequentaram a escola entre três e cinco anos. Nessa variável, objetivamos observar em qual dos dois grupos de falantes há mais preenchimento do sujeito.

4.8.2.3 *Faixa etária*

Nos estudos sociolinguísticos, os processos de mudança linguística podem ser analisados ao correlacionar, por exemplo, o fenômeno linguístico estudado com o fator idade. Labov (1994) destacou dois parâmetros nos trabalhos realizados sobre variação e mudança linguística: *mudança em tempo aparente* e *mudança em tempo real*. O estudo da mudança em *tempo aparente* é feito observando o comportamento de um fenômeno linguístico variável, com base em sua realização por falantes de diferentes faixas etárias em uma dada comunidade, em determinada sincronia. Nesse sentido, os falantes são organizados em grupos etários que vão dos mais velhos aos mais jovens, o que possibilita ao pesquisador observar se o fenômeno linguístico variável estudado em uma dada comunidade se encontra em *mudança em curso* ou se caracteriza *variação estável*. A primeira ocorre quando a variante linguística *x* exibe percentual mais alto que a variante linguística *y*, o que corresponde a uma alta frequência de uso da variante inovadora por falantes das gerações mais jovens, frequência essa que vai decrescendo em relação aos falantes das gerações mais velhas. A segunda ocorre quando as variantes linguísticas coexistem, há um equilíbrio da frequência de uso por parte das gerações mais velhas e mais jovens da comunidade, uma vez que não se constata a predominância de uso de uma variante linguística em relação à(s) outra(s).

O estudo da mudança em *tempo real*, por sua vez, é de natureza diacrônica. Segundo Tarallo (1986, p. 70), “uma vez atestada a mudança com base em dados do tempo aparente, deve-se proceder a um encaixamento histórico da variável no tempo real”. O estudo em tempo real analisa o comportamento de um fenômeno linguístico variável, com base em sua realização em diferentes períodos de tempo, objetivando conceber a estabilidade e/ou a mudança.

Em nossa pesquisa, realizamos um estudo em *tempo aparente*, com a distribuição dos informantes em três faixas etárias: (i) faixa I – 25 a 35 anos; (II) faixa II – 45 a 55 anos; (iii) faixa III – mais de 65 anos, e temos o objetivo de investigar se o fenômeno em estudo, na comunidade Rio das Rãs, se encontra em mudança em curso ou se representa um quadro de variação estável. Como a nossa hipótese, apresentada na primeira seção, é de que a geração mais jovem (faixa I) da comunidade, neste trabalho, utilizarão mais a estratégia de preenchimento do sujeito, uso que estará decrescendo em relação às outras gerações de falantes (faixa II e III), podemos dizer que estamos diante de uma mudança em progresso. Isso pode se dever ao fato de esses jovens terem acesso ao estudo formal e ao recurso midiático, serem mais suscetíveis às influências externas e do mercado de trabalho, bem como manterem um contato maior com falantes da zona urbana, na qual, segundo atestam os trabalhos, como os de Duarte (1995) e de Duarte e Rezende dos Reis (2018), já se encontra em um estágio bem avançado da mudança, em direção ao preenchimento do sujeito.

4.8.2.4 Rede de relação social

Esta variável estuda a entrada de novos fenômenos linguísticos em uma dada comunidade, em decorrência da interação de seus membros com grupos de outras localidades. O falante que se ausenta de sua comunidade de origem por mais de 06 (seis) meses, interagem com indivíduos de outras localidades, provavelmente, trará traços linguísticos, influências externas, desta para a comunidade de origem. Por outro lado, aqueles falantes que nunca se ausentaram, possivelmente, irão apresentar um padrão linguístico com marcas típicas da comunidade.

À vista disso, neste estudo, essa variável foi controlada observando dois fatores:

- (a) *Local*: o informante que sempre morou na comunidade ou que se ausentou por curtos períodos de tempo, ou seja, menos que seis meses;
- (b) *Dispersa*: o informante que passou pelo menos seis meses fora da comunidade.

Dessa forma, objetivamos analisar, nesta pesquisa, qual das duas redes de relações favorecem o emprego do sujeito pronominal preenchido no português falado pela comunidade quilombola Rio das Rãs.

4.8.2.5 *Exposição à mídia*

O estudo desta variável, *exposição à mídia*, é comum nas pesquisas que tomam como objeto de análise o vernáculo de comunidades rurais quilombolas. Por meio dela, busca-se analisar se a maior ou a menor permanência diante dos meios de comunicação influencia sobre o fenômeno estudado. Em nosso caso, seria bastante significativo atestar a influência do uso dos meios de comunicação na opção pelo sujeito pronominal expresso. Essa análise, todavia, não será possível, pois os pesquisadores, na coleta dos dados, apenas sistematizaram a variável em dois fatores, *exposição baixa à mídia* e *exposição alta à mídia*, não deixaram claro o tempo de exposição do falante à mídia e o tipo de mídia usada pelos informantes. Diante disso, optamos por excluir esse grupo de fatores da rodada dos dados, já que não é possível mensurar o que consiste baixa e o que consiste alta exposição à mídia.

Apesar dessa circunstância, observamos, nas entrevistas, que os informantes da comunidade quilombola Rio das Rãs fazem uso de rádio, televisão e celular, bem como têm acesso à internet, como podemos atestar nas seguintes narrativas:

(69) Robinho já sabe ligar o **celular**, fazer ligação, receber, tudo. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

(70) Agora pras muié, é cuidar de uma casa, na hora que tiver, puder ir na casa do vizin, conversar, os que gosta de sair bom, os que não gosta fica mais dentro de casa cuidano da obrigação, moiano uma pranta, cuidano dum fí, liga uma **televisão** e assistir. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

(71) Eu muitas vezes assisto pouca **televisão** assim, mas eu vejo assim ni, quando eu ligo assim as vezes um jornal, né, as vezes ali um programa. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

(72) Muitas coisa que a gente não sabia, através da **internet** a gente já sabe. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

(73) Hoje muitas pessoas aqui dentro tem **internet**, hoje mudou muito, não é mais igual antes, a pessoa não sabia de nada, com a **internet**, com **celular**, **TV** a pessoa não assistia, não tinha energia, já mudou muito agora. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

(74) Ah, tem uns dezesseis anos por aí, ou mais né? A **internet** já tá mais com pouco tempo que chegou aqui, mas a energia tem uns dezessete, dezesseis, pra dezesseis anos. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

(75) Ontem mesmo eu fui antonte em casa um **raidin** véi que caiu no chão eu tava lá na roça e caiu no chão rancou o fio, tá, coloquei tudo no lugar de novo, deixei lá falano, deixei lá falano tudo ainda. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs).

(76) A gente já pode ter sua **tevezinha** em casa, sua geladeira, né, que, o **celular**, que a gente, né, então melhorou bastante. (IRS, 53anos, Rio das Rãs).

As narrativas dos moradores nos revelam que a comunidade faz uso dos meios de comunicação, só não é possível mensurar a frequência desse uso, o que torna inviável a análise desse grupo de fatores.

Concluimos, assim, a exposição das variáveis independentes e sociais consideradas na análise dos dados. Na próxima seção, apresentaremos a análise e discussão dos resultados referentes aos grupos de fatores controlados em nossa pesquisa.

5 A REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS EXPRESSOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DA RÃS

Nesta seção, analisamos os resultados da abordagem quantitativa e probabilística a que foram submetidos os dados do *corpus*.

Para a análise da **variável dependente**, sujeito nulo *versus* sujeito pronominal preenchido, inicialmente, controlamos 15 (quinze) grupos de fatores (variáveis independentes): **variáveis linguísticas:** (1) pessoa do discurso; (2) morfologia verbal; (3) forma verbal; (4) tipo de verbo; (5) estrutura do CP; (6) adjuntos antes do sujeito; (7) categorias funcionais entre o especificador de IP e o núcleo de IP; (8) padrão sentencial; (9) sujeitos deslocados à esquerda; (10) traço semântico do referente de 3ª pessoa; **variáveis sociais:** (11) sexo; (12) faixa etária; (13) escolaridade; (14) rede de relação social; (15) exposição à mídia.

No entanto, na primeira rodada do programa, houve *knockout* e *singleton group* com alguns grupos de fatores e com alguns fatores. Com a variável linguística *sujeitos deslocados à esquerda*, ocorreram dois *knockouts*, cuja exclusão levou ao *singleton group*, o que nos levou a excluir esse grupo da rodada, pois, só então, poderíamos submeter os dados ao cálculo dos pesos relativos. Ressaltamos também que computamos, nessa rodada, como fatores distintos, os referentes [+/-humano] e [+/-animado]; [+específico] e [-específico], todavia, devido à pouca frequência de dados com esses referentes em nosso *corpus*, decidimos fazer uma junção: (i) o traço [+humano] com o [+animado]; (ii) o traço [-humano] com o [-animado]; (iii) o traço [+específico] com o [-específico].

Dessa forma, procedemos à segunda rodada, que nos mostrou os grupos de fatores mais significativos para o preenchimento do sujeito, conforme podemos visualizar na tabela 7:

Tabela 7 – Grupos de fatores selecionados como significantes para a ocorrência do sujeito preenchido, de acordo a ordem de seleção do programa

Grupo de fatores selecionados	Fatores	N / T	(%)	p.r.
Pessoa do discurso	1ª pessoa do singular	564 / 728	77,5%	0,47
	2ª pessoa do singular	54 / 57	94,7%	0,63
	3ª pessoa do singular	261 / 354	73,7%	0,36
	1ª pessoa do plural (nós)	119 / 129	92,2%	0,62
	1ª pessoa do plural (a gente)	124 / 129	96,1%	0,75
	3ª pessoa do plural	118 / 136	86,8%	0,58
Padrão sentencial	Padrão A (com c-comando)	10 / 27	37,0%	0,10
	Padrão B (sem c-comando)	22 / 35	62,9%	0,29
	Padrão C (adjacente)	41 / 62	66,1%	0,29
	Padrão D (outra função)	79 / 107	73,0%	0,42
	Padrão E (distante)	301 / 372	80,9%	0,49
	Padrão F (presença de gatilho)	192 / 240	80,0%	0,46
Traço semântico do referente de 3ª pessoa	[+anim (+hum), +/-esp]	371 / 462	80,3%	0,53
	[-anim (-hum), +/-esp]	11 / 31	35,5%	0,11
Formal Verbal	Simplex	1081 / 1306	82,8%	0,52
	Complexa	160 / 228	70,2%	0,33
Morfologia verbal	+pessoa, -plural (o, ei, s)	425 / 565	75,2%	0,38
	+pessoa, +plural (mos)	7 / 8	87,5%	0,52
	-pessoa, +plural (m)	21 / 30	70,0%	0,20
	-pessoa, -plural (0)	788 / 931	84,6%	0,58
Tempo verbal	Presente do Indicativo	421 / 508	82,9%	0,58
	Pretérito imperfeito do Indicativo	382 / 450	84,9%	0,50
	Pretérito perfeito do Indicativo	417 / 551	75,7%	0,43
	Subjuntivo	21 / 25	84,0%	0,57
Estrutura do CP	CP vazio	1065 / 1316	80,9%	0,48
	Spec de CP preenchido	40 / 41	97,6%	0,88
	Núcleo de CP preenchido	136 / 177	76,8%	0,55

FONTE: Elaboração própria

Por outro lado, o programa Estatístico *Goldvarb X* não selecionou, como significantes para o estudo da variável dependente os grupos de fatores: *adjuntos antes do sujeito; categorias funcionais entre o especificador de IP e o núcleo de IP; faixa etária; rede de relação social; escolaridade; sexo*. Sendo assim, retiramos da análise dos dados esses grupos de fatores.

As ocorrências das variáveis controladas na fala dos 24 (vinte e quatro) informantes totalizaram 1534 (um mil, quinhentas e trinta e quatro) ocorrências de sujeitos pronominais. Apresentamos a análise dos resultados através de tabelas e gráficos criados por meio de dados fornecidos pelo programa estatístico *Goldvarb X*. Nas tabelas, encontram-se os valores percentuais e, nos gráficos, apenas os valores dos pesos relativos, para que o leitor possa visualizar melhor a distância entre o maior e o menor peso relativo. Por meio de ambas,

mostramos a atuação dos grupos de fatores sobre a variável dependente sujeito pronominal nulo *versus* sujeito pronominal pleno.

Na medida do possível, comparamos os nossos resultados com os trabalhos de Duarte (1995) e Duarte e Rezende dos Reis (2018), que analisam o fenômeno em estudo em uma variedade urbana (a carioca), com o objetivo de examinarmos em que proporção nossos resultados e os desses autores divergem ou se aproximam, bem como verificar se a variedade falada pela comunidade quilombola Rio das Rãs caminha na mesma direção da variedade urbana, no sentido de um sistema não pro-drop.

5.1 Análise dos resultados

Dos 1534 (um mil, quinhentos e trinta e quatro) dados computados, 1241 (um mil, duzentos e quarenta e um) apresentam sujeito pronominal expreso, o que corresponde a 80,9% e 293 (duzentos e noventa e três) apresentam sujeito pronominal nulo, correspondente a 19,1%, conforme demonstrado na tabela 8. Em (77) e (78) exemplificamos o preenchimento e a não realização do sujeito, respectivamente:

(77) *Eu* sofri um pequeno probleminha ali no ... no Exú. (IAX, 32 anos, Rio das Rãs)

(78) *cv* nasci ni Parateca. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

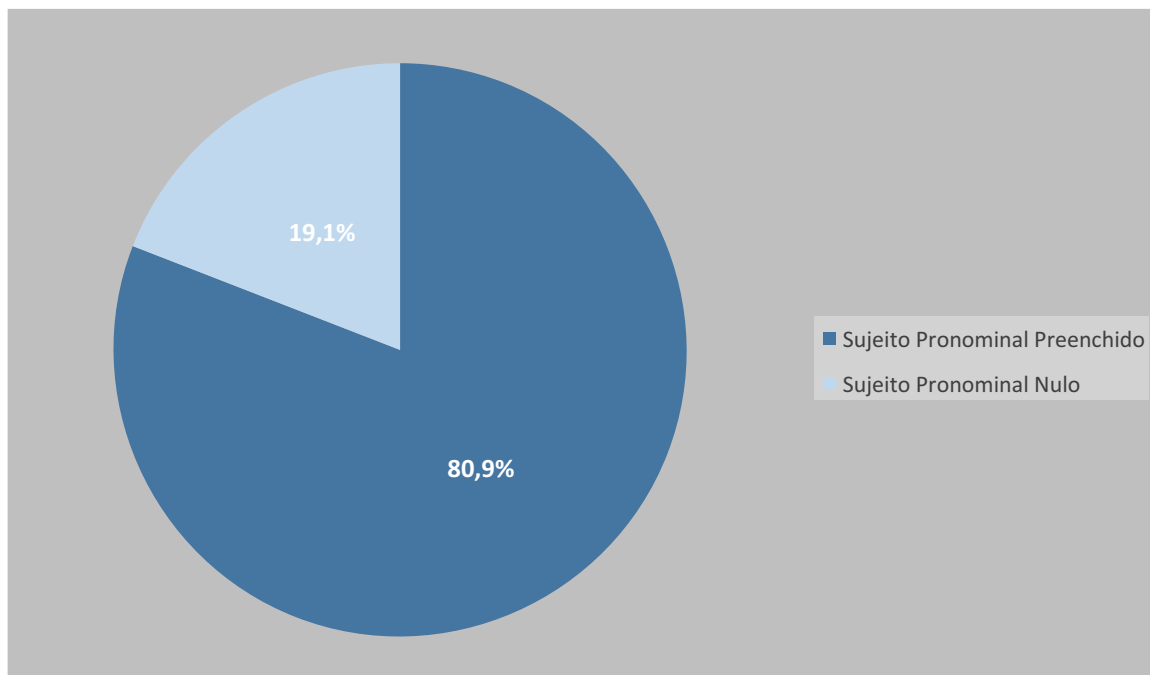
Tabela 8 – Variável dependente: sujeito pronominal preenchido versus sujeito pronominal nulo (% e p.r.)

Variável dependente	Número de ocorrências	Percentual	Peso relativo
Sujeito pronominal preenchido	1241/1534	80,9	0,81
Sujeito pronominal nulo	293/1534	19,1	0,19

FONTE: Elaboração própria

Verificamos, nesses resultados uma distância enorme entre os pesos relativos das variáveis, isto é, uma distância significativa de 62 p.r. entre os pesos: a variável dependente sujeito pronominal preenchido, com peso relativo 0,81, em relação à variável dependente sujeito pronominal nulo, com peso relativo 0,19. Notamos claramente uma preferência pela realização do sujeito pronominal, o que pode ser mais bem visualizado no gráfico 8 abaixo:

Gráfico 8 – Sujeito pronominal preenchido *versus* sujeito pronominal nulo (%)



FONTE: Elaboração própria

Nos resultados apresentados nesse gráfico, verificamos que, no *corpus* como um todo, o percentual de sujeitos pronominais plenos é maior que a dos nulos, isto é, um alto índice de preenchimento do sujeito pronominal na fala dos moradores de Rio das Rãs inseridos na amostra: 80,9%, números que equivalem a 1.534 (um mil, quinhentos e trinta e quatro) da amostra. Esses resultados quantitativos representam um indício de que esta variedade do PB tem se comportado como as outras comunidades linguísticas, não revelando, assim, diferença entre o PB urbano e o português afro-brasileiro, ou seja, está perdendo a propriedade de licenciar sujeitos nulos, conforme têm demonstrado outros trabalhos, como os de Duarte (1995) e o de Duarte e Rezende dos Reis (2018).

A seguir, apresentamos os resultados específicos de cada fator selecionado como significativo pelo Programa *Goldvarb X*, com seus respectivos exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa.

5.1.1 Variáveis linguísticas independentes

5.1.1.1 Pessoa do discurso

Nesta pesquisa, para o estudo da variável *pessoa do discurso*, consideramos os seguintes fatores discutidos na subseção 4.8.1.1:

a. 1ª pessoa do singular – *Eu*

(79) Que bem que nessa época **eu** assinava meu nome. (ADS, 66 anos, Rio das Rãs)

b. 2ª pessoa do singular – *Você*

(80) Ah **você** não foi criada entre nós. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

c. 3ª pessoa do singular – *Ele / Ela*

(81) Eu fui ameaçado, e eu vou ter que ir na Lapa tem que dar parte de, de Danilo que **ele** me ameaçou. (JFC, 65 anos, Rio das Rãs)

d. 1ª pessoa do plural – *Nós*

(82) **Nós** morava ali no Exu uma questão de um sete ou foi doze ano, daí nós mudemo mais pra dentro do Exu, do Exu, nós mudemo ali pra beira do rio. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

e. 1ª pessoa do plural – *A gente*

(83) Ah, foi boa, né, porque a gente, sei lá, era um monte de irmão, **a gente** trabaiava na roça. (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

f. 2ª pessoa do plural – *Vocês*

(84) A muié, a muié ficou pra fazer o *servicin* leve, que muié ficou pra fazer o serviço de casa, né a nan se que ela fosse uma professora, e **vocês** sofre. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

g. 3ª pessoa do plural – *Eles / Elas*

(85) **Eles** exportou a gente como se a gente fosse uma carga de bicho por outro lugar, entendeu? (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

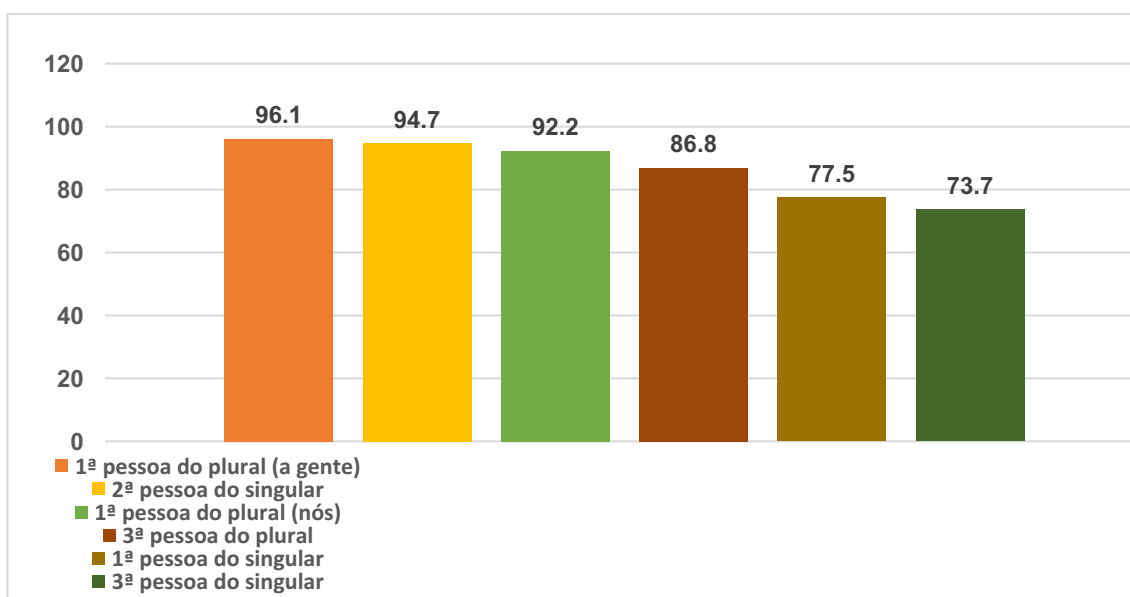
Tabela 9 – Sujeito preenchido, segundo a pessoa do discurso (% e p.r.)

Pessoa do discurso	Preenchido	Total	%	p.r.
1ª pessoa do plural (a gente)	124	129	96,1	0,75
2ª pessoa do singular	54	57	94,7	0,63
1ª pessoa do plural (nós)	119	129	92,2	0,62
3ª pessoa do plural	118	354	86,8	0,58
1ª pessoa do singular	564	728	77,5	0,47
3ª pessoa do singular	261	136	73,7	0,36

FONTE: Elaboração própria

A 2ª pessoa do plural apresentou apenas uma ocorrência com sujeito preenchido, sendo, assim, descartada pelo programa *Goldvarb X*, por ter incorrido em *knockout*.

Podemos observar na tabela 9 que a 1ª pessoa do plural (a gente) é a que mais favorece o preenchimento do sujeito, com peso relativo de 0,75, seguida a uma distância significativa pela 2ª pessoa do singular (0,63 p.r.), 1ª pessoa do plural (nós) (0,62 p.r.), 3ª pessoa do plural (0,58 p.r.); em relação à 1ª pessoa do singular (0,47 p.r.) e 3ª pessoa do singular (0,36 p.r.) desfavorecendo o sujeito expresso. Verificamos que, após décadas que sucederam a pesquisa de Duarte (1995), as pessoas do discurso vão se encaminhando ao preenchimento do sujeito; mesmo na 3ª pessoa, o contexto de resistência ao uso do pronome na posição de sujeito, está rendendo-se a ele, fato também demonstrado nas pesquisas de Duarte e Rezende dos Reis (2018). Todavia, o peso relativo 0,36 aponta que esta (a 3ª pessoa do singular) ainda é aquela que favorece o sujeito nulo nessa variedade do português brasileiro. Essa hierarquia pode ser mais bem visualizada no gráfico 9 abaixo:

Gráfico 9 - Sujeito pronominal preenchido, de acordo a pessoa do discurso (%)

FONTE: Elaboração própria

No gráfico 9, podemos perceber que a 1ª pessoa do plural (a gente) (96,1%), a 2ª pessoa do singular (94,7%), a 1ª pessoa do plural (nós) (92,2%) e a 3ª pessoa do plural (86,8%) encontram-se de um lado, como favorecedoras do sujeito pronominal expresso, e, do outro lado, encontram-se a 1ª pessoa do singular (77,5%) e a 3ª pessoa do singular (73,5%) desfavorecendo o preenchimento do sujeito.

Ao compararmos os nossos dados com os de Duarte e Rezende dos Reis (2018), verificamos que, em ambos, a 2ª e a 1ª pessoas apresentam um processo de mudança praticamente concluído. E a 3ª pessoa, como visto em Duarte (1995), continua sendo o contexto de resistência para o sujeito pronominal preenchido, todavia, com um significativo avanço em relação aos dados da autora.

5.1.1.2 Padrão sentencial

No estudo da variável *Padrão sentencial*, os fatores considerados são os seguintes, conforme discutido na subseção 4.8.1.8:

a. *O antecedente é sujeito da principal anteposta* (padrão A)

(86) **A muié_i** falou que **cv_i** não podia vender as coisa não. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

b. *O antecedente é sujeito da subordinada anteposta* (Padrão B)

(87) Quando **ela_i** tá cheia de água aí mesmo, aí **cv_i** fica o ano todin. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

c. *O antecedente é sujeito e se encontra em um período adjacente* (Padrão C)

(88) Quando eu vim conhecer Lapa mesmo **eu_i** tava com uns quinze ano. **Cv_i** Só conhecia a Lapa só de nome que era. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

d. *O antecedente exerce outra função sintática e se encontra no mesmo período ou no período adjacente* (Padrão D)

(89) cv ganhei **ela_i** e **ela_i** está aí bem, graças a Deus, tá ótimo. (ref. “a filha da informante”) (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

e. *O antecedente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, há uma ou mais orações intervenientes* (Padrão E)

(90) **Manuel da Gil** pegou *nós tava um dia lá*, acho que **cv_i** ficou mêi nervoso com pai, *nós tinha uma porcona grande assim*, **ele_i** atirou na porca de pai. (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

f. Um gatilho se faz presente na pergunta do entrevistador (Padrão F)

(91) Entrevistador: **Cê** tem vontade de casar Israel?

Informante: **Eu** não tenho vontade de casar não. (IAX, 32 anos, Rio das Rãs)

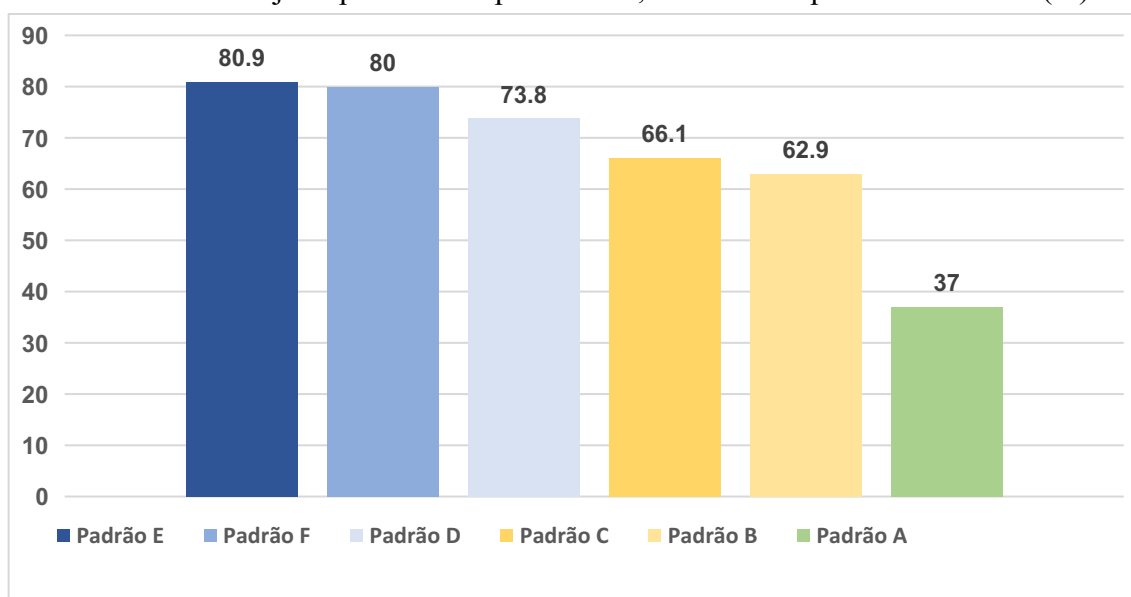
Não houve comportamento variável para o padrão H, *retomada de mais um antecedente exercendo funções sintáticas distintas na oração*, resultando em *knockout*, devido a apenas uma ocorrência com sujeito expresso.

Tabela 10 – Sujeito preenchido, segundo o padrão sentencial (% e p.r.)

Padrão Sentencial	Preenchido	Total	%	p.r.
Padrão E (distante)	301	372	80,9	0,49
Padrão F (presença de gatilho)	192	240	80,0	0,46
Padrão D (outra função)	79	107	73,8	0,42
Padrão C (adjacente)	41	62	66,1	0,29
Padrão B (sem c-comando)	22	35	62,9	0,29
Padrão A (com c-comando)	10	27	37,0	0,10

FONTE: Elaboração própria

Observando os dados na tabela 10, no que diz respeito ao peso relativo, constatamos três grupos: (i) os padrões E (0,49 p.r.), F (0,46 p.r.) e D (0,42 p.r.); (ii) os padrões C (0,29 p.r.) e B (0,29 p.r.); (iii) o padrão A (0,10 p.r.). No gráfico 10, é possível observar melhor os resultados dessa variável:

Gráfico 10 – Sujeito pronominal preenchido, de acordo o padrão sentencial (%)

FONTE: Elaboração própria

No gráfico 10, verificamos os padrões E, F, D, C e B favorecendo o uso do sujeito pleno, respectivamente, com: 80,9%; 80,0%; 73,8%; 66,1% e 62,9%. No extremo oposto, encontramos o padrão A, com 37,0%, desfavorecendo a realização do sujeito preenchido. Não é surpresa para nós que o *padrão A* seja o fator com o percentual menos elevado de favorecimento ao sujeito pronominal preenchido (37,0% e 0,10 p.r.), pois, quando o sujeito da principal c-comanda o sujeito da subordinada posposta, a preferência é pelo sujeito nulo. Os outros resultados em que o sujeito pronominal é favorecido podem mostrar que a ausência de c-comando faz com que o sujeito tenda a ser preenchido, como, por exemplo, o *padrão B*, em que o sujeito da subordinada anteposta não c-comanda o sujeito da principal, com percentual de 62,9% e 0,29 p.r. Além da relação de c-comando, acreditamos que o fato de o antecedente estar distante (em geral com algum material interveniente), *padrão E*, o antecedente exercer outra função sintática, *padrão D*, e o antecedente estar em um período adjacente, *padrão C*, também são contextos de favorecimento ao uso do sujeito expresso, pois dificilmente o falante retomará esses tipos de antecedente, com o sujeito nulo.

Nossos resultados são semelhantes ao encontrados por Duarte e Rezende dos Reis (2018), pois, em ambos, o padrão A (com c-comando) apresenta índices reduzidos de sujeito preenchido e os padrões B (sem c-comando), C (adjacente), D (outra função) e E (distante) favorecem o uso do sujeito pronominal pleno.

5.1.1.3 Traço semântico do referente de 3ª pessoa

Neste trabalho, para o estudo da variável *traço semântico do referente de 3ª pessoa*, consideramos os seguintes fatores discutidos na subseção 4.8.1.10:

a. [+animado (+humano) / +/-específico]

(92) Eh, eh. **Ele** saiu tarde da noite, né, aí, ele foi disse que buscar um homem, não sei. (ref. “o pai do informante”) (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

(93) Uma vez mesmo, um menino, um sobrinho meu ali que eu crio, foi atacado por **uma cobra** chamada jararaca, mais que cascavel, **ela** é perigosa igual *cascavei*, ela é perigosa. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

b. [-animado (-humano) / +/-específico]

(94) A pessoa tá conversano e **ele** tá gravano (ref. “o celular”) (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

(95) Eu mesmo tenho meu fi, eu compro hoje em dia, **um brinquedo**_i que vale, de vinte reais, de trinta reais, compra hoje amanhã **cv**_i já tá só o bagaço que ele quebra. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

Tabela 11 – Sujeito preenchido, de acordo o traço semântico do referente de 3ª pessoa (% e p.r.)

Traço semântico do referente de 3ª pessoa	Preenchido	Total	%	p.r.
+anim (+hum) / +/-específico	371	462	80,3	0,53
-anim (-hum) / +/-específico	11	31	35,5	0,11

FONTE: Elaboração própria

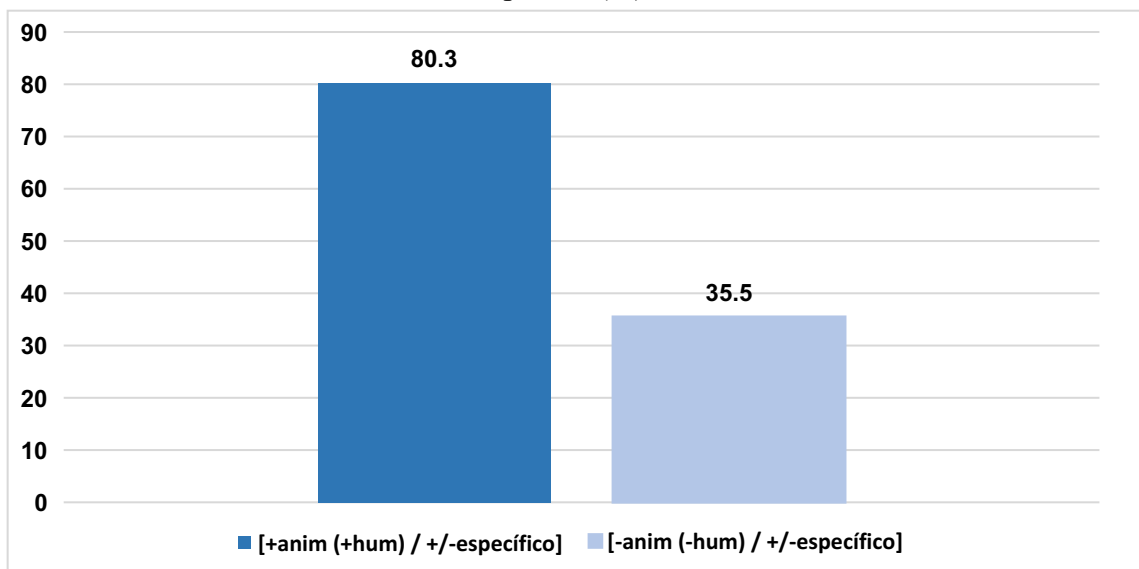
Verificamos, na tabela 11, tanto no que diz respeito aos percentuais quanto ao peso relativo, que os referentes com traços [+anim (+hum) / +/-específico] apresentam os valores percentuais e pesos relativos mais altos no favorecimento ao uso do sujeito pleno, com 80,3% e 0,53 p.r., em relação aos referentes com os traços [-anim (-hum) / +/-específico], desfavorecendo o uso do sujeito expresso, com 35,5% e 0,11 p.r.

Os altos índices de sujeitos lexicalmente realizados com os traços [+anim (+hum) / +/-específico] não nos admiram, uma vez que foi a partir dos sujeitos pronominais com o traço [+referencial] que a mudança na representação dos sujeitos começou, conforme podemos observar em trabalhos realizados sobre mudança na representação dos sujeitos, assim como, não nos surpreendem, os baixos índices de sujeito pronominal expresso com os traços [-anim (-hum) / +/-específico], se considerarmos que, nas línguas do grupo pro-drop, os referentes com

os traços [-anim / -hum] não são representados por pronomes pessoais, como observou Duarte (1995).

O gráfico 11 nos permite visualizar melhor essa hierarquia:

Gráfico 11 – Sujeito pronominal preenchido, segundo o traço semântico do referente de 3ª pessoa (%)



FONTE: Elaboração própria

Duarte e Rezende dos Reis (2018) verificam um aumento significativo dos traços a favor do preenchimento do sujeito em relação à pesquisa de Duarte (1995), com exceção dos referentes [-anim / -esp]. Em nossos dados, também é possível verificar esse aumento considerável nos traços [+anim (+hum) / +/-específico], bem como uma resistência ao uso do sujeito pronominal lexicalmente realizado com os traços [-anim (-hum) / +/-específico].

5.1.1.4 Forma verbal

No estudo da variável *forma verbal*, os fatores considerados são os seguintes, conforme discutido na subseção 4.8.1.5:

a. Forma verbal simples

(96) Mas nós não tinha, oh, **eu** não **fiz** pré-natal, desses menino nenhum (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)

b. Forma verbal complexa

(97) **cv Vou conversar** com ele *pá* ele registrar a menina, mas minha *fia* eu não *dô*. (JAS, 45 anos, Rio das Rãs)

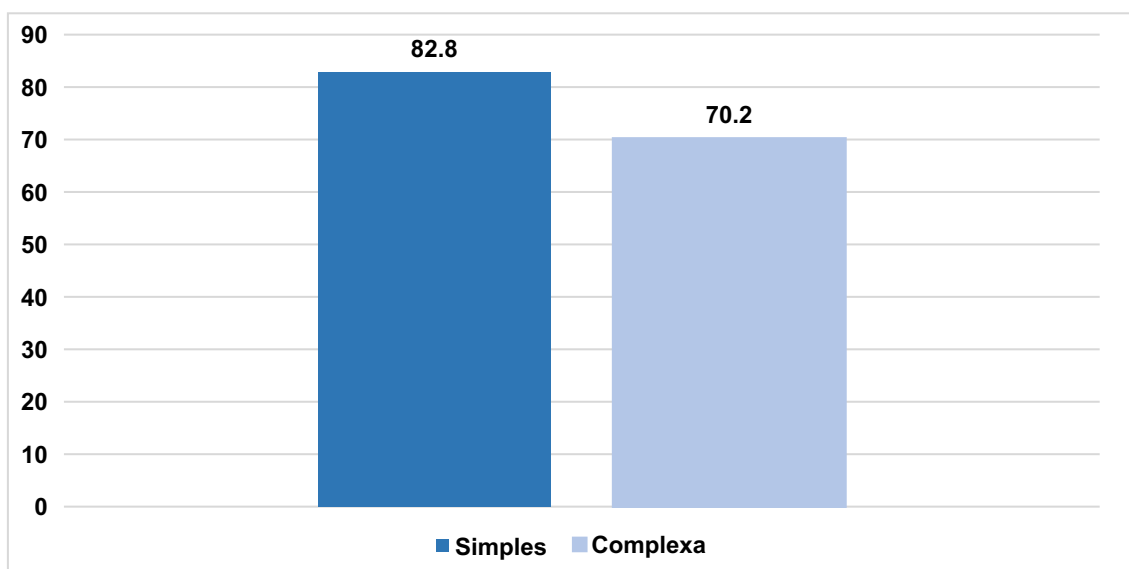
Tabela 12 – Sujeito preenchido, segundo a forma verbal (% e p.r.)

Forma Verbal	Preenchido	Total	%	p.r.
Simples	1081	1306	82,8	0,52
Complexa	160	228	70,2	0,33

FONTE: Elaboração própria

Nesse grupo de fatores, de acordo com o peso relativo, as formas simples são mais propensas ao uso do sujeito pleno (0,52 p.r.), como exemplificado em (96), do que as locuções verbais, constituídas pelos tempos compostos e o futuro perifrástico (0,33 p.r.), como em (97).

No que diz respeito ao percentual, apresentados no gráfico 12, permanece a mesma ordem de significância dos fatores, pois é com a forma verbal simples que há mais ocorrências de sujeito pronominal preenchido (82,8%) em relação à forma verbal composta (70,2%).

Gráfico 12 – Sujeito pronominal preenchido, de acordo a forma verbal (%)

FONTE: Elaboração própria

Acreditamos que o fato de as formas simples favorecerem o uso do sujeito pronominal, não se deve exatamente a esse grupo de fatores, mas ao fato de ser com essa forma que estão realizadas a maioria dos sujeitos de 1ª e 2ª pessoas, que apresentam um processo de mudança praticamente concluído no sistema.

Nos dados de Duarte (1995), os tempos compostos e o futuro perifrástico não mostraram índices representativos para a expressão do sujeito pronominal, ao contrário dos nossos dados em que, tanto a forma simples, quanto a complexa apresentam maior ocorrências de sujeitos pronominais expressos.

5.1.1.5 Morfologia verbal

Nesta pesquisa, para o estudo da variável *morfologia verbal*, consideramos os seguintes fatores discutidos na subseção 4.8.1.2:

a. *+pessoa +plural*

(98) Tem os sobrinhos, tem os primos, **nós somos** uma família muito grande aqui. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

b. *-pessoa -plural*

(99) Que lá quando da cheia mesmo **a gente** mudava para aqui. (APS, 86 anos, Rio das Rãs)

c. *+pessoa -plural*

(100) Rapaz **eu** trabalhei cortano cana. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

d. *-pessoa +plural*

(101) Quando **eles** queriam quebrar tudo lá, era, dismantelar lá tudo com as máquina, nós *barremo* aqui na Brasileira. (ref. “os capangas de Carlos Bonfim”) (TFS, 49 anos, Rio das Rãs)

A tabela a seguir apresenta a frequência de sujeito pronominal preenchido segundo a morfologia verbal:

Tabela 13 – Sujeito preenchido, de acordo com a morfologia verbal (% e p.r.)

Morfologia verbal	Preenchido	Total	%	p.r.
-pessoa, -plural (zero)	788	931	84,6	0,58
+pessoa +plural (mos)	7	8	87,5	0,52
+pessoa -plural (o, ei)	425	565	75,2	0,38
-pessoa +plural (m)	21	30	70,0	0,20

FONTE: Elaboração própria

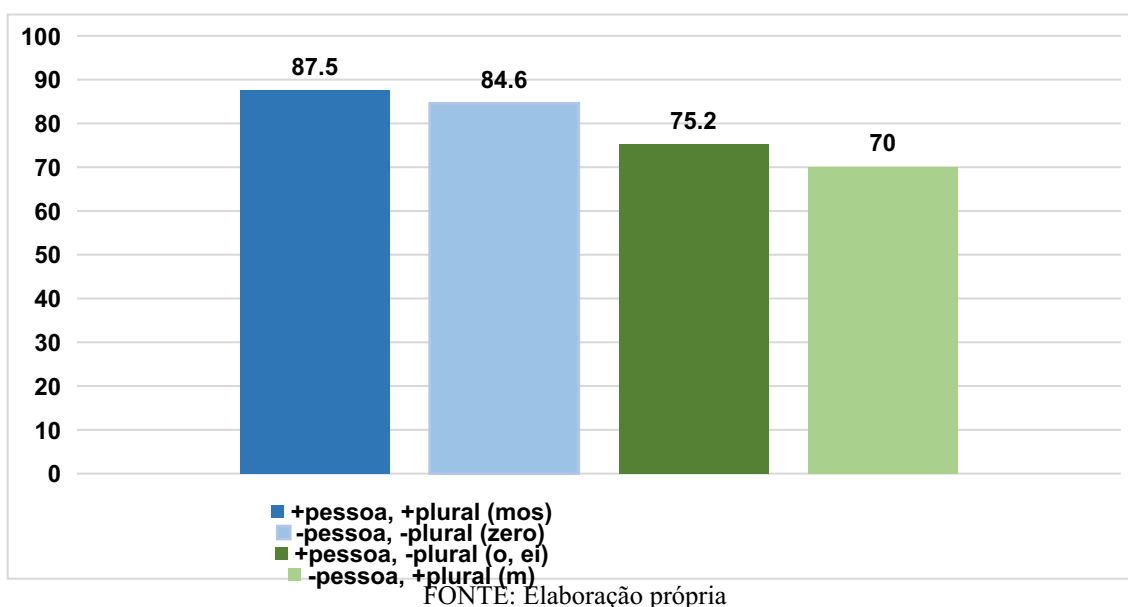
Observamos, na tabela 13, no que diz respeito ao peso relativo, que o contexto de desinência *zero* (-pessoa, -plural) favorece o uso do sujeito pronominal expresso, com 0,58, seguido do contexto de desinência *mos* (+pessoa, +plural), 0,52 e, por outro lado, os contextos de desinência *m* (-pessoa +plural) e de desinência *o, ei, s* (+pessoa, -plural) propiciam o uso do sujeito nulo, correspondendo, respectivamente, a 0,20. e a 0,38.

Com base nesses resultados, percebemos que o contexto mais propenso ao uso do sujeito pronominal preenchido é o fator de desinência *zero*. Possivelmente, isso deve estar relacionado à redução do paradigma flexional, visto que o PB passou de um paradigma com seis formas distintas para um paradigma com três formas distintas, devido às modificações geradas pelo crescente desaparecimento do pronome *nós*, substituído por *a gente*, com a mesma forma verbal de 3ª do singular e com a forma verbal de 1ª pessoa do plural; e à substituição dos pronomes *tu* e

vós por *você* e *vocês*, respectivamente, usando-se as formas verbais da 3ª do singular. Dessa forma, a desinência *zero* é “super utilizada”, pois os pronomes que não estão usando suas respectivas combinações de traços de pessoa (destituídos de suas desinências) valem-se da forma verbal da 3ª do singular. Os falantes tendem a realizar o sujeito pronominal, para deixar claro a que pessoa está se referindo.

Conforme os percentuais, o fator com desinência *mos* (+pessoa, +plural) foi o que apresentou o valor percentual maior de preenchimento do sujeito, correspondentes a 87,5%, no entanto as ocorrências com essa desinência foram pouquíssimas. Esses resultados podem ser visualizados no gráfico 13.

Gráfico 13 – Sujeito pronominal preenchido, segundo a morfologia verbal (%)



Verificamos também, na tabela 13, que, nos escassos casos em que as próprias desinências de cada verbo foram utilizadas, *o*, *ei* (primeira pessoa do singular), *mos* (primeira pessoa do plural) e *m* (terceira pessoa do plural), estavam presentes, além delas, o sujeito pronominal lexicamente realizado, como podemos observar claramente nos exemplos:

(102) **Eu conheci** uma menina mesmo aqui, que ela casou com um pernambucano, ela morava em São Paulo, aí ela casou com um pernambucano e ela vêi morar aqui. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

(103) **Nós somos** uma família muito grande aqui, por que, a família quilombola é uma família grande, né? (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

(104) **Eles contavam** muitas histórias do passado deles. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

Os exemplos nos demonstram que a mudança em direção ao preenchimento do sujeito já se encontra bem avançada, visto que a posição de sujeito está sendo preenchida por sujeitos

pronominais em casos em que as respectivas desinências dos verbos podem licenciar e identificar esse sujeito.

5.1.1.6 Cruzamento do grupo de fatores morfologia verbal com a pessoa do discurso

A fim de verificar se a desinência *-mos* (+pessoa, +plural) está sendo usada com a primeira pessoa do plural, fizemos o cruzamento das variáveis linguísticas *morfologia verbal* e *pessoa do discurso*, apresentado na tabela abaixo:

Tabela 14 – Frequência de sujeito pronominal preenchido, segundo a morfologia verbal e a pessoa do discurso (%)

Morfologia verbal \ Pessoa do discurso	pessoa do discurso (%)			
	+pessoa -plural (o, ei, s) P / T (%)	+pessoa +plural (mos) P / T (%)	-pessoa +plural (m) P / T (%)	-pessoa -plural (zero) P / T (%)
1ª pessoa do singular	425 / 565 (75%)			139 / 163 (85%)
2ª pessoa do singular				54 / 57 (95%)
3ª pessoa do singular				261 / 354 (74%)
1ª pessoa do plural (nós)		7 / 8 (88%)		112 / 121 (93%)
1ª pessoa do plural (a gente)				124 / 129 (96%)
3ª pessoa do plural			21 / 30 (70%)	97 / 106 (92%)

FONTE: Elaboração própria

Verificamos, na tabela 14, que, apesar do elevado percentual com a desinência *-mos* (+pessoa, +plural), 88% são pouquíssimas ocorrências; enquanto com a expressão *a gente* (-pessoa, -plural) houve 129 ocorrências, com 96%. Notamos que não é muito frequente o uso da desinência *-mos* na fala dos informantes da comunidade Rio das Rãs, que preferem preencher a posição de sujeito com a expressão *a gente* utilizando a forma verbal de terceira pessoa do singular, como podemos verificar a seguir nos exemplos:

(105) Porque eu tinha um primo que ele morava sozinho, só ele e a mulher dele, e ai agora que como eu gostava muito dele, eu gostava dele, ai agora, como eu gostava muito dele, aí eu fui morar mas ele, ai durante esse período **a gente morou** lá no Mato Grosso. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

(106) É, **a gente levantava** de manhã cedo, já sabia o que tinha que fazer mesmo. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs).

5.1.1.7 Tempo verbal

No estudo da variável *tempo verbal*, os fatores considerados são os seguintes, conforme discutido na subseção 4.8.1.8:

a. *Presente do Indicativo*

(107) Nós **somo** do Rio das Rãs, mas nós morava mesmo é do outro lado ali do braço. (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

b. *Pretérito imperfeito simples do Indicativo*

(108) Se não tivesse associação eles **cabava** com todo mundo. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

c. *Pretérito perfeito simples do Indicativo*

(109) Eu **conheci** uma menina mesmo aqui, que ela casou com um pernambucano. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

d. *Modo Subjuntivo*

(110) Davi chegou aqui (risos) ele falou que ia trazer né, quando ele **entrasse** cv ia trazer a adutora. (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)

Tabela 15 – Sujeito preenchido, de acordo o tempo verbal (% e p.r.)

Tempo Verbal	Preenchido	Total	%	p.r.
Presente do Indicativo	421	508	82,9	0,58
Subjuntivo	21	25	84,0	0,57
Pretérito imperfeito do Indicativo	382	450	84,9	0,50
Pretérito perfeito do Indicativo	417	551	75,7	0,43

FONTE: Elaboração própria

Destacamos a ausência total do pretérito mais-que-perfeito simples e composto do Indicativo, do futuro do presente do Indicativo e do futuro pretérito do Indicativo. Quanto ao modo Subjuntivo, encontramos ocorrências apenas com o pretérito imperfeito.

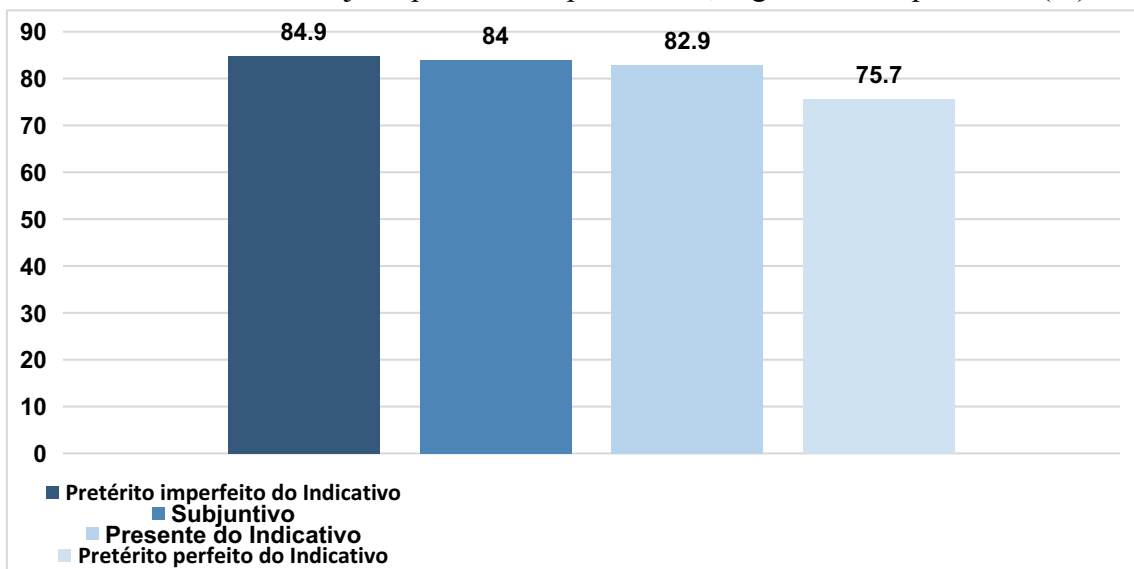
Quanto aos resultados dos pesos relativos, notamos que a diferença de um peso relativo para o outro não é tão significativa, inferior a 0,10, observamos o presente do Indicativo e o pretérito imperfeito do Subjuntivo, com, respectivamente, 0,58 e 0,57, seguidos por uma diferença não significativa do pretérito imperfeito do Indicativo e do pretérito perfeito do Indicativo, com, respectivamente, 0,50 e 0,43, o que nos revela que o emprego de sujeitos pronominais nulos e plenos praticamente se iguala, com uma leve amostra de que se está encaminhando ao preenchimento do sujeito.

Apesar de os valores dos pesos relativos não apresentarem diferença significativa de um fator para outro, observamos que do maior valor, 0,58, para o menor 0,43, há uma diferença um pouco significativa, de mais de 0,10 pontos. Diante disso, verificamos o pretérito perfeito do Indicativo com o menor valor, o que não é surpresa, uma vez que esse é o tempo que apresenta desinências distintas para as 1ª e 3ª pessoas do singular, e, conseqüentemente, está resistindo mais à redução pela qual vai passando o paradigma flexional do PB. Por outro lado, o presente

do Indicativo, que também apresenta desinências distintas para as 1ª e 3ª pessoas do singular, com maior valor 0,58, o que nos demonstra que, provavelmente, a flexão verbal desse tempo está passando pela redução do paradigma flexional, perdendo a capacidade de licenciar o sujeito nulo. Além disso, percebemos que o modo Subjuntivo apresenta um valor semelhante ao presente do Indicativo, 0,57, acreditamos que isso está relacionado ao fato de nesse tempo ter ocorrido sentenças apenas com o pretérito imperfeito, justamente o tempo que não apresenta distinção nas três pessoas do singular, logo o falante tem a necessidade de realizar lexicalmente o sujeito pronominal para se evitar a ambiguidade.

No que diz respeito aos percentuais, observamos valores bem próximos entre os fatores, todos eles apresentando índice de sujeito pronominal preenchido superior a 50%, como podemos visualizar no gráfico 14:

Gráfico 14 – Sujeito pronominal preenchido, segundo o tempo verbal (%)



FONTE: Elaboração própria

Os nossos resultados e os resultados de Duarte (1995) se assemelham quanto ao fato de o pretérito perfeito do Indicativo favorecer o sujeito nulo (em relação aos outros tempos/modos), bem como ao fato de o modo Subjuntivo ser o fator que leva ao emprego do sujeito pleno. Além disso, encontramos em nossos dados um significativo aumento em relação aos dados da autora no favorecimento ao uso do sujeito pronominal preenchido.

5.1.1.8 Estrutura do CP

Neste trabalho, para o estudo da variável *estrutura do CP*, consideramos os seguintes fatores discutidos na subseção 4.8.1.5:

a. *CP vazio*

(111) Eles não fazem brincadeira com o pai deles não. (JAS, 45 anos, Rio das Rãs)

b. *SPEC de CP preenchido*

(112) Porque eu tinha **[um primo]_i** **[que ele_i** morava sozinho], só ele e a mulher dele. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs) (oração relativa)

(113) Nem Edilson nem Edite não passou, aí **[eu]_i** coloquei os dois pra casa, ficava pagano pra eles repetir a séria, preles não esquecer. Oh, meu Deus **[o que que eu_i faço]**? (ADS, 66 anos, Rio das Rãs) (oração interrogativa)

c. *Núcleo de CP preenchido*

(114) **[CP Quando** **[IP eu** ganheiro Mônica], eu fiquei parálitica. (ALS, 65 anos, Rio das Rãs)

Tabela 16 – Sujeito preenchido, segundo a estrutura de CP (% e p.r.)

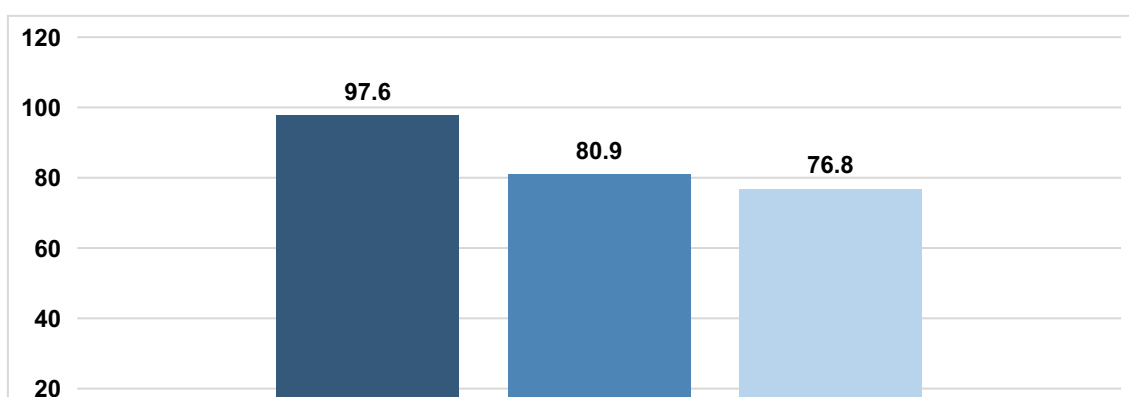
Estrutura de CP	Preenchido	Total	%	p.r.
Spec de CP preenchido	40	41	97,6	0,88
CP vazio	1065	1316	80,9	0,48
Núcleo de CP preenchido	136	177	76,8	0,55

FONTE: Elaboração própria

Verificamos, na tabela 16, que todos os fatores apresentam altos índices de preenchimento, apesar disso, o *SPEC de CP preenchido* (as orações interrogativas encabeçadas por pronomes interrogativos e as orações subordinadas adjetivas encabeçadas por pronomes relativos) é o contexto que mais favorece a realização lexical do sujeito, com 0,88 p.r., em relação aos fatores núcleo de CP preenchido (as orações subordinadas substantivas e adverbiais encabeçadas por conjunções) e CP vazio (as orações com período simples e as coordenadas iniciais), respectivamente, com 0,55 p.r. e 0,48 p.r.

Quanto aos valores percentuais, também é o fator *Spec de CP preenchido* que apresenta o maior índice de sujeito pleno, com 97,6%, em relação aos fatores CP vazio e núcleo de CP preenchido, respectivamente, com 80,9% e 76,8%, conforme verificamos no gráfico 15:

Gráfico 15 – Sujeitos pronominal preenchido, segundo a estrutura do CP (%)



FONTE: Elaboração própria

O alto índice de sujeito pleno com o fator *SPEC de CP preenchido* não nos causa surpresa, pelo fato de termos considerado a tese de Duarte (1995) de que esse contexto sintático era o ponto mais vulnerável no sistema, por onde deve ter começado a implementação do sujeito pronominal exposto, a autora observou que, no português europeu (língua do grupo pro-drop), a oração relativa é a única estrutura que favorece o sujeito pronominal exposto.

Ao compararmos os nossos dados com os de Duarte e Rezende dos Reis (2018), verificamos que, em ambos, o fator *SPEC de CP preenchido* é o contexto que mais favorece o sujeito pronominal exposto, seguido, a uma diferença significativa, pelos fatores *núcleo de CP preenchido* e *CP vazio*.

5.1.2 Variáveis sociais independentes

As variáveis sociais, nas pesquisas, costumam ser muito importantes para demonstrar padrões de comportamentos linguísticos dos falantes, conforme as características do espaço em que vivem. Contudo, neste estudo, as variáveis sociais não foram selecionadas como significativas para o preenchimento do sujeito pelo programa *Goldvarb X*.

Os resultados mostram que no processo de mudança as variáveis linguísticas se sobrepõem às variáveis sociais, fato também demonstrado no trabalho de Duarte e Rezende dos Reis (2018). Segundo os autores, essa ocorrência não causa surpresa, uma vez que um sujeito pronominal exposto não é percebido pelos falantes, e conseqüentemente não é alvo de estigma, o que contribui para sua implementação no sistema.

Ao observar os valores percentuais dos grupos de fatores sociais, percebemos que, em cada uma das variáveis sociais, os fatores não apresentam uma diferença superior a 10%, o que nos demonstra que, de fato, o sujeito pronominal exposto não é alvo de avaliação negativa por parte dos falantes, uma vez que informantes, masculinos ou femininos; sem escolaridade ou semialfabetizados; jovens, adultos ou idosos; que saíram ou que não saíram da comunidade por mais de 6 meses, fazem uso igualmente do sujeito pronominal preenchido.

Apesar de nenhuma das variáveis ter sido selecionadas pelo programa, consideramos importante apresentar os resultados do grupo de fatores *faixa etária*, uma vez que essa variável é considerada muito relevante para identificar e explicar as mudanças linguísticas, se o fenômeno linguístico variável estudado em uma dada comunidade se encontra em *mudança em curso* ou se caracteriza *variação estável*, por exemplo, como vimos na seção 4. Os resultados para esse grupo são apresentados na tabela 17:

Tabela 17 – Sujeito preenchido, segundo a faixa etária (% e p.r.)

Faixa etária	Preenchido	Total	%	p.r.
Jovens (25 a 35 anos)	445	554	80,3	0,49
Adultos (45 a 55 anos)	555	669	83,0	0,53
Idosos (Mais de 65 anos)	241	311	77,5	0,45

FONTE: Elaboração própria

Com base nesses resultados, constatamos que a hipótese inicial proposta por esta pesquisa de que os falantes mais jovens da comunidade Rio das Rãs utilizariam mais estratégias de preenchimento do sujeito, podendo revelar uma mudança em curso, baseada na abordagem *gradação etária*, em que podemos, por exemplo, comparar a fala de um adulto de 70 anos e a fala de um jovem de 15 anos e observar uma mudança em curso, não se confirmou, visto que não há um emprego mais significativo dessa variável pelos jovens com relação aos das demais faixas etárias. Por outro lado, observamos que todas as faixas etárias favorecem o uso do sujeito pronominal preenchido, assemelhando-se, assim, aos estudos da variável urbana (DUARTE, 1995; Duarte; Reis, 2018), o que parece estar relacionado às mudanças sofridas por essa comunidade, que fizeram com que saísse do isolamento que vivia no passado:

O aumento das vias de transporte, como a extensão da BA-160 e a construção da ponte sobre o Rio São Francisco, localizada a 80 km das comunidades de Rio das Rãs, facilitando o acesso e encurtando as distâncias para o município de Bom Jesus da Lapa;

- a) A construção de um prédio para abrigar a escola e sua recente modernização proporcionada pela implantação do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec);
- b) A chegada da energia elétrica;
- c) A implantação do posto de saúde com profissionais da área;
- d) Inovações tecnológicas.

Sendo assim, o vernáculo desta comunidade parece estar caminhando na mesma direção que vem percorrendo o PB rumo à mudança no sentido de um sistema não *pro-drop*, como tem sido demonstrado em trabalhos da variedade urbana como os de Duarte (1995), Duarte e Rezende dos Reis (2018), Cavalcante (2001), entre outros.

Na próxima subseção, apresentamos as construções com *Deslocamento à Esquerda (DE)* encontradas na fala da comunidade quilombola Rio das Rãs.

5.2 Uma pequena amostra de evidência da mudança: construções de Deslocamento à Esquerda

Além da análise dos dados submetidos ao programa Estatístico *Goldvarb X*, apresentamos, nesta subseção, as construções de tópicos com Deslocamento à Esquerda, encontradas no vernáculo da comunidade quilombola Rio das Rãs.

De acordo com autores, como Pontes (1987), Galves (1998; 2001), Kato (2015), Kato e Duarte (2014), entre outros, o PB tem se comportado como uma língua de tópico, ou seja, que exibem construções com um constituinte externo à sentença seguido de uma sentença-comentário, como exemplificada em (115):

(115) A: E o Itaquerão?

B: **O Itaquerão**, a Fifa vai ajudar no acabamento. (KATO; DUARTE, 2014, p. 158)

Pontes (1987) apresenta quatro tipos de construções de tópico:

a. *Anacoluto*: o constituinte topicalizado estabelece uma relação semântica com o verbo.

Vejamos:

(116) **Doce** eu gosto de gelatina, gosto de pudim. (ORSINI; VASCO, 2007, p. 84, grifo dos autores)

b. *Topicalização*: o constituinte topicalizado é vinculado a uma categoria vazia dentro da sentença-comentário, conforme (117)

(117) **Lago**_i também acho ___i bonito. (ORSINI; VASCO, 2007, p. 84, grifo dos autores)

c. *Deslocamento à Esquerda* (DE): o constituinte topicalizado possui um correferente expresso na sentença-comentário. Vejamos:

(118) **As praias do Nordeste**_i elas_i são todas muito lindas. (ORSINI; VASCO, 2007, p. 84, grifo dos autores)

d. *Tópico-sujeito*: o constituinte topicalizado é localizado na sentença com um sujeito nulo não argumental, conforme (119):

(119) **Essas janelas** estão ventando. (ORSINI; VASCO, 2007, p. 85, grifo dos autores)

Conforme vimos, as construções com duplicação de sujeito, conhecidas como DE, são caracterizadas por retomar, por meio de um pronome cópia ou por outro elemento equivalente um constituinte externo à sentença (em uma posição acima de IP); em nosso estudo, os sujeitos pronominais retomam elementos deslocados à esquerda, conforme exemplificado em (120):

(120) [**Meu pai**]_i, **ele**_i quase endoidou, só ... só vivia no mato caçando. (ABP, 86 anos, Rio das Rãs)

Duarte (1995) e Duarte e Rezende dos Reis (2018) ressaltam uma estreita relação entre essas estruturas com DE e a mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito no PB, uma vez que essas estão ausentes nas línguas românicas de sujeito nulo, isto é, segundo os autores, o

aparecimento das estruturas com DE e sua implementação no sistema é uma consequência da mudança na representação do sujeito pronominal, ao se levar em conta que a mudança linguística nunca acontece no sistema de forma não acidental, que há sempre efeitos colaterais (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968-2006). Dessa forma, de acordo com os pesquisadores, as construções com DE são uma importante evidência do encaixamento da mudança.

Em nosso *corpus*, foram computados, entre os sujeitos pronominais plenos, 23 ocorrências de sujeitos deslocados à esquerda, de 1ª e de 3ª pessoas. Essas estruturas de DE, computadas em nosso *corpus*, conforme também atestados em Duarte e Rezende dos Reis (2018), exibem: (i) sujeitos definidos de 1ª e 3ª pessoas, conforme (121), (122) e (123), respectivamente; (ii) DP deslocados com os traços [+hum / -esp], [-anim / -esp], conforme (124) e (125), respectivamente:

(121) [**Ieu**]_i graças a Deus **eu**_i ajudo minha esposa, Ivani. (JSB, 54 anos, Rio das Rãs)

(122) [**A mãe minha**]_i, **ela**_i não sabe nem escrever o nome. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

(123) [**Meus filho**]_i, **eles**_i quase não sai pra trabalhar. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

(124) [**O pessoal**]_i, **eles**_i vinha era de barco. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

(125) [**Um poço**]_i, **ele**_i nan diminui a água. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

De acordo com Duarte (1995, p. 123), a existência das estruturas de deslocamento à esquerda é “o melhor argumento a favor do afastamento do PB desse grupo de línguas”. Dessa forma, consideramos que as ocorrências dessas estruturas, que são evidências do encaixamento da mudança, na fala da comunidade quilombola Rio das Rãs, podem atestar que o vernáculo desta comunidade está caminhando na mesma direção que vem percorrendo outras variedades do PB rumo à mudança no sentido de um sistema não pro-drop.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi analisar a ausência/presença do sujeito pronominal de referência definida na fala de moradores da comunidade quilombola Rio das Rãs, situada no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

À luz da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989-2007), que associa pressupostos teóricos da Teoria da Variação (WEINREICH LABOV; HERZOG, 1968-2006; LABOV, 1972-2008) e da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), analisamos a variável dependente *sujeito pronominal nulo versus sujeito pronominal preenchido* correlacionada a variáveis independentes. Na análise das variáveis independentes linguísticas, destacaram-se os grupos, conforme seleção apontada pelo Pacote de Programa Estatístico: (i) *pessoa do discurso*; (ii) *padrão sentencial*; (iii) *traço semântico do referente de 3ª pessoa*; (iv) *forma verbal*; (v) *morfologia verbal*; (vi) *tempo verbal*; (vii) *estrutura do CP*; entre as variáveis independentes sociais não sobressaiu nenhum grupo de fatores.

Nessa análise, foram computados 1534 (um mil, quinhentos e trinta e quatro) dados, dos quais 1241 (um mil, duzentos e quarenta e um) apresentam sujeito pronominal pleno, correspondentes a 80,9%, e 293 (duzentos e noventa e três) apresentam sujeito pronominal nulo, correspondentes a 19,1%. Esses resultados revelam alto índice de preenchimento do sujeito pronominal na fala dos moradores de Rio das Rãs, assemelhando-se, assim, aos dados de estudos da variável urbana (DUARTE, 1995; DUARTE; REIS, 2018), o que acreditamos estar relacionado às mudanças sofridas por essa comunidade, citadas anteriormente na seção 5.1.2, que fizeram com que saísse do isolamento que vivia no passado.

Em relação à variável *pessoa do discurso*, os nossos resultados revelaram que a *1ª pessoa do plural* (a gente) (0,75 p.r.), a *2ª pessoa do singular* (0,63 p.r.) e a *1ª pessoa do plural* (nós) (0,62 p.r.) favorecem mais o preenchimento do sujeito em relação à *1ª pessoa do singular* (0,47 p.r.) e à *3ª pessoa do singular* (0,36 p.r.).

No tocante ao *padrão sentencial*, percebemos uma hierarquia no favorecimento ao preenchimento do sujeito - de um lado, *os padrões E* (distante), *F* (presença de gatilho) e *D* (outra função), com pesos relativos 0,49, 0,46 e 0,42, respectivamente; intermediariamente *os padrões C* (adjacente) e *B* (sem c-comando), ambos com 0,29 p.r.; por último, *o padrão A* (com c-comando) com 0,10 p.r..

Quanto à variável *traço semântico do referente de terceira pessoa*, observamos que os referentes com traços [+anim (+hum) / +/-específico] são os que mais favorecem à realização

lexical do sujeito pronominal, com peso relativo 0,53 em oposição aos referentes com os traços [-anim (-hum) / +/-específico], que desfavorecem o uso do sujeito expresso, com 0,11 p.r.

A variável *forma verbal*, representada por dois fatores: *forma verbal simples* e *forma verbal composta*, apresenta os seguintes resultados: o fator representado pela *forma verbal simples* tende ao uso do sujeito pronominal expresso, com peso relativo 0,52; ao contrário da *forma verbal composta*, que apresenta peso relativo 0,33.

Em relação à variável *morfologia verbal*, os resultados demonstram que a desinência zero (-pessoa, -plural) e a desinência *mos* (+pessoa, +plural) favorecem o uso do sujeito pronominal pleno, respectivamente, com pesos relativos 0,58 e 0,52; em contrapartida, os contextos de desinência *m* (-pessoa +plural) e de desinência *o, ei*, (+pessoa, -plural) desfavorecem a realização lexical do sujeito pronominal, correspondendo, respectivamente, a 0,20. p.r. e a 0,38 p.r.

No tocante ao *tempo verbal*, percebemos que os fatores apresentam pesos relativos bem próximos uns dos outros, a diferença de um peso relativo para o outro não é tão significativa, inferior a 0,10, notamos o *presente do Indicativo* e o *pretérito imperfeito do Subjuntivo*, com, respectivamente, 0,58 e 0,57, seguidos por uma diferença não significativa do *pretérito imperfeito do Indicativo* e do *pretérito perfeito do Indicativo* (com 0,50 e 0,43., respectivamente). A diferença significativa que observamos está entre o peso relativo mais alto, do *presente do Indicativo*, com 0,58, em relação ao peso relativo mais baixo, do *pretérito perfeito do Indicativo*, com 0,43.

Quanto à variável *estrutura do CP*, verificamos de um lado o *Spec de CP preenchido* favorecendo o sujeito expresso, com 0,88 p.r. e, por outro lado, os fatores *núcleo de CP preenchido* e *CP vazio*, desfavorecendo o sujeito pronominal pleno, com, respectivamente, 0,55 p.r. e 0,48 p.r.

Em nosso trabalho, as variáveis sociais não foram selecionadas como significativas para o preenchimento do sujeito pelo programa *Goldvarb X*. Os resultados mostram que, no processo de mudança por que vem passando essa comunidade, as variáveis linguísticas se sobrepõem às variáveis sociais, revelando que o uso do sujeito pronominal não é alvo de avaliação negativa por parte dos falantes, o que contribui para sua implementação no sistema. Apesar de nenhuma das variáveis sociais ter ido selecionada pelo programa, discutimos os resultados do grupo de fatores *faixa etária*, a fim de verificar se os falantes mais jovens da comunidade Rio das Rãs utilizariam mais estratégias de preenchimento do sujeito, podendo revelar uma mudança em curso, no entanto os resultados revelaram que todas as faixas etárias favorecem o uso do sujeito pronominal preenchido. Nesse caso, não podemos confirmar a hipótese inicial proposta por esta

pesquisa, pois todos os grupos etários estão igualmente utilizando a estratégia de preenchimento do sujeito, o que demonstra sua expansão no português brasileiro como um todo, seja na variedade urbana seja na variedade quilombola, como a aqui estudada.

Foi possível verificar também, em nossos resultados, uma evidência de *encaixamento*, ou o efeito colateral relacionado à entrada do uso do sujeito pronominal no sistema, representada pela ocorrência de construções com o sujeito deslocado à esquerda, o que, de acordo com Duarte (1995) e Duarte e Rezende dos Reis (2018), é uma evidência do encaixamento da mudança paramétrica pela qual passa o PB, uma vez que essas estruturas não estão presentes em línguas românicas de sujeito nulo.

Com base nos resultados apresentados, podemos concluir que a mudança em direção ao preenchimento do sujeito referencial definido já se encontra bem avançada na fala da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, revelando que a variedade falada por esta comunidade parece estar caminhando na mesma direção que vem percorrendo o PB, no sentido de estar se afastando do grupo das línguas *pro-drop*.

Esperamos, enfim, que esta pesquisa da fala vernácula registrada no *corpus* de amostra de fala dessa comunidade quilombola contribua para a discussão acerca do fenômeno do sujeito nulo *versus* sujeito preenchido no PB.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. L. F. de. **Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia**. 2013. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270521/1/Almeida_NormaLuciaFernandes_de_D.pdf. Acesso em: 16 jul. 2019.
- BERLINCK, R. de A. **A ordem V SN no Português do Brasil: Sincronia e Diacronia**. 256 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270747>. Acesso em: 18 out. 2019.
- BRITO, K. M. S.; OLIVEIRA, K. R. F.; CHAVES, S. F.; GONÇALVES, E. Uso do pronome de terceira pessoa ‘ele(a)’ com verbos impessoais. *In: X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa*, 2015, Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista: UESB – DELL, 2015. p. 130.
- BORER, H. **Parametric Syntax. Case Studies in Semitic and Romance Languages**. Dordrecht: Foris Publications, 1983.
- CARVALHO, J. J. de (org.). **O Quilombo do Rio das Rãs: Histórias, tradições, lutas**. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CAVALCANTE, M. A. da S. **O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso**. 2001. 128 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2001.
- CHAVES, A. S. **A ordem VS no português da fronteira**. 78 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding**. *Linguistic Inquiry Monograph*, v. 6, Cambridge, MIT press, 1982.
- CHOMSKY, N. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1994. 344 p.
- COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- CORVALÁN, C. S. **Extending the sociolinguistic variable to syntax: The case of pleonastic clitics in Spanish**. *In: D. Sankoff & H. Cedergreen (eds.)*, 1981.
- CUNHA, A. S. de A. **A atuação do ‘Parâmetro do Sujeito Nulo’ na variedade popular do português falado nos quilombos do Maranhão**. 228 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2003.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 163-184.

CYRINO, S. M. L. **O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático diacrônico**. 227 f. Tese (doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270355/1/Cyrino_SoniaMariaLazzarini_D.pdf. Acesso em: 04 abril. 2019.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. *In*: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (ed.) **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Madri: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Verveurt, 2000, p. 55-73.

DUARTE, M. E. L. **Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil: variação e sintaxe**. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 8, n. Especial, p. 37-52, 1992.

DUARTE, M. E. L. **A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. 144 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270366>. Acesso em: 04 abril. 2019.

DUARTE, M. E. L.; REIS, E. P. R. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. **ReVEL**, São Paulo, vol. 16, n. 30, p. 173-197, 2018. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/23f8c093cf2be398414c965bf05f8e75.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2020.

DUARTE, M. E. L. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. **Guavira Letras**, Três Lagoas, v. 15, n. 31, p. 124-140, 2019a. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/868/606>. Acesso em: 17 fev. 2020.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. *In*: GALVES, Charlot; ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2019b, p. 93-126.

DUARTE, M. E. L. **Participação via Skype em banca de dissertação** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por eugenia@brazilmail.com em 2 de nov. 2019c.

DUBUISSON, C. **L’inversion du SN sujet et la post-position du SN loud en français**. *In*: D. Sankoff & H. Cedergreen (ed.), 1981.

GALVES, C. **Agreement and Subject in Brazilian Portuguese**. ms, Universidade Estadual de Campinas, 1991.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 387-408.

GALVES, C. M. C. Tópicos, Sujeitos, Pronomes e Concordância no Português Brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 34, p. 7-21, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637048/4770>. Acesso em: 23 jul. 2020.

GALVES, C. M. C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GREENBERG, J. **Universals of Language**. 2. ed. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1963.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa, instrumental de análise**. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

HENRY, Alison. Variation and Syntactic Theory. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (ed.). **The Handbook of Language Variation and Change**. 3.ed. Oxford; Australia: Blackwell, 2006. p. 267-282

HOCHBERG, J. Functional compensation for /s/ deletion in Puerto Rican Spanish. **Language: Journal of the Linguistic Society of America**, v. 62, n. 3, p. 609-621, 1986.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

HUANG, C.T. J. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, n. 15, p. 531-574, 1984.

KATO, M. A. Expletivos nulos e construções de tópico/sujeito no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 57, n.1, p. 7-22, 5 ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641469/8986>. Acesso em: 23 jul. 2020.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no Português Brasileiro. **Sociodialeto**, Campo Grande, v.4, n.12, p.153-177, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/73648226-A-variacao-entre-construcoes-finitas-pessoais-e-impessoais-no-portugues-brasileiro.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

KAYNE, R. On certain differences between French and English. **Linguistic Inquiry**, United States, v. 12, p. 349-371, 1981.

KEAN, M. L. **The Theory of Markedness in Generative Grammar**. Thesis (Doutorado) – distributed by the Indiana University Linguistics Club, Bloomington, 1975.

KEENAN, E; COMRIE, B. Noun phrase accessibility and universal grammar. **Linguistic Inquiry**, Estados Unidos, v. 8, n. 1, p. 63-100, 1977.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol I: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. 1 ed. São Paulo, Parábola Editorial, 1972-2008. 392 p.

LIRA, S. de A. **Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese**. 227 f. Thesis – University of Pennsylvania, 1982..

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. 2001. 364 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

NARO, A. J. Morphological constraints on subject deletion. *In*: D. Sankoff e H. Cedergreen (org.). **Variation omnibus**. Edmonton, Alberta: Linguistic Research Inc, 1981.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010. p. 43-50.

OLIVEIRA, K. R. F.; GONÇALVES, E. O pronome de terceira pessoa 'ele' preenchendo a posição de sujeito em construções impessoais. *In*: SEVALING Seminário de Variação e Mudança Linguística no Sudoeste da Bahia, 2017, Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista: UESB – DELL, 2017.

OMENA, N. P. de. **Pronome pessoal de terceira pessoa**: suas formas variantes em função acusativa. 138 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

ORSINI, M. T; VASCO, S. L. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v.2, p. 83-98, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3852/15904>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PAIVA, M. C. de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 33-42.

PICALLO, M. C. The infl node and the null subject parameter. **Linguistic Inquiry**, Estados Unidos, v. 51, p. 75-101, 1984.

PONTES, E. S. L. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

RAMOS, J. O emprego de preposições no português do Brasil. *In*: TARALLO, F. (org). **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, p. 83-93, 1989.

RAMOS, J. **Marcação de Caso e mudança sintática no português do Brasil**: uma abordagem gerativa e variacionista, 380 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269355>. Acesso em: 18 out. 2019.

RIZZI, L. **Issues in Italian Syntax**. Dordrecht: Foris Publications, 1982.

SAFIR, K. **Syntactic Chains and the Definiteness Effect**. Thesis (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology, 1982.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005

SOUZA, J. E. de; ALMEIDA, C. D. de. **Comunidades rurais negras Rio das Rãs - Bahia**. Documentário. DF: Arte e Movimento, 1994.

JAEGGLI, O., SAFIR, K. J. The null subject parameter. Reidel: Dordrecht, 1989.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 273 f. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.

TARALLO, F. The filling of the gap: Pro-drop rules in Brazilian Portuguese. *In*: L. D. King & C. A. Maley (eds.), **Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages**, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., p. 354-375, p. 1985.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. Por uma sociolinguística românica "paramétrica": fonologia e sintaxe. **Ensaios de Linguística**, Belo Horizonte, n.13, p. 51-83,1987. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7205/6205>. Acesso em: 21 out. 2019.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 69-106.

TARALLO, F.; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 13-42, 1989-2007. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2007.v2n0a3849>. Acesso em: 18 out. 2019.

TORREGO, E. On inversion in Spanish and some of its effects. **Linguistic Inquiry**, Estados Unidos, v. 15, n. 1, p. 103-129, 1984.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 1968-2006. 152 p.